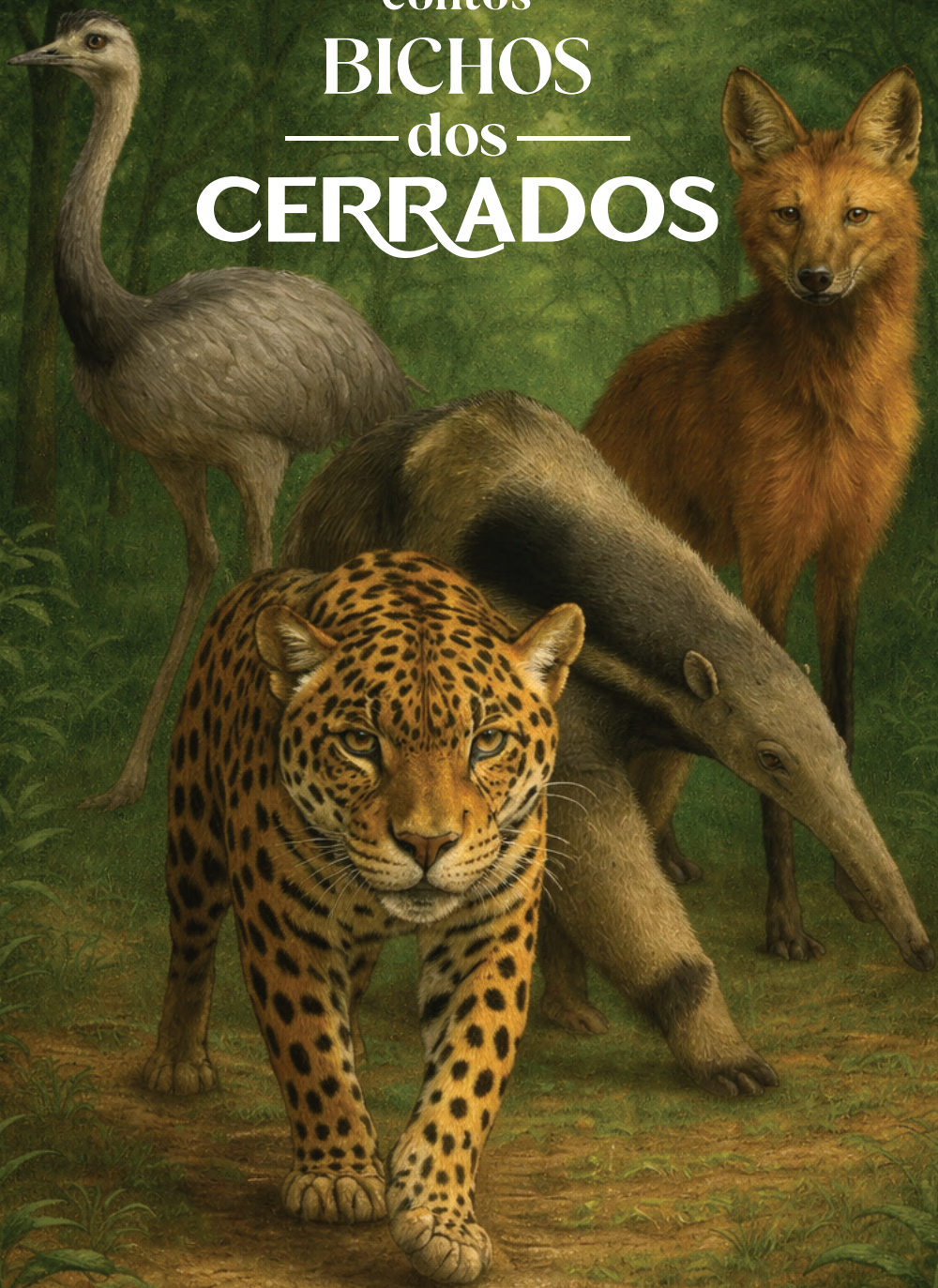


contos
BICHOS
— dos —
CERRADOS



JOÃO PINHEIRO E ROBSON BATISTA [org]

contos
BICHOS
— dos —
CERRADOS





JOÃO PINHEIRO E
ROBSON BATISTA [ORG]

contos
BICHOS
— dos —
CERRADOS



1ª Edição
Maio • 2026 • São Paulo/SP
Selo Editorial Independente

©Academia Barreirense de Letras, 2026

Todos os direitos desta edição reservados aos seus autores, organizadores e editora.

Editorial

Editora-chefe | Brenda Rodrigues

Organização | João Pinheiro e Robson Batista

Revisão textual | Adilma Vilela, Antonia Prado, Antônio de Pádua,

Marilde Guedes e João Pinheiro

Arte de capa | Inácio Cordeiro

Designer final de capa | Sergio Cabral Jr.

1ª Diagramação | João Pinheiro

Diagramação final & projeto gráfico | Sergio Cabral Jr.

1ª Impressão, 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bichos dos Cerrados : contos / organização João
Pinheiro , Robson Batista. -- 1. ed. -- São
Paulo : Selo Editorial Independente, 2026.

Vários autores.

ISBN 978-65-84057-05-0

1. Contos brasileiros I. Pinheiro, João.
II. Batista, Robson.

26-348480.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Selo Editorial Independente

São Paulo - SP • Escritório Particular

Atendimento presencial mediante agendamento.

Whatsapp: (11) 96736-8598

www.seloeditorial.com

Dedicamos este livro aos bichos dos Cerrados, protagonistas de nossas histórias e símbolos da força da terra.

Também às crianças, jovens e adultos que descobrem nesses bichos não apenas narrativas, mas guardiões silenciosos da vida e da memória — inspirando lições de cuidado, respeito e esperança, para que possamos resistir e florescer em cada estação.

PREFÁCIO

Durante seu exílio forçado na Sibéria, após ser preso por atividades antigovernamentais, Dostoiévski solicitou desesperadamente livros à sua família, escrevendo: “Mandem-me livros, livros, muitos livros, para que minha alma não morra”.

Nunca é demais reforçar a importância do livro, quer em casos como esse, quer no que se propõe esta obra *Bichos dos Cerrados*. Enquanto aquele pensador, mestre das letras e do saber, clama por livros, para salvar-lhe a alma, esta coletânea se propõe a contribuir para a preservação e a proteção da fauna e da flora em sua biodiversidade.

Lembrei-me de dar essa introdução ao nosso prefácio, como forma de melhor ilustrar essa coletânea, em se tratando da importância, como disse, do livro.

Gostaria de comentar isoladamente cada um dos contos, mas me vejo impedido nesse intento, quer pelo grande número deles, quer pela impossibilidade de acomodá-los convenientemente neste mesmo espaço.

O mais importante, contudo, pelo que me fora dado ler e contemplar, com extremo deleite, se traduz no quanto os autores, nesse conjunto de contos, foram capazes de enriquecer, de forma tão elogiável, esta coletânea.

Quantas histórias interessantes, em páginas antológicas, contribuindo realmente para seu enriquecimento, escritas com a linguagem da alma, em teor poético-literário, responderão pelo merecido sucesso junto aos leitores!

Em se falando de histórias interessantes, ligadas ao mundo dos Bichos dos Cerrados, este mesmo mundo se vê agora ainda mais encantado, com o Reinado da Onça-Pintada, depois que ela recebeu o título de majestade, para reinar em seu próprio território, contrapondo-se ao leão, como rei dos animais lá pelas bandas da África.

E por que não coroarmos, também, a ema, como rainha dos nossos cerrados, pelo seu porte de elegância e de beleza, inclusive como a maior de todas as aves brasileiras não voadoras, contrapondo-se, a exemplo da Onça-Pintada frente aos leões, à avestruz, de não menor beleza, também lá das plagas africanas.

Em que pese a mão predatória do homem, dizimando em proporções assustadoras nossos biomas, o Brasil continua abrigando uma biodiversidade única e rica, com destaque para o lobo-guará, tamanduá-bandeira, ema, onça-pintada, onça-suçuarana, gato jaguatirica, anta, tatu-canastra, capivara, caititu, veado-campeiro, raposa, dentre outras espécies.

Comporta, ao ensejo, um registro, com parabéns, pela beleza da capa, sob a forma de homenagem à fauna dos cerrados, que certamente não deixará de se orgulhar, ali tão bem representada pelos quatro espécimes que a ilustram.

Como nem tudo são flores, em meio aos que compõem nossa rica biodiversidade, alguns bichos dos cerrados se veem ameaçados de extinção pela perda do seu habitat, quer pelos destruidores incêndios e pelas mudanças climáticas, que resultam no aquecimento global, quer pelos demais fenômenos catastróficos contra a natureza.

Tal realidade nos impõe uma nova e imprescindível consciência ecológica, especialmente daqueles que amam a natureza, dando o melhor de si e dos seus ideais na defesa do meio ambiente.

Com o selo editorial da Academia Barreirense de Letras, foram publicados os seguintes livros: *Contos dos Cerrados* (2023), *Mistérios dos Cerrados* (2024), *Brincadeiras dos Cerrados* (2025), e o atual *Bichos dos Cerrados* (2026), como contribuição à preservação e proteção da fauna e da flora em sua biodiversidade.

Sobre nosso conto, como contribuição a esta coletânea, não poderia deixar de ressaltar o quanto esses habitantes da natureza, responderam pelo nosso prazeroso passeio de barco a motor pelo Rio Preto. Foi quando aquelas garças, de plumagem branca, posicionando-se à frente do barco, acompanhando-lhe a velocidade em voos rasantes sobre nossas cabeças, davam a impressão de que estavam festejando conosco aqueles momentos de raro prazer.

Imaginando haver cumprido tão honrosa missão, dentro do que me ocorrera lembrar para apresentação deste prefácio, seguem agora os merecidos parabéns.

Inicialmente à Professora Marilde, pelo quanto, como Presidente, vem enriquecendo, culturalmente, as atividades da Academia Barreirense de Letras, assim como pelo seu desempenho como revisora da coletânea em apreço.

Cumprimentos que se estendem aos organizadores Inácio Cordeiro, Robson Batista e João Pinheiro, este, como Presidente da Comissão, assim como aos revisores Antônio de Pádua, Adilma Vilela e Antônia Prado.

Ao final de tão árdua, conquanto prazerosa missão, são os agradecimentos, que não haveriam de faltar à Presidente Marilde, ao confrade João Pinheiro e à imortal Adilma Vilela, pela deferência com que me distinguiram, atribuindo-me a responsabilidade de prefaciар uma obra de tamanha magnitude.

Salvador-BA, 23 de fevereiro de 2026.

José Paes Landim

CARTA AO LEITOR

Prezado leitor,

Gostaria de começar esta carta com uma memória especial.

O ano de 2025 revelou-se, de fato, extraordinário para a Academia Barreirense de Letras. Recebemos oficialmente a doação do antigo Paço Municipal para sediar o nosso templo literário; acolhemos mais oito membros temporários que vieram somar aos trabalhos da confraria; e mantivemos as portas abertas para atender às mais distintas demandas — lançamentos de livros, apresentações artísticas e visitas escolares. Assim, fizemos jus ao título de bem cultural carregado por nosso prédio histórico, oficialmente tombado e, portanto, patrimônio do povo.

Realizamos também um inesquecível concurso de poesia e fomos convidados a compor mesas de jurados em outros. Participamos de mais uma Festa Literária Internacional de Barreiras. Mas, acima de tudo, celebramos em apoteose os vinte anos de existência da Academia — essas celebrações, marcadas por solenidades memoráveis, refletiram a consolidação do nome da instituição no cenário regional.

Para além da nostalgia coletiva, guardo uma memória particular, gravada na alma deste escritor que é, ao mesmo tempo, testemunha ocular e personagem desta história. Trata-se da minha promoção de membro-correspondente ao cargo de membro efetivo, com direito a voz, voto e fotografia na galeria dos imortais. Não menos importante, recebi também o dever de honrar o nome do poeta Antônio Galdino — a quem substituí, e de quem herdei a cadeira nº 16 e o estilo de chapéu, adotado como forma de reverenciar sua inesquecível trajetória.

Contudo, antes mesmo da votação unânime que oficializou a minha posse como imortal da ABL, recebi um prenúncio do prêmio que estava por vir. Fui incumbido de uma nobre missão: liderar a comissão responsável pela próxima coletânea da série *Contos da ABL*, dedicada à temática *Bichos dos Cerrados*.

E, como é praxe em todos os “governos presidenciais”, senti-me no dever de imprimir um leve sopro da minha personalidade nesta antologia: um gesto, por ora, resumido em duas palavras — inclusão e motivação.

Mais do que selecionar autores de renome, considero essencial abrir espaço para aqueles que desejam ingressar na carreira literária. É uma

forma de fomentar a leitura e a escrita, sobretudo entre uma juventude cada vez mais seduzida pelo uso compulsivo das telas eletrônicas e, por isso, menos propensa aos livros.

Para tal, a temática *Bichos dos Cerrados*, idealizada pelo confrade e também organizador Robson Batista, não poderia ser mais pertinente. Afinal, quem — mesmo sendo o mais urbano dos cidadãos — nunca se encantou com a riqueza da fauna brasileira?

Fonte de inspiração para os mais variados gêneros artísticos, do cinema ao teatro, das esculturas às pinturas, os animais, entre existir e resistir, estimulam a nossa imaginação desde a mais tenra idade. Basta lembrar dos primeiros desenhos infantis, quase sempre povoados por figuras do mundo animal.

Com um tema tão atraente, não apenas batemos recorde de inscritos, como também deliberamos rever os termos do edital. Decidimos acolher não apenas quarenta, mas todos os sessenta escritores que se enquadravam na temática e no gênero textual.

Além disso, inovamos ao retirar a faixa etária mínima, permitindo que autores de todas as idades exercitassem o que há de mais puro em nossa literatura. Foi assim que legitimamos, de forma pioneira, o talento e as potencialidades de Anne Sophia, Rayssa Camara e da caçula Layla Nunes Pinheiro, que aos onze anos se une aos demais para apresentar-se à sociedade como jovem escritora com seus primeiros trabalhos publicados.

Todos foram não apenas abraçados, mas igualados na mesma oportunidade oferecida a autores mais experientes, como a Pós-Doutora Marilde Guedes, nossa presidente da ABL, e o decano José Paes Landim, com a sabedoria das suas noventa e sete primaveras.

Dos clássicos narrativos, com seus conflitos e desfechos morais, aos líricos, nas reflexões poéticas de David Duarte, e ao memorialismo de Simone Laranjeira, a literatura se abre em múltiplas vozes, mostrando sua diversidade plena.

A obra está, de fato, imperdível!

Sem mais delongas, desejo a todos os autores, sucesso em suas carreiras.

A todo o público, uma excelente leitura.

E à ABL, vida eterna e uma próxima coletânea formidável!

Barreiras-BA, maio de 2026.

João Paulo Pinheiro Lima Primeiro

Imortal da Cadeira nº 16 — Patrono: Chico Any시오

SUMÁRIO

A CRIAÇÃO: O REINADO DA ONÇA-PINTADA	21
Adilma Vilela	
O DOUTOR E A DEUSA... ..	23
Alberto Mariani	
O CARCARÁ.....	27
Aline Araújo	
OS GUARDIÕES DO VENTO	29
Ana Cinthia Passos Bastos	
O GUARDIÃO DO SOPRO QUENTE – UM CONTO DO CERRADO..	31
Ana Luíza Ferreira	
O REI DOURADO DO VELHO CHICO	35
Ananda Lima	
A RAPOSA E O LOBO	38
Anne Sophia	
SAVANINHA	42
Antonia Prado	
O SUMIÇO DE QUI-QUI.....	44
Ariadne Godinho	
PAPAGAIOS ME MORDAM!	47
Beatriz Peres	
SUSSUAPARA	51
Berê Brazil	
O ÚLTIMO VOO VERMELHO	54
Brigida Neta de Freitas	
UMA CAÇADA DE ARREPIAR OS BIGODES!	57
Camilo Uzêda	
SOBRE PESCARIAS, PAIS E FILHOS, EDUCAÇÃO E AMIZADE	60
Carlos Humberto Spezia	
O DESPERTAR DAS ARARAS-AZUIS DO CERRADO	63
Celso Almeida de Lacerda	

A MÃE DA LUA	66
Dalviene Pereira de Souza	
BEM-TE-VI DO CERRADO.....	68
Daniella Taveira dos Prazeres	
O ÚLTIMO SILÊNCIO DO CERRADO	71
David Duarte	
O CAUSO DO TAMANDUÁ, DA FORMIGA, DA JAGUATIRICA, E DO PAPAGAIO	73
Denizar Nogueira	
A LENDA DA RASGA-MORTALHA	75
Esther Moreira	
PEGA, MAS NÃO PEGA!.....	77
Euclides Araújo	
TOCA DO PAJÉ	80
Eva da Silva Pais	
A SAGA DE CAMILO, O LOBO-GUARÁ SONHADOR	82
Evanilda Miranda da Silva	
O CANTO DO PÁSSARO PRETO	85
Felipe Miranda da Silva	
AS FORMIGAS OUVEM O CÉU.....	88
Franco Porto	
TIQUERA, A SERIEMA IRMÃ	91
Giovana Leite	
NA PELE DA ONÇA-PINTADA	94
Inácio Cordeiro	
TIQUINHO E CHIQUINHA: UMA HISTÓRIA SOBRE PROTEÇÃO ...	98
Isa Márcia de Souza	
DONA CAPIVARA.....	101
Ivone Marques	
O PAPAGAIO SILENCIOSO.....	104
Jenilza Rodrigues dos Santos	
ENTRE AS PRESAS DO LOBO E OS OLHOS DA ONÇA	106
João Pinheiro	

A BELEZA DOS BICHOS DOS CERRADOS.....	109
José Paes Landim	
BICHOS EM UM MUNDO DE MISTÉRIOS	111
Kauã Wilton Barbosa da Rocha	
A FLOR DE CANELA-DE-EMA	115
Laura Ferreira Amorim	
SOB A LUZ DO LUAR	117
Layla Nunes Pinheiro	
UMA ANDORINHA SÓ, QUE POR POUCO NÃO FAZIA MAIS VERÃO	119
Márcia Rasia	
O TATU DO MANDACARU	122
Maria Augusta da Silva Serpa	
O VELÓRIO DE ROSINHA	125
Marilde Guedes	
O POMBO SUICIDA	127
Marília Guedes	
A ODISSEIA DE ROSALITA.....	129
Marília Rosa Matos	
A RAPOSA.....	131
Marleide de Araújo	
O BEIJA-FLOR DO CERRADO E AS FÉRIAS NA FAZENDA	134
Marta Maria Silva de Faria Wanderley	
GUARDIÃS DO CERRADO	137
Marya Paixão da Cruz	
FAMÍLIA BURAQUEIRA CORRE PERIGO.....	140
Miriam Hermes	
A RAPOSA DE JOÃO ROMÃO	143
Raimundo Corado	
O COLÉGIO DO SERTÃO	145
Ramon Adrian Salinas Franco	
BORIS, O CACHORRO CARAMELO.....	148
Raquelly dos Santos Lima	

O ÚLTIMO JANTAR	150
Rayssa Camara	
UMA DAS HIPÓTESES DO TERMO: "FULANO BEBE MAIS QUE UMA RAPOSA"	153
Roberto de Sena	
A JIBOIA DA VILA BRASIL	155
Robson Batista	
ENGOLIDOS PELO FOGO	158
Simone dos Santos Laranjeira	
ARUAN E A ÚLTIMA PRIMAVERA	160
Thaiane Araújo Leite	
O VALE ENCANTADO DOS MOCÓS.....	163
Théo Santos	
UM MICO E O CANTO DA SERIEMA	166
Tina Laura	
O OLHAR DE FOGO – A JORNADA DE JUCA	168
Ubiracy Lima	
ESPELHO	172
V.S. Passos	
A PIABA-TOBI DO RIO PRETO.....	175
Valdélia Bomfim Ramaccotte	
SALVE O CERRADO!	178
Valdiva Antunes	
A ONÇA E O CABURÉ	180
Vivaldo Motta	
O SEGREDO DO LOBO-GUARÁ SOB O ENCANTO DE OXUM E A PROTEÇÃO DE OXÓSSI	183
Yasmin Correia Machado	
AUTORES	185



A CRIAÇÃO: O REINADO DA ONÇA-PINTADA

Adilma Vilela

No princípio, Deus, que criou todas as coisas, fez o Céu e a Terra, para na sequência infinda de sua sabedoria, criar tudo o mais: a luz, o dia e a noite, as águas, o homem e... os bichos. Eles moravam no paraíso e possuíam um reino, o animal e, naturalmente, um rei.

No início da criação, como sabemos, o leão foi escolhido como rei dos animais e vivia muito feliz no continente africano. Entretanto, o monarca não estava satisfeito em dominar um só território e decidiu ampliar seu governo para além da África, tendo para este fim, instituído uma comissão de bichos que viajou por outros mares “nunca dantes navegados”, até que chegou ao Brasil.

Para constituir um reinado à altura do seu, com a pompa e circunstância que a situação exigia, o leão delegou à comitiva a missão de encontrar um bicho nativo que fosse garboso o suficiente, elegante e pomposo à mesma medida, forte e respeitado como nenhum outro, sensato e imponente, aliás, exigência “sui generis” ao cargo pleiteado.

Diante da missão hercúlea, os responsáveis pelo feito percorreram o vasto território brasileiro, caminhando de sol a sol, por luas e luas, passando pela Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal, Pampas e, por derradeiro, o Cerrado. Foi neste último bioma, a propósito, que a busca incessante por um rei teve fim, porque os fiéis missionários se depararam com um bicho robusto, de grande força muscular, mandíbulas poderosas, pelagem amarelo-dourada repleta de charmosas pintas pretas na cabeça, um pescoço majestoso e belas patas afiadas. Além destas qualidades, o animal possuía uma poderosa voz, como descrevem os incautos responsáveis pela missão, fazendo um forte e profundo rugir, cujo nome, mais adiante, ficou conhecido como esturro.

Nascia, deste modo, a majestade Onça-Pintada, inclusive, com um “plus” impávido de gênero: para saber se é rei e rainha, a sugestão é que

todos os bichos fiquem à espreita, e havendo alguma sombra de dúvida, a sugestão é manter respeitosa e adequada saudação, inclinando levemente a cabeça para baixo. Isto posto, naturalmente, um reinado exigia súditos, e o rei (ou rainha) onça, foi incumbido de realizar uma assembleia pública, em que todos os candidatos pudessem apresentar suas qualidades, de modo a ocupar posições sociais no reino recém-inaugurado.

Assim, os pretendentes foram sabatinados, tiveram que apresentar suas propostas e habilidades, cabíveis ou não, como é natural de toda criação, posto que cada bicho se achava por demais importante. Dizem que a assembleia durou anos e que, até hoje, se escuta um bicho ou outro reclamando de sua posição e pedindo audiência para resolver as contendas ou insatisfações.

Todavia, existe um registro raríssimo desta época, datado e assinado (ou patado) pela monarca, deixando claro algumas funções de cada animal: a onça-pintada sempre será rei ou rainha; os sapos, professores; os macacos, retratistas; os jacarés, dentistas; as cutias, enfermeiras; os papagaios, radialistas; os urubus, promotores; os cachorros do mato, vigias; as capivaras, delegadas; os lobos-guarás, marqueteiros; as tartarugas, mensageiras; as raposas, juízas; as cutias, advogadas; os porcos-espinhos, seguranças; os tamanduás, engenheiros; os tatus-canastras, encanadores; as emas, jardineiras; e os Joões-de-barro, arquitetos.

Corre por aí, certo zum-zum, que o reinado da onça-pintada até supera o original africano, posto que a última a ser nomeada e permanecer no cargo até hoje, pela extrema sabedoria que possui, foi a coruja; que se tornou conselheira real e lavrou a ata de posse de todos os bichos, entregando-a aos procuradores do monarca. Eles voltaram à terra de onde partiram plenamente satisfeitos, levando as boas novas ao rei leão e todo seu séquito.

O DOUTOR E A DEUSA...

Alberto Mariani

Não há dúvida de que a estrela do garoto Valério Moretti insculpiu seu brilho no universo discente de Cruz Alta. Desde os mais verdes anos, de reconhecida inteligência, buscou em plenitude o aprimoramento cultural. Sabe-se que logo cedo cultivou peremptória admiração pelo romancista Érico Veríssimo, lendo todas suas obras, dando destaque para a trilogia *O Tempo e o Vento*, onde se vê o Rio Grande do Sul tão bem retratado.

Dona Sofia, bastante ansiosa para saber qual o próximo passo estudantil do filho, não dormiu no ponto:

— Já decidi por qual universidade, Valério?

O menino não pestanejou:

— O mais rápido possível pretendo ingressar na Universidade de Harvard, em Cambridge, no Estado de Massachusetts – USA.

A preferência do garoto pelo conceituado Complexo Universitário de Cambridge pegou todos de surpresa. A família queria, na verdade, que o jovem estudasse na capital gaúcha, mas as providências foram tomadas para Valério Moretti viajar logo.

Dona Sofia e Lorenzo, na ausência do filho, viraram os olhos para o Oeste da Bahia. Começaram a pedir informações sobre as terras dos Gerais de Barreiras, município mais proeminente dessa região.

E a oportunidade estampou naquele território longínquo e inexplorado.

Algumas semanas antes da programada viagem à Bahia, o casal recebeu uma inesperada visita de Hermann e sua mulher Frida, amigos da cidade de São Leopoldo.

O industrial Hermann, na mais disparatada sem cerimônia, deixou os anfitriões numa situação desconfortável, quando externou:

— Vamos direto ao intuito que me trouxe até vocês. Nossa filha Gisela é uma moça prendada, bonita e inteligente. Pressinto, conforme sonhos sentimentais de Gisela, que tudo é conducente ao moço Valério Moretti. Descobrimos que há uma possível conexão entre eles.

Os anfitriões ficaram pasmos. E Dona Sofia ponderou:

— Eu e Lorenzo ainda estamos alheios acerca do que pensa Valério. Quando ele retornar do Tio Sam, veremos.

A cordialidade anfitriã salvou o Cupido de uma previsível saia justa.

Lorenzo e Dona Sofia, semanas depois, viajaram para o Oeste da Bahia.

A corrida pelas terras a preço de quase nada provocou uma debandada de especuladores rumo às savanas de Barreiras.

Os Moretti chegaram com toda garra e se estabeleceram às margens da BR-242, precisamente nas redondezas do Mimoso, município de Barreiras. Logo adquiriram um latifúndio intocado.

Dentro de poucas semanas, possantes tratores rasgavam as matas, destruíam a vegetação, expulsavam os viventes selvagens. E os proprietários, alheios a consequências indesejáveis, indiferentes à sustentabilidade, talvez até por falta de discernimento.

Milhares de hectares foram preparados para receberem as sementes de soja e de algodão, entre outras culturas.

Anos se passaram.

Nessa época, acontece a volta de Valério Moretti ao Brasil, já graduado em Engenharia Ambiental, também com o diploma do Curso de Direito.

Viajou imediatamente para Brasília.

De lá seguiu de helicóptero, com olhos de lince, para constatar as incitrizáveis feridas dos cerrados baianos.

A chegada do Doutor de Harvard chamou pela atenção dos trabalhadores e de toda a circunvizinhança.

Quando a aeronave desceu ao pátio, Valério logo verificou, em letras garrafais, no alto de duas colunas de concreto, a denominação do latifúndio: Fazenda Acaba Vida, uma alusão à cachoeira mais exuberante daquelas paragens.

Apenas uma moça tentou cumprimentá-lo, mas ele fingiu não vê-la. De soslaio, observou o título do livro que ela segurava: *Um Rio Imita o Reno*, de Viana Moog.

Foi recebido pelos pais no refeitório. Dona Sofia fez todas as perguntas. Valério, sem circunlóquio, não deixou nada pra trás. E Lorenzo, inopinadamente, mudou de polo:

— Você viu Gisela?

— Quem?

— Gisela.

— A moça que tá lendo na varanda?

— Ah.

— É sua noiva.

— Filha de Hermann e de Frida?

— Você já sabe do que se trata, então...

— Que história inusitada é essa?

— Você não concorda, Valério?

— O amor não significa fusão patrimonial. E depois do almoço, quero cavalgar.

— Vou deixar um cavalo à sua disposição.

Os dias de Valério foram preenchidos pelas savanas do Oeste da Bahia. Ele registrou:

“Minha preocupação serviu de ofensa aos fazendeiros. As percorridas abriam trilhas para meus sonhos de ambientalista. Comecei a ver de perto a verdade acerca de uma quase epidêmica degradação. Descobri, além dos campos agrícolas, o Rio das Araras. À margem esquerda desse rio, a choupana de Cecílio e da sua filha Narcisa Calianandra. Fui recebido por Seu Cecílio. Ele tocava seu violino caipira. Perguntei: ‘Cadê Narcisa?’ A resposta veio logo: ‘Tá no pé de pequi.’ Fui ao encontro da deusa. Ela se achava sentada sobre uma galha ao chão da árvore, ladeada por dois lobos-guarás. Os animais reagiram com a minha aproximação. Ela percebeu. Acalmou-os: ‘Estrela! Lua Nova! Valério é bem-vindo.’ Compreendi que os lobos eram seus obedientes guardiões. As idas de Narcisa ao pequizeiro aconteciam cotidianamente. Vi um túmulo com a inscrição: ‘Aqui jaz Amélia Aricobé, mãe de Narcisa e esposa de Seu Cecílio.’ Em volta do jazigo, flores e animais silvestres de todas as espécies, em harmonia. Deu pra entender que Estrela e Lua Nova eram guardiões respeitados

da menina. Sentei-me ao lado de Caliandra: ‘Você quer namorar comigo?’ A reciprocidade brotou com duas palavras: ‘Eu sabia.’ E completei: ‘Sabemos’. Narcisa ainda me cutucou: ‘E a Gisela? Ontem essa alemã apareceu em nossa casa. Nunca vi tanta paixão. Nem liguei. Ela saiu cuspidando brasa.’ Achei muita graça. Mas Gisela nada disse. E nem adiantaria dizer. Imaginei se os lobos-guarás estivessem por perto. Nesse mesmo dia, tive uma surpresa agradabilíssima. Recebi a visita do vereador Luis Holanda e do jovem líder Jorge Figueiredo. Ouvi de Luis Holanda: ‘Conhecemos o seu propósito em defesa dos cerrados. Assim não pode continuar. Há uma razoável solução para tanto. Eu e Jorge Figueiredo temos excelente projeto para a criação do Parque Nacional do Oeste da Bahia. E conhecemos a sua contínua batalha, seu idealismo de Engenheiro Ambiental.’ Jorge Figueiredo resumiu: ‘Guerra declarada.’ Aproveitei o ensejo para convidá-los a um passeio. Embarcamos no helicóptero. Nesse voo panorâmico verificamos a intocada área. De tal encontro, saímos com as ferramentas decisivas para aportarmos nos órgãos nucleares de governo.”

Valério Moretti não parou mais. E sempre ao lado da sua musa — deusa, a inspiração maior do tão sonhado objetivo.

Ela fez apenas um pedido após o noivado: “*não dispense um voo panorâmico sobre o Aricobé, município de Angical.*”

Seu Cecílio participou plenamente. O helicóptero fez círculos rasantes pelos céus aricobeenses. Narcisa recordou: “*Minha mãe queria tanto morar aqui novamente.*”

Voltaram ao Rio das Araras, quando Valério teve a lembrança: Dona Amélia, segundo Seu Cecílio, queria tanto o Parque Nacional do Oeste da Bahia... E já estamos a caminho dessa realidade.

Andaram ladeados pelos guardiões Estrela e Lua Nova, os lobos-guarás, rumo ao túmulo do pequizeiro...

Ali todos os viventes selvagens das circunvizinhanças aguardavam a chegada do Doutor Valério e da Deusa Narcisa para realizarem uma celebração em memória de Dona Amélia, ao som do violino caipira tocado pelo viúvo Cecílio.

Valério Moretti e Narcisa Caliandra, em meio às lembranças daquele instante magistral, trocaram beijos de mãos dadas para o futuro...

Cruz Alta, Aricobé, amor e Cerrados gerais...

O CARCARÁ

Aline Araújo

Em um dia corriqueiro, um fazendeiro comum, conhecido como Sr. Dom, levantou-se bem cedo para ordenhar suas vacas, Azulinha e Galega, sem sequer imaginar a ocorrência inesperada que já estava a caminho.

A rotina matinal estava iniciando quando, de repente, o cacarejo de uma de suas galinhas começou a chamar sua atenção, e imediatamente começou a investigar o que estava acontecendo a cerca de cento e cinquenta metros de onde ele estava a tirar o leite das vaquinhas Nelore.

À medida que os passos do proprietário da terra iam acelerando, o cacarejo da galinha se intensificava cada vez mais. Porém, logo o mistério teve um fim: o Sr. Dom chegou no galinheiro e percebeu que um carcará havia invadido o ninho das galinhas, e com suas afiadas garras ia levando um de seus pintinhos.

O desespero da mãe galinha foi tão comovente que o Sr. Dom tentou impedir o traiçoeiro carcará de fugir com o pintinho. O homem, desesperado, gritava e abanava o chapéu no ar... Mesmo sabendo que os carcarás são aves onívoras e generalistas, que se alimentam de aves de pequeno porte, carcaças de animais, insetos e uma grande variedade de outros alimentos, era muito triste ver aquela mãe sofrendo pelo seu filhote e nada poder fazer para impedir que o carcará escapasse com sua presa.

O carcará, por sua vez, chamou a atenção do fazendeiro pela sua aparência e seu porte imponente — por ser uma ave de rapina com face avermelhada, um bico alto e curvo, e um “solidéu” preto sobre a cabeça. Mesmo achando a ave muito bela, ele não poderia deixar que simplesmente fugisse, sem detê-la, e assim, tentar recuperar o pintinho com vida, para o entregar à sua mãe.

Foi aí que começou a corrida contra o tempo... O Sr. Dom começou a correr e gritar acenando com as mãos até uma boa distância, para afugentar o carcará, mas seu maior objetivo era fazê-lo soltar o filhote da coitada galinha

que estava visivelmente desesperada. De repente, o homem ficou emocionado ao ver, de um erro de abertura da garra da ave, a tão frágil presa se libertar.

No mesmo instante em que soltou o pintinho, o carcará voou até um pé enorme de Jatobá, a cerca de duzentos metros de distância do galinheiro, de onde provavelmente ele observava toda a movimentação para escolher o momento exato de atacar sua presa.

Pense numa alegria que o Sr. Dom sentiu! E quando ele viu que o pintinho estava vivo, aí que a felicidade tomou conta do seu ser. Pegou o pequeno animal indefeso nas mãos e, com enorme satisfação, entregou para a mãe galinha, para depois terminar seus afazeres do dia, mas dessa vez, com o sentimento de dever cumprido.

Chegou em casa todo animado, e foi logo contando para sua esposa Dalva o que havia acontecido naquele dia. Começou a falar, todo eufórico:

— Oh Jojolinha, pense como eu tô feliz! Hoje o carcará tentou almoçar um pintinho dos nossos. Quando a galinha começou a cacarejar, eu fui correndo, e quando cheguei lá, o bicho já ia levando o coitado do pinto. Você crê nisso?

Sua esposa perguntou:

— E você conseguiu livrar o pintinho?

— Com certeza. Esse carcará já tem algum tempo que ronda nosso galinheiro. Eu penso que ele mora num pé de Jatobá lá perto. Temos que ficar atentos, para ele não carregar nossos bichinhos.

E o tal predador, continuou rondando o galinheiro do Sr Dom. Todos os dias sua rotina matinal, além de alimentar suas galinhas e tirar o leite das vacas, era também tentar afugentar o tão temido carcará, que apesar de temível era muito bonito.

Alguns meses se passaram, e o frágil pintinho que um dia o carcará tentou devorar, se transformou num enorme e belo galo. Foi aí que seu dia chegou... Do predador ele conseguiu se livrar, cumpriu seu curso de vida, cresceu, e sua raça ficou no quintal em grande quantidade. Mas, da panela do Senhor Dom, ele não conseguiu escapar... virou um delicioso galo cozido para alimentar toda a família, que, reunida ao redor da mesa, até lembraram juntos desse dia inusitado, onde aquele indefeso pintinho quase virou apenas mais uma vítima do carcará, que sempre rondava o quintal da casa.

Jamais poderia mencionar que essa história verídica, ocorrida aqui no fundo do meu quintal, em meio ao vasto e lindo Cerrado da cidade baiana de Cristópolis, teve um final triste. Pois, assim como tudo na vida tem princípio, meio e fim, aquele pintinho teve a oportunidade de crescer e ver sua raça se desenvolver. Mas, enfim, chegou o seu dia, assim como todos nós também faremos a travessia desta vida.

OS GUARDIÕES DO VENTO

Ana Cinthia Passos Bastos

N o coração do Oeste da Bahia, onde o chão quente eseco guarda segredos ancestrais, havia um pedaço de Cerrado que ainda respirava como se fosse um ser vivo, pulsando em cada raiz, em cada folha, em cada brisa que atravessava o campo. Ali, entre ipês dourados que brilhavam como sóis menores, buritis que se erguiam como colunas silenciosas e caminhos de terra batida que guardavam pegadas antigas, viviam os verdadeiros guardiões da terra: os bichos do Cerrado. Eles não eram apenas animais; eram memórias, vozes, histórias e símbolos de resistência.

Naquela manhã, o sol nasceu tímido, como se temesse o peso do dia que viria. A névoa leve cobria a paisagem, deixando o Cerrado com a aparência de um sonho suspenso no ar. O primeiro a despertar foi o lobo-guará, de andar alto e elegante, cujas patas pareciam tocar o chão sem feri-lo. Seus olhos atentos miravam o horizonte, mas o que o guiava era o vento. Ele o cheirava, como se nele houvesse histórias, conselhos ou alertas deixados pelos antepassados.

Logo depois, surgiu a ema, com sua altivez discreta e seus filhotes agrupados ao redor, como estrelas menores orbitando um corpo celeste. Seu olhar era vigilante, atento a cada ruído, a cada sombra. Guardiã da planície, tinha a missão de proteger e de anunciar perigos. Naquela manhã, porém, sua voz saiu suave, quase como um lamento escondido:

— Estão chegando os homens outra vez...

O tamanduá-bandeira, descendo lentamente de uma colina tomada por cupinzeiros, completou a sentença com sua voz grave e arrastada:

— Estão cortando árvores e deixando pouco espaço para nós...

O veado-campeiro, com olhos assustados e corpo trêmulo, saiu das moitas como se o medo tivesse empurrado seu corpo para a luz:

— Eu ouvi as motosserras... — disse ele. — Elas não soam como nossas árvores. É um choro metálico, que rasga o peito e deixa ferida que não sara.

No alto de uma cagaiteira, a arara-vermelha agitava as asas com inquietação. Sua plumagem incendiava o céu de cores, mas sua voz trazia angústia:

— Nossas vozes não são ouvidas. E se deixarmos de existir? Quem contará a história desse chão?

Um silêncio pesado cobriu o campo. Até o tatu-canastra, acostumado ao silêncio das tocas, emergiu para escutar. Ele sabia que quando o Cerrado adoecia, cada pequeno ser sofria: os ninhos ficavam vazios, as fontes de água se esgotavam, os alimentos rareavam. Não era apenas a sobrevivência deles, mas de toda a teia da vida.

E então, de repente, o inesperado aconteceu. O pequeno rato-do-campo, de corpo miúdo e olhar vivo, subiu em uma pedra e falou com voz firme:

— Ainda há crianças que sabem ouvir. Ainda há mãos que plantam árvores, bocas que cantam os nomes das plantas, olhos que respeitam a sombra da onça e os passos do seriguate. Precisamos acreditar que não estamos sozinhos. Há quem nos veja, quem nos defenda.

As palavras do pequeno ecoaram como um sopro de coragem. O vento pareceu recolhê-las e levá-las para longe, como quem espalha sementes.

No alto do céu, descrevendo círculos lentos, o urubu-rei observava tudo. Muitas vezes mal compreendido, ele era guardião silencioso, limpador da terra, parte sagrada do ciclo. Sua presença lembrava que nada termina de verdade: tudo se transforma. E enquanto houvesse transformação, haveria tempo de mudança.

À beira de um riacho escondido, onde a água ainda brincava entre pedras lisas e folhas caídas, os sapos-cururus crocitavam em coro. Sua canção ecoava como um hino de resistência, lembrando que a água era tesouro. E no Cerrado, mesmo quando tudo parece silêncio, há uma força ancestral que insiste em viver.

Quando a noite desceu sobre a planície, trazendo consigo um manto de estrelas e uma lua cheia que dourava a terra, os bichos se reuniram no claro da mata. Era a Assembleia do Vento, tradição antiga de seus ancestrais, que acontecia antes mesmo da chegada dos homens com pressa. Um por um, cada guardião tomou a palavra: o lobo trouxe um uivo de alerta, a ema cantou um aviso de proteção, a arara contou o medo da ausência, e até o tatu, tímido, partilhou sua sabedoria silenciosa. Era um pacto: existiriam, mesmo que em segredo; resistiriam, mesmo que escondidos.

O vento, companheiro invisível, percorreu o campo e levou consigo cada palavra dita naquela noite. Quem tivesse sensibilidade suficiente poderia escutar, ao caminhar por uma estrada de terra, o sussurro da ema, o uivo distante do lobo-guará, ou o bater de asas da arara.

Porque o Cerrado tem voz.

E basta saber escutar.

O GUARDIÃO DO SOPRO QUENTE — UM CONTO DO CERRADO

Ana Luíza Ferreira

No coração seco do Cerrado, onde o céu parecia grande demais e o sol castigava a terra sem piedade, vivia Tarek, um jovem tamanduá-bandeira. As árvores de troncos tortos se curvavam como velhos guardiões, e as gramíneas douradas estalavam sob suas patas largas. O ar era quente, pesado, carregado de poeira e silêncio.

Tarek caminhava devagar, como sempre. Seu focinho comprido tocava o chão, e muitos pensavam que ele era distraído, quase ausente.

— Esse aí nunca vê nada — murmuravam alguns bichos.

— Vive olhando pra terra, como se ela fosse responder — zombavam outros.

Mas a terra respondia.

— Tarek... — sussurrou uma raiz profunda, vibrando sob o solo.

Ele parou.

— Estou ouvindo — respondeu em voz baixa, como quem respeita um segredo antigo.

As folhas secas rangeram.

— O tempo está errado. O calor não deveria estar assim.

Tarek sentiu um arrepio percorrer seus pelos longos. O chão estava inquieto. Não era apenas o sol — havia algo mais.

Enquanto enfiava a língua em um formigueiro, ouviu novamente:

— O fogo virá rápido. Não como antes.

Ele ergueu o focinho, farejando o ar. Um cheiro amargo, distante, quase imperceptível, fez seu coração bater mais forte.

Pouco depois, um grito cortou o céu.

— FOGO! — berrou a arara-azul-grande, cruzando o ar em pânico.

— Está vindo do sul! — gritou outra, batendo as asas com força.

O Cerrado entrou em movimento. Veados dispararam. Seriemas correram aos pulos. O lobo-guará parou no alto de uma elevação, o pelo da nuca eriçado.

— Isso não está certo... — murmurou ele. — O vento está empurrando as chamas rápido demais.

Tarek caminhou até ele.

— Precisamos descer — disse o tamanduá, com a voz firme.

O lobo o olhou, surpreso.

— Desde quando tamanduá dá ordem?

Tarek respirou fundo.

— Desde que a terra começou a gritar.

O lobo hesitou.

— Você sempre fala essas coisas estranhas...

— Estranhas ou não, o fogo não espera — respondeu

Tarek. — Existe um abrigo. Sigam-me.

— Um abrigo? — zombou o tatu-bola, já meio encolhido. — E por que deveríamos confiar em você?

Tarek abaixou o focinho, tocando o chão quente.

— Porque eu escuto o que vocês ainda não conseguem ouvir.

Um estalo alto ecoou. As chamas apareceram no horizonte, dançando e engolindo tudo.

— Chega de conversa! — gritou a arara. — Eu vou com ele!

O lobo rangeu os dentes, avaliando o vento, o fogo, o desespero nos olhos dos pequenos.

— Sigam o tamanduá — decidiu. — Se for uma armadilha, morremos juntos.

Correram.

Tarek guiava o grupo por caminhos estreitos, desviando de troncos caídos e raízes grossas. Mesmo lento, parecia saber exatamente onde pisar.

— À esquerda! — disse ele de repente.

— Como você sabe?! — gritou o tatu.

— O chão está mais frio aqui — respondeu. — Ele nos protege.

Chegaram à toca do tatu-canastra quando o fogo já rugia como um animal furioso. A entrada era larga, escondida entre raízes antigas.

— Entrem! — ordenou Tarek.

— E você? — perguntou a arara, pousando perto.

— Eu fecho o caminho.

— Isso é loucura! — gritou o tatu-bola.

— Não — respondeu Tarek, posicionando-se na entrada.

— É cuidado.

As chamas chegaram. O calor era sufocante. A fumaça tentou invadir a toca, mas Tarek envolveu a entrada com sua cauda espessa.

— Aguentem... — murmurou ele, com a voz trêmula.

Dentro da toca, o silêncio era pesado.

— Ele vai morrer... — sussurrou o tatu-bola.

— Ele não devia estar ali — disse a arara, com a voz embargada.

O lobo fechou os olhos.

— Às vezes, os mais fortes não são os mais rápidos.

Horas se passaram.

Quando a madrugada trouxe um vento mais fresco, o fogo se afastou. Tarek caiu de joelhos, exausto, mas vivo.

— Ele conseguiu... — disse alguém.

Ao amanhecer, o Cerrado estava coberto de cinzas. Mas sob elas, o chão ainda pulsava.

— Obrigado, Tarek — sussurrou a terra.

O lobo se aproximou.

— Eu estava errado sobre você.

A arara inclinou a cabeça.

— Você ouviu quando ninguém quis ouvir.

O tatu-bola se desenrolou completamente.

— Acho que... acho que eu devia aprender a escutar mais.

Tarek sorriu, cansado.

— O Cerrado fala com todos. Alguns só precisam parar de correr.

E, naquele dia, os animais entenderam que proteger a terra era também aprender a ouvi-la — antes que ela precisasse gritar outra vez.

O REI DOURADO DO VELHO CHICO

Ananda Lima

Na cidade de Ipezeral, na Bahia, às margens do Rio São Francisco, o Velho Chico corria imponente. Suas águas volumosas, vindas das montanhas de Minas, serpenteavam pelo sertão, cruzavam o Cerrado baiano e seguiam adiante, até se entregarem ao mar.

Com seus vinte e três mil habitantes, Ipezeral tinha no rio, a sua razão de existir. Na zona rural, espalhada pelos quatro distritos vizinhos, a população se multiplicava, mas o coração de todos pulsava no mesmo compasso: o das águas generosas que sustentavam a vida e guardavam histórias antigas.

Entre os ribeirinhos, destacava-se o casal Zaquinha e Isabel. Juntos, haviam criado sete filhos na beira do rio, vivendo da pesca e da esperança. Há mais de quarenta anos, lidavam com o São Francisco e seus mistérios. Isabel gostava de repetir uma frase que ouvira dos mais velhos:

— O Cerrado é a caixa d'água do Brasil. Da sua terra brotam os rios que alimentam a vida.

Todos os dias, antes do sol tingir o céu com tons de ouro, anunciando mais uma aurora, Zaquinha e Isabel já estavam prontos para a lida do dia que iniciara. O barco balançava manso na beira, esperando o casal. As redes, gastas pelo tempo, eram suas fiéis companheiras.

Havia dias de fartura, quando voltavam com tilápias saltitantes e tucunarés reluzindo ao sol, como se o próprio rio lhes oferecesse um banquete. Em outros, a rede vinha quase vazia, deixando apenas a lembrança de que a vida do pescador é tecida de paciência, silêncio e fé. Era desse vai e vem das águas que eles sustentavam a família, com dignidade e suor.

Por serem pescadores tradicionais, guardiões de saberes antigos, os moradores de Ipezeral faziam questão de comprar o peixe deles, valorizando o sabor fresco e a confiança que só a pesca artesanal podia garantir.

Mas havia um instante em que o coração de Zaquinha se acendia e seus olhos ganhavam o mesmo brilho curioso do menino que ele fora um dia: era quando a rede, pesada e viva, revelava o Dourado, peixe de luta e de mistério, que parecia trazer consigo a força selvagem do próprio Cerrado.

Grande, ágil e forte, o peixe dourado faiscava sob a luz da manhã, como se fosse feito de ouro líquido. Para Zaquinha, não havia dúvida:

— Este é o rei do rio.

Chamavam-no assim porque era o maior predador das águas doces, veloz e astuto, dono de um reinado invisível sob as correntezas. Quando um dourado caía na rede, não era apenas alimento: era história, era orgulho, era a certeza de que o Velho Chico guardava segredos e majestades.

Numa noite de lua cheia, já aposentados da lida diária, Zaquinha e Isabel sentaram-se com os netos na varanda. O vento soprava cheiro de terra molhada, e o barulho do rio parecia contar junto com eles.

— Vocês sabiam que o rei do rio já quis me levar junto com ele? — começou Zaquinha, piscando para as crianças, que arregalaram os olhos.

Ele contou que, certa vez, a rede veio pesada demais. Achou que fosse um tronco preso na correnteza, mas, quando puxou, viu o dourado maior que já tinha visto em sua vida. O peixe era tão forte que arrastou o barco alguns metros rio adentro.

— Pensei que ia virar canoa e tudo — disse ele rindo. — Mas o bicho, esperto, conseguiu escapar, deixando só um rastro de espuma no rio.

Isabel completou, balançando a cabeça:

— Foi o rei que mostrou a força dele. E eu sempre digo: o rio tem seus mistérios, e a gente tem que respeitar.

Os netos riram, boquiabertos, imaginando o gigante dourado nadando nas profundezas do rio.

E, no silêncio que se seguiu, só o Velho Chico parecia responder, com seu canto eterno de águas correndo.

As histórias de Zaquinha e Isabel não eram apenas lembranças de um casal que viveu mais de quarenta anos em harmonia com o rio. Eram também lições para os netos: de respeito, de esperança e de amor pela natureza.

O dourado, o rei das águas, não era só alimento. Era parte da identidade do Cerrado, assim como o lobo-guará nas chapadas e a ema nas veredas. Cada criatura guardava um pedaço da vida que o Cerrado oferecia.

E assim, quando os netos adormeciam ouvindo os causos, sonhavam com o brilho dourado cortando as águas profundas do São Francisco. Sabiam que aquele peixe não era apenas um bicho do rio, mas um guardião do Cerrado, símbolo de força, beleza e mistério.

A RAPOSA E O LOBO

Anne Sophia

Dizem que a liberdade vive nos campos abertos do Cerrado. Nem sempre é verdade.

A Raposa vivia para agradar os pais, obedecendo-os e cumprindo seus deveres. Era difícil criticá-la, tendo em vista a perfeição e a rigidez que ela se obrigava a viver. No entanto, a jovem criatura sempre quis viver algo novo. Em busca de novas aventuras, decidiu explorar Barreiras afora.

No meio do caos que era sua vida, a Raposa conseguiu uma amizade inusitada: o Lobo-guará. Criatura solitária, que costumava viver sozinho na maior parte do tempo. Contudo, a fêmea chamou atenção do animal, que decidiu formar vínculos com a Raposa. Uma amizade inesperada, mas que funcionava muito bem. Se encontravam todo fim de tarde no Rio Branco, brincando e implicando um com o outro. Eles corriam pelas margens do rio, vivendo sem obrigações e sem preocupações. Já tinha virado rotina: encontro no rio ao entardecer.

Em um desses encontros, a Raposa teve uma ideia surpreendente.

— Sabe o que eu pensei, Lobo? — disse ao animal de pelagem avermelhada que a observava cuidadosamente.

— O quê? — perguntou, genuinamente curioso. — Meus pais esperam que eu encontre um par. Alguém para formar laços pelo resto dos meus dias. Tão dramático, não acha?

O Lobo andou ao seu redor, aproximando o focinho ao pescoço dela. Empurrou levemente, brincando para expulsar o clima tenso que se formava no ar.

— Falo sério quando digo isso. E espero que eu tenha a sua ajuda.

— Minha ajuda? — o animal questionou, inclinando a cabeça enquanto a Raposa assentia — Com o que, exatamente?

— Você é o meu amigo, Lobo! Pode me ajudar a achar um macho da minha espécie. O que acha?

O animal não gostou nada da ideia de ver a amiga com outro macho a não ser ele. O Lobo não entendia direito o que sentia, mas não podia decepcionar a Raposa. Odiaria ver a leal companheira chateada consigo. Logo, concordou com a sua proposta.

Com o passar dos dias, eles andaram por campos abertos em busca do par ideal para a Raposa. Até acharam alguns que seriam apropriados para ela e que seus pais iriam, definitivamente, aprovar. Todavia, a fêmea estava começando aperceber umas atitudes suspeitas do Lobo-guará. Ele a rondava enquanto ela bebia da água do rio. A observava enquanto ela descansava, sempre cuidando quando ouvia sons de outros animais que estavam pelos arredores. Ele chegou até a levá-la para seus lugares preferidos, refúgios para quando estivesse em um conflito interno com seus próprios pensamentos.

Um dia, o Lobo deixara a Raposa com os pais e fora caminhar para entender o que sentia. Ciúmes, talvez? Não conseguia entender. Era amiga da Raposa há tempos e jamais pensara nela como outra coisa, senão sua boa amiga. Por que agora era diferente? O que significava? Esses... sentimentos? Não compreendia, no entanto, alguém sabia o que a *Raposa* sentia.

Uma cascavel estava rodeando o Lobo por alguns minutos. E mesmo estando deitado na mata, ele sentiu a presença da réptil de longe. Levantou-se lentamente, preparado para atacar a serpente. Quando estava prestes a avançar sobre a serpente, ela se manifestou.

— Não! Por favor, Lobo-guará, não faça isso!

Intrigado com sua súplica, decidiu aguardar por um motivo para ele rejeitar uma *refeição*.

— Por que eu não te mataria?

— Talvez porque eu tenha informações importantes sobre uma certa Raposa...

Antes que ela pudesse concluir, ele saltou sobre a Cascavel, prendendo o pescoço da cobra com a pata.

— O que sabe sobre ela? — disse em tom de ameaça, rosnando para a criatura.

— Apenas sei que ela sente algo por um certo... *lobo*.

De forma brusca, o Lobo soltou o pescoço da réptil, afastando-se rapidamente do animal.

Ela sentia algo por ele? E por que continuava a procurar outro da sua espécie? Medo? Obrigação? O Lobo não sabia dizer, então decidiu saber pela própria.

Depois de correr quilômetros para encontrá-la, ofegante, ele a questionou. Ela queria negar, queria dizer que estava enganado e que só via ele como um amigo. Mas não conseguia. Não podia.

— De que adianta eu falar algo? Já sabe da resposta.

Ele ouviu atentamente, absorvendo cada palavra.

Tentou explicar de forma simples que não retribuía os sentimentos. Mentira, lógico. Mas era proibido um romance entre os dois, então por que insistir?

Nos dias seguintes, ele não a encontrou esperando no rio, o que não era normal. Tentou ir atrás dela em seu território, mas a fêmea o evitava a todo custo, aflita pela vergonha que passou com o Lobo. Ela se sentia humilhada e estava furiosa com a Cascavel, que fora quem contou tudo para o seu velho amigo.

A Raposa procurou manter distância do animal, mas falhou miseravelmente. Ele era insistente, e não permitiu que ela fosse para longe. Explicou a ela que apreciava a relação dos dois e queria manter como era, e assim foi feito.

Eles voltaram a se encontrar no rio, o Lobo mais atencioso do que jamais fora com alguém. Estavam íntimos, até demais, e a cinzenta se preocupava com isso. Temia que seus sentimentos retornassem, mas gostava demais da relação dos dois para terminar assim.

Certo dia, o Lobo marcou um encontro na Serra com a Raposa, esperando conseguir, finalmente, confessar o que sentia por ela. Ele contou para a fêmea sobre tudo que acontecera, desde seus pensamentos ao conversar com a Cascavel até os dias atuais. Ela ficou muito feliz ao ouvir aquilo, ignorando por um tempo o que seus pais pensariam da relação.

Com o passar dos meses, os animais de espécies distintas viveram um romance proibido. Os pais da jovem não poderiam descobrir, se não iriam proibir seus passeios. Os sentimentos estavam cada vez mais fortes e intensos, o que deixava a Raposa muito preocupada. Sabia que não conseguiria viver o que ela sempre imaginou, não publicamente. E para

alguém cujo pensamento é viver para agradar os pais, uma relação com um Lobo-guará não é o ideal. Então, depois de vários momentos mágicos

com o animal, ela sabia que tinha de pôr um fim nisso. Não podia se permitir viver sempre nas nuvens, numa fantasia com o Lobo.

— Não podemos mais continuar com isso, Lobo. — disse, calmamente, evitando um conflito.

— Não pode jogar o que temos fora, Raposa! — ele insistiu, mas foi à toa, já que ela estava determinada a acabar com isso.

Ciente da teimosia do parceiro, a Raposa decidiu fugir. Abandonar toda sua vida para continuar fiel às ordens dos pais. Ela não lhe deu explicações nem se despediu. Temia que ele continuasse a persegui-la para sempre, fadado a amá-la eternamente.

Porém, mesmo evitando fazer tudo isso, de nada tinha adiantado. O Lobo não queria acreditar no que pensava, mas no fundo sabia da verdade. Ela não aceitava que ele não a quisesse deixar ir, então fugiu, abandonando o seu amor.

Desde então, o Lobo ainda sonda os lugares que iam juntos, sendo assombrado pelas lembranças e memórias do seu verdadeiro amor. Era proibido, errado, mas ele aceitava viver isso, desde que estivesse com ela.

E a Raposa? Decidiu adotar uma vida solitária. Estava ciente das consequências de sua decisão, mas não iria voltar atrás, mesmo que o seu coração clamasse por isso.

E viveram o resto de suas vidas assim, consumidos por um amor impossível.

SAVANINHA

Antonia Prado

No coração do Cerrado, no Oeste Baiano, onde o sol brilhava forte e o vento balançava suavemente as folhas das árvores da mata, localizava-se um pequeno povoado, denominado Savaninha.

Esse pequeno torrão cerratense tornou-se admirado e cobiçado, em razão da sua rica biodiversidade.

Além de ser circundado por uma vasta mata de pau-terra, barbatimão, ipês de várias cores, e outras árvores típicas do Cerrado, a gramínea se estendia como um tapete às margens de um rio sinuoso e extenso.

Assim, a localidade dispunha de condições favoráveis para um habitat adequado à uma grande variedade de animais de “vida livre”. Cada espécie vivia ali, em harmonia na natureza, e muitos deles se relacionavam amigavelmente, por vezes até compartilhando gentilezas; inclusive, alimentos.

Entre os bichos de Savaninha, chamava a atenção a beleza e o agir de uma tamanduá-mirim, conhecida por lá como mixila; já em outras regiões esse animalzinho é conhecido como: tamanduá-colete, jaleco, mambira, e outros nomes condizentes com seus hábitos de vida.

A notável tamanduá, protagonista da nossa história, tinha uma plumagem diferente dos demais... Era preta, que de tão preta, brilhava. Seu comportamento era incrível: doce e meiga com seus amigos, desde que não mexessem com seus filhotes. Era uma mãezona protetora e provedora de sua família. Tinha três filhotes, sendo um adotivo, cuja mãe morrera num incêndio criminoso em uma região vizinha. Dessa feita, a pequena tamanduá escapou por pouco, mas ainda tinha marcas de pequenas queimaduras pelo corpo, sofridas quando enfrentou as labaredas para salvar o filho de sua amiga que, infelizmente, não conseguiu escapar.

Os filhos maiores, ela carregava grudadinhos em sua plumagem, e o menor no colo, até mesmo quando ia à luta, buscar alimentos, para que nada lhes faltasse.

A tamanduá preta era uma mãe corajosa, amiga dos seus vizinhos, solidária e resiliente.

Mixila, como tantos animais, já havia passado por situações muito difíceis, como desmatamentos, incêndios, fuga de predadores e outras. Quantas vezes teve que se esconder nos buracos velhos abandonados pelos tatus, para se proteger dos caçadores! Com sua determinação, sempre venceu os obstáculos, com muita alegria de viver, embora os tamanduás sejam animais solitários, mais crepusculares e noturnos.

Como todos de sua espécie, ela se alimentava de formigas, cupins e larvas. Com sua língua comprida e pegajosa, trazia o alimento com destreza, além de exercer um imprescindível controle da população das formigas e cupins. Era tão hábil que, muitas vezes, compartilhava a alimentação com os tatus bola e os pebas, seus vizinhos e também animais insetívoros.

Mas, o pior estava por vir. Um caçador, daqueles viciados em caça, já tinha visto a tamanduá-mirim preta, algumas vezes e, falou para os amigos que não descansaria enquanto não a matasse. Tinha interesse em sua carne, mas sua plumagem era o que ele mais queria.

Lá um dia, a Mixila estava distraída e foi aí que o homem, sorrateiramente, com um riso contido, mirou a espingarda bem no peito dela e pensou: *te peguei sua danada!*

Mas, a esperta tamanduá ao perceber o perigo, deu várias cambalhotas, de modo que o homem perdeu o alvo certo e, assim, deu tempo para ela se esconder no oco de uma árvore antiga com seus filhotes agarrados, todos com os coraçõezinhos disparados.

O caçador, em sua expertise na arte da caça, seguiu o trajeto com o olhar sedento de matar...

Ela então, encurralada, sem chance de correr, chegou a sentir o frio do cano da espingarda — viu a morte nos olhos — como se diz. Mas, o instinto materno, mais uma vez falou mais alto! Rapidamente, a Mixila espremeu o peito derramando o leite fresquinho na mão e a estendeu para o caçador, com os olhinhos cheios de lágrimas, como se dissesse: *eu tenho um filho ainda pequeno que precisa de mim, não me mate!*

O homem “caiu das carnes”, baixou a arma com o coração apertado de arrependimento. A mamãe Mixila, então, esfregou as duas mãozinhas molhadas de leite e ergueu para o céu em forma de agradecimento.

Assim foi a história da heroína tamanduá-mirim contada pelos meus antepassados.

O SUMIÇO DE QUI-QUI

Ariadne Godinho

Era começo de tarde, e o sol queimava forte, filtrado pelas copas retorcidas do Cerrado. O ar cheirava a terra quente, as folhas amassadas e os galhos secos estalavam com o vento que chegava de longe, trazendo poeira vermelha e o farfalhar de pássaros.

Foi nesse cenário em que ele apareceu. Branco como luar em noite seca, com um olho verde faiscante e outro vazio, que davam a ele ares de pirata ou de fantasma.

Dizia a vizinha fofoqueira que ele devia ter perdido um dos olhos numa briga com um cachorro. Minha tia achava que tinha sido numa disputa amorosa felina. Eu mesma preferia acreditar que era resultado de uma aventura secreta, talvez uma fuga espetacular de um laboratório secreto do governo. O fato é que o vazio na órbita não diminuía seu charme. Pelo contrário: dava a ele um ar de pirata aposentado, parecendo carregar segredos que nem eu ousava imaginar.

Resolvi chamá-lo de Qui-qui, nome que parecia nascer do som dos insetos do Cerrado, da cantoria dos grilos e do eco distante das seriemas. Ele sempre me pareceu um gato diferente dos demais. À noite, quando a lua subia clara sobre o campo aberto, Qui-qui não dormia. Caminhava pela casa inteira, farejando cantos, encostando a pata em paredes antigas, como quem procura algo escondido. O olho verde cintilava sob a luz prateada, e o vazio do outro parecia refletir mistérios que não ousou compreender.

Qui-qui foi ficando, não comia do que não queria, não aceitava colo, mas dormia diante da porta do meu quarto como guardião silencioso. Há quem diga que gatos assim carregam mensagens do invisível, ponte entre mundos. Eu não sei. Só sei que, desde que Qui-qui chegou, meus sonhos mudaram: agora neles aparecem rios que não conheço, casas que nunca vi, e vozes antigas que me chamam pelo nome.

Quando acordo, geralmente, lá está ele: Qui-qui imóvel me observando com seu olho verde de esmeralda, e o outro vazio, que parece conter o próprio Cerrado dentro dele.

Naquela manhã, porém, a casa estava silenciosa demais. Nada. Nem o arranhar insistente na porta do banheiro, nem o ronronar insistente quando abria a geladeira. Apenas silêncio. Procurei embaixo da cama, dentro do armário, até no cesto de roupa suja — porque com gato a gente nunca sabe — e nada. O Qui-qui tinha desaparecido.

Eu já estava desidratada de tanto chorar. Nem sabia que me apegaria tanto àquele serzinho. Na faculdade, uma amiga questionou o motivo do inchaço nas pálpebras da minha face, que mais parecia uma crise alérgica. Quando expliquei, ela veio com uma solução muito prática: *“conta a história do sumiço de Qui-qui nos mínimos detalhes, olho no olho, a um verdadeiro gato de rua. Pede a ele, encarecidamente, que traga seu gato de volta. Com certeza, Qui-qui voltará guiado pelo felino investigador, esse sobrevivente que conhece todos os meandros da cidade.”*

Ao chegar em casa, meio descrente na hipótese da minha amiga filósofa, sentei-me em uma cadeira de fibra, debaixo do cajueiro cheio de flores. Como que mandado pelos Guardiões do Cerrado, eu olhei para cima e, para minha surpresa, vi um gato, que parecia de rua, num dos galhos da árvore. O bichano estava parado olhando pra mim, como se me esperasse por muito tempo. Era magro com o pelo marcado de cicatrizes e olhos amarelos, que brilhavam como dois vaga-lumes. Ele parecia parte daquela paisagem seca e cheia de vida escondida: um detetive felino surgido das veredas empoeiradas.

— Você aí... — falei, sentindo-me ridícula. — Preciso que traga o meu gato de volta. O nome dele é Qui-qui. Sumiu desde anteontem aqui de casa.

Descrevi todas as características de Qui-qui para o gato de rua. Ele apenas piscou devagar. Quem conhece gatos sabe: essa piscada é mais eloquente do que qualquer palavra. Naquela noite, o Cerrado inteiro parecia em conspiração. O vento soprava trazendo o cheiro da florada de caju-do-mato. De longe, um lobo-guará soltava seu aulido grave, e o som ecoava como um chamado ancestral. O vento no capim alto produzia um som suave e contínuo, como se também escondessem passos.

Na manhã seguinte, acordei ao ouvir um arranhar na porta de casa, seguido de um miado rouco, arrastado, que parecia misturar-se ao chirriar de uma coruja-buraqueira. Corri até a porta. E lá estava ele. Qui-qui, meu gato branco, com folhas secas grudadas no dorso. De longe, o bendito gato de rua me observava, imóvel, como se esperasse o desfecho do encontro. Qui-

qui entrou sem cerimônia, como se tivesse apenas dado uma volta rápida. O gato foi direto para a tigela de ração, ignorando solenemente meu desespero.

Quando ele passou por mim, juro que senti algo diferente. Havia no ar o cheiro do Cerrado: um cheiro de mato queimado misturado com poeira, mas também de flores de ipê-amarelo e de pequi, e até um traço do odor selvagem de tatu-canastra. Era como se ele tivesse trazido o próprio Cerrado para dentro da sala. O gato de rua ainda estava lá fora, observando. Não pediu nada, não se aproximou. Apenas deu meia-volta e sumiu entre os arbustos, na mesma elegância silenciosa com que tinha chegado.

— Obrigada! — eu gritei.

Naquela noite, adormeci com Qui-qui roncando alto ao meu lado. Mas sonhei com trilhas de terra vermelha, com tamanduás atravessando estradas, com corujas que piscavam devagar, com o gato de rua. Acordei e fiquei pensando: *será que o gato de rua apenas conduziu Qui-qui de volta? Ou será que o obrigou a retornar pra mim?*

Até hoje, quando olho para Qui-qui, tenho a impressão de que ele trouxe um pedaço do Cerrado dentro dele. Um segredo. Um pacto. Como se tivesse feito parte de um acordo que eu jamais saberei. Algo que talvez eu nunca devesse tentar compreender. Mas uma coisa é certa: desde aquele dia, nunca mais subestimei o poder de um gato de rua.

PAPAGAIOS ME MORDAM!

Beatriz Peres

Desde a primeira vez que se viram, foi ódio mútuo. Ele havia arrancado um pedaço da unha dela, e ela derrubado a gaiola dele — com ele dentro. Mas foi ele quem havia bicado forte, logo na primeira vez.

Bichos de pena... nem dava pra considerar isso um bicho completo. Alguém considera galinha um bicho completo? Não! Todo mundo sabe que bicho completo tem pelo, focinho, quatro patas e um rabo. Olha o cavalo, a vaca, o cachorro, o gato... até um dragão, um unicórnio! Todos têm quatro patas, focinho, pelo e rabo! Mas aquele pseudobicho tinha penas, bico e asas. Definitivamente, não era bicho — era uma ave. Nem passarinho era, porque passarinho voa. Passarinho, no chão, dá pulinhos graciosos. Aquela ave caminhava de um jeito tosco e desajeitado. E a mãe dela queria que levasse aquilo pra casa, porque ela e o pai iriam viajar.

Frente a isso, não havia questionamento: a mãe mandou, estava mandado. E parecia que o pseudobicho também entendeu a ordem, porque olhou desafiadoramente, soltou uma cagadinha e, pachorrentamente, entrou na gaiola. E, pra completar o desprezo, ele mesmo fechou a porta. Pronto. Estava decretado: a próxima semana seria daquelas em que tudo o que pudesse dar errado, vai dar, e deu.

Inacreditavelmente, durante a viagem, ele não deu um piu. Nem reclamou quando Bibiana, de propósito, freou o carro bruscamente, fazendo a gaiola virar. Mas ela podia ouvir o pensar dele, maléfico.

Chegando, pôs a gaiola na área de serviço. Por obrigação moral com a mãe, trocou a água e deu ração — mas não deu boa noite, nem jogou beijinhos.

— Essa aí vai me pagar!

E foi com gosto de vingança que ele destruiu pedacinho por pedacinho aquelas almofadas horrorosas. Continuou desfilando pela sala, destruindo

plantas e tudo mais que decidisse ser do afeto dela. Mais tarde, se sentindo tonto, voltou pra gaiola — não sem antes fechar a porta, o que achava que garantiria sua privacidade.

Ao amanhecer, a Ser Alfa — Bibiana — acordou, passou pela sala com o intuito de ir à cozinha fazer café e se deparou com aquela cena de destruição. Automaticamente olhou pra gaiola do pseudobicho e o viu caído lá dentro.

— Pronto! Morreu essa peste! Minha mãe vai me matar! Não durou nem 24 horas! Onde será que compro outro ser desses?

Ela não repararia, pensou, era só comprar do mesmo tamanho — afinal, todos eram verdes. Bibiana começou a recolher os frangalhos das almofadas indianas que custaram uma fortuna na Shein. Com olhos chocados, olhou o que sobrou das suas lindas orquídeas verdadeiras. Viu a planta Comigo-Ninguém-Pode cortada e entendeu logo que ele se intoxicara. Pensou: *bem feito!* Mas, ao mesmo tempo, o seu ser mulher, mãe, a obrigou a ir até a gaiola. Abriu-a e pegou o ser verde na mão. Agora ele não era mais um pseudobicho. Agora era um ser vivo que precisava dos seus cuidados.

Sentiu na mão que o coraçãozinho dele ainda batia — de forma bem acelerada. Ligou para a filha médica, que desejou boa sorte, recomendou hidratá-lo e procurar um veterinário. A Ser Alfa olhou o relógio, aflita: ia se atrasar pro trabalho. Olhou também pro ser vivo na sua mão, que estava todo molhado. Lembrou do pai dizendo: “pássaro molhado está doente!” Não pensou: agiu. Colocou o ser molhado numa toalha, envolveu-o enquanto se vestia. Pegou a bolsa, o ser vivo enrolado e bateu a porta.

Antes de chegar ao trabalho, passou numa quitanda e numa farmácia. Na quitanda comprou dois cocos verdes, na farmácia, cinco seringas descartáveis. Já chegou ao trabalho gritando:

— Quem sabe abrir coco?!

Ela não sabia. Não demorou e seu Zé, da portaria, resolveu o problema. Coco aberto, seringa cheia de água de coco no bico do ser vivo verde. As pessoas atônitas fizeram uma roda pra ver o papagaio. E a Ser Alfa gritou:

— Deixem meu papagaio respirar!

Ela mesma se surpreendeu com o que falou: “*meu papagaio*”. Não era seu! Logo corrigiu, ou melhor, assumiu: *agora era dela, e precisava salvá-lo.*

Nem trabalhou direito. O chefe, vendo aquilo — entre incomodado e sensibilizado — a mandou pra casa. Bibiana deu um beijo no chefe, que ficou entre surpreso e grato, vendo-a sair correndo com o embrulho na mão.

Passou na quitanda de novo. Comprou um mamão bem maduro, um pacotinho de aveia e correu pra casa. Ao chegar, desembulhou o pacotinho de papagaio. Ele, ainda molhado, só teve forças pra abrir um olho e olhar pra ela fixamente. E eles conversaram mentalmente:

— Me salva!

— Eu vou tentar tudo pra te salvar.

— Desculpa pela bagunça...

— Foi a bagunça que te adoeceu, mas está esquecido. Eu vou salvar você. Me ajuda a te salvar?

Instintivamente, agiu como qualquer mãe. Abriu a torneira de água quente e, delicadamente, começou a lavá-lo. Ele estava com o corpo frio — papagaios são quentinhos. Depois do banho, encheu a seringa com uma mistura de água de coco, mamão esmagado e aveia hidratada. Foi colocando no bico do papagaio, conversando com ele bem baixinho. Contou de sua infância, dos animais que teve. Agora, não fazia mais distinção entre os bichos de pelo e os de pena — eram todos seres vivos, como ela.

Agora, o papagaio já não se referia a ela como a Ser Alfa. Ela era Bibiana. A filha da sua querida cuidadora, aquela senhora amável que se chamava Suzete, que lhe dava beijinhos e café com pão pela manhã.

Bibiana ficou a velá-lo o dia inteiro. E a noite veio. E ela continuou alimentando-o a cada três horas. Ao amanhecer, o cansaço venceu Bibiana. Ela dormiu.

Acordou assustada. Seu olhar correu até o papagaio, mas ele não estava mais dentro do paninho. Agora apavorada, o procurou pela casa — e o achou dentro da sua bolsa, dormindo. Agora não mais molhado, mas sequinho. Bibiana sorriu, feliz, e foi tomar banho pra ir trabalhar. Qual não foi seu susto quando viu ele entrando, caminhando com seu jeito peculiar — não mais desajeitado — no box, pra tomar banho com ela.

A semana terminou. A mãe de Bibiana chegou e reclamou seu papagaio. E ela foi devolvê-lo com um aperto no coração. Ao chegar na casa de Suzete, o papagaio desandou a falar:

— Ô vó! Louro quer café! Beijinho no Louro! Ô vó, coça a cabecinha! Coça!

Bibiana ficou olhando a cena. Achou bonita como sempre. E foi saindo, ia voltar pra casa, quando sentiu uma picadinha no pé. Olhou: era o papagaio.

Se abaixou e o levantou até a altura dos olhos. Se olharam profundamente. E, mais uma vez, conversaram:

— Obrigada.

— Eu que te digo: obrigada.

— Quer beijinho, Bibiana?

— Quero. Quero todos os beijinhos do mundo.

E a mãe Suzete gritou do fundo da casa:

— BIBIANA! VOLTA AQUI COM O MEU PAPAGAIO!

SUSSUAPARA

Berê Brazil

Sou herdeiro de uma daquelas histórias que o Cerrado vai perder sem conhecer. Nem minha espécie os humanos conseguem definir: alguns dizem que sou um *Ozotoceros bezoarticus*, ou talvez eu seja um *Blastocerus dichotomus*, mas por estas bandas no alto rio Preto, os ribeirinhos tradicionais me chamam pelo apelido tupi: Sussuapara.

Esses vizinhos sempre nos caçaram. Mas, de um tempo pra cá, os caçadores que vêm atrás de nós, em esperas e rebrotas, são diferentes: obstinados, profissionais, comissionados por entrega nos postos de armazenagem. Usam equipamentos de alta tecnologia. Não erram tiro. Cerram nossa galhada e correm em motos velozes para entregar, por um preço gourmet, nossa carne ambicionada aos poderosos vorazes.

No fim, são eles que financiam o extermínio organizado que nós, meus irmãos e irmãs do Cerrado, sofremos há tempos. Foi assim que nunca mais se viu um de nós nessas veredas.

Nasci num brejo de capim-rabo-de-burro, nas cabeceiras do rio Preto. Minha mãe, vermelha, reluzente e ágil, um dia foi atrás de uma rebrota na vereda velha e nunca mais voltou.

Eu estava começando a ficar esperto. Meu pai, alto, de galheiros elegantes, exalando cheiros de aguapé e lições de prudência, sempre me dizia: “o nosso ofício é o silêncio”.

Foi ele quem me levou pela primeira vez até a vereda dos buritis. Mostrou-me o capim dourado, deixou que eu bebesse um gole de água morna e, como costumamos ser, ensinou-me a mover suavemente.

Era fim de tarde. O vermelho tingia o céu pálido, quando um estampido derrubou meu pai e começou a se escrever o capítulo final de um ciclo de muitos séculos da nossa evolução.

Fiquei enroscado entre taboas, enquanto a noitinha cheirava a pólvora e ferrugem. Vi botas sujas de sangue velho chegarem mais perto, e quase sem respirar, vi o caçador serrando a cabeça de meu pai pela galhada valiosa, e depois arrastar seu corpo até sumir na escuridão... escuridão de dor e pânico. Depois que tudo silenciou, eu chorei alto, coisa que nem costumamos fazer.

Eu já estava bem debilitado quando um biólogo do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), por milagre, me encontrou trêmulo. Ele me fez caber dentro de um casaco, e percebeu que eu não suportaria a longa viagem até o distante Centro de Triage de Animais Silvestres (CETAS). Com todos os cuidados, providenciou que a Educadora Ambiental da unidade de Barreiras assinasse os documentos, tornando-se fiel depositária de mim.

A mulher tinha o riso solto, cuidava de água, de gente e de menino. Era um quintal grande e ela me dava uma mistura morninha numa teta também solta que trocava de mão: ora na mão dela, ora na mão do menino. Era um quintal de mangueiras, com viuvinhas, paturis e maritacas barulhentas.

Tinha uma aguinha empoçada que também ficava morninha que eu dividia com Davi, o tal menino, que era o rei da casa e o amigo bom, que depois de dois dias corria comigo pelo quintal saltando o que tinha pelo caminho. Ganhei cenouras, folhas tenras, mangas maduras e, sobretudo, beijos e abraços de Davi, que me chamava de “*Veinho*”. Foi um tempo bom, onde esqueci por instantes a tristeza que vivia no meu coração de cervo.

Na madrugada seguinte, o namorado da cuidadora de Davi amarrou minhas patinhas e, apavorado, percorri de moto, chacoalhando num saco de aninhagem cheirando a cachaça, ruas e vielas, até chegar numa casa escura onde me jogaram milho seco e um pote sujo de água com gosto ruim. Meu estômago reclamou; meus cascos escorregavam num chão sem lama. Acho que o negócio não deu certo. Ninguém quis me comprar. Já havia boletim de ocorrência e anúncios do meu roubo em todas as rádios da cidade...

Tinha uma fresta aberta por onde eu ouvia o latido insistente de algum canídeo furioso. Tanto fiz, tanto fiz, que fugi e o cachorro me pegou, dilacerando minha anca, e arrancando a carne da minha coxa. Alguém viu, e segurou o cachorro que estava mesmo decidido a me comer todo.

Me levaram pra um outro lugar e colocaram panos meio sujos sobre meus machucados. Eu acho que alguém ligou pro INEMA, ou pra rádio, ou foi um anjo que passou por ali e resolveu aliviar meu sofrimento; só sei

que fui de novo parar na casa de Davi. Teve veterinário, pontos, remédio, comidinhas mornas e especiais, folhas tenras, caminha fofinha à sombra, água fresca e gostosa. Abraços “*bem devagarinho filho*”.

Teve uma tarde que parecia que a septicemia que corria no meu sangue tinha sido vencida. Achei força suficiente para caminhar até Davi; deitei o focinho em sua mão pequena. Ele riu. Brincamos entre sombras de mangueira, e por um instante ignorei a dor. Quando o sol terminou, minhas pernas cederam.

Adormeci e despertei noutro lugar. Havia um Cerrado que só existe em memórias de sementes: campos floridos de sempre-vivas, veredas de buritis, bandos de araras-canindé recortando o azul.

Corri sem dor, afundei os cascos em água morna, mastiguei folhas tenras. Ao longe, vi minha mãe vermelha e suave, meu pai inteiro, galheiros erguidos intactos, chamando-me para a margem inundada onde quatis atravessavam trilhas de areia branca. Corri sem feridas.

Antes de partir, fui até ela, a mulher do riso solto, e fiz minha reverência em gratidão. Voltei-me à janela do quarto de Davi e beijei-lhe a testa pela fresta do sonho. Ele acordou chorando... sentiu-me atravessar a porta dos mundos para nunca mais voltar.

Era uma espécie se despedindo do planeta. O último de nós se ia para os encantados.

O que resta da minha genética jaz agora sob um ipê-roxo plantado naquele quintal. Se alguém escutar passos leves entre as folhas, não assuste: sou eu no reino dos bichos que sobrevivem apenas no espaço onírico, farfalhando o que ousamos chamar de esperança.

À memória viva de Davi Tuathan

O ÚLTIMO VOO VERMELHO

Brigida Neta de Freitas

Jurema era uma garota que morava com o avô, no Vale dos Bem-te-vis. Ela amava colecionar as miudezas do Cerrado, bem como pedras, sementes e palavras, pois para ela cada palavra carregava um saber ancestral, com poderes e magia capazes de renovar lugares, pensamentos e atitudes.

Ela olhava para a vida com muito brilho e esperança. Todos os dias acordava ao som do sabiá, que despertava majestosamente com o desejo de recomeçar.

Jurema tinha uma verdadeira admiração pelas Joaninhas, o que a fazia cultivar flores nas janelas do seu quarto.

Em dias primaveris, Jurema passava horas sentada sob a sombra de um cajueiro. Era ali que ela conversava com as Joaninhas, compartilhando seus sonhos e segredos. Mas em um desses dias, percebeu algo diferente: as joaninhas, sempre tão alegres e coloridas, pareciam inquietas. Havia uma nuvem pesada no ar, que nem o canto fabuloso do bem-te-vi conseguia disfarçar.

Entre as Joaninhas, uma se destacava, por ter asas brilhantes e uma capa vermelha aveludada. Era Inara, a guardiã das águas, que sentia a aflição dos rios se definhando. A sujeira e o lixo estavam sufocando as nascentes, e a força das águas escorrendo ladeira abaixo. Ela tentava, com suas pequenas patinhas, expressar a urgência para as outras joaninhas, mas tudo era muito assustador, o que a deixava engasgada.

Enquanto Jurema contava seus sonhos, Inara com a sabedoria milenar, pousou em seu polegar. A Joaninha não sussurrou em palavras, mas em sensações e sentimentos: a sede da capivara e do lobo-guará que cambaleando já não conseguiam ficar de pé.

Jurema, conhecedora dos sinais de alerta do Cerrado e de sua conexão com a magia da natureza, compreendeu a essência da mensagem de Inara.

Por um instante, Jurema silenciou-se, ouviu o canto do sabiá e profundamente sussurrou:

— Realmente a missão de Inara era grande demais para uma criatura tão pequena.

Nesse momento, sentiu o pulsar do coração que batucava convidando-a para entrar na roda e soprar as palavras encantadas. Na verdade, para Jurema era mais um desafio participar também, dessa missão. A garota que colecionava palavras e entendia a magia delas era a única que podia traduzir a angústia do Cerrado ao mundo.

Jurema compreendeu. A Joaninha não falava com palavras comuns, mas com os sentimentos da terra. A urgência da natureza se tornou sua própria urgência.

Certo dia, Vô Neco resolve fazer uma surpresa para a neta, dando-lhe uma luneta para que pudesse ver os mistérios que habitavam as matas, principalmente os animais selvagens que povoavam a redondeza.

Todos os dias, nas primeiras horas, Jurema apanhava sua luneta, ajustava as lentes e sem pestanejar enxergava com detalhes tudo que impactava a vida de cada ser que era fisgado pela grandeza do seu olhar.

De repente, num giro veloz, Jurema observa um exército de joaninhas, liderado por Inara, que transportava desesperadamente gotículas de orvalho para saciar a sede de uma Anta, que havia empacado na lama ressecada do lago azul.

Naquele instante, Jurema compadece-se da atitude das pequeninas joaninhas e através da sua luneta especial, não apenas observava, mas também apontava o instrumento em direção à anta; e, com os lábios movendo-se em um encantamento suave, sussurrava uma cantiga ancestral.

Da lente, em vez de imagem, sopram ondas invisíveis de esperança e palavras místicas, tecidas juntamente com a magia do Cerrado, para despertar a força vital da anta.

A noite chega trazendo a luz prateada da lua cheia. Seus raios banhavam a paisagem, transformando o resgate da anta não apenas em uma missão de sucesso, mas em um momento de pura magia.

Misteriosamente, o Cerrado nos surpreende e, com sua capacidade de renovação, uma chuva mansa e persistente começou a cair suavemente,

proporcionando alívio à equipe de resgate e revitalizando a anta com um banho merecido.

Mais tarde, ao redor da fogueira, numa dança circular sob o olhar benevolente da lua, todos os animais do Cerrado se reuniram e, regidos pela batuta da Joanhinha Inara e do Vô Neco, entoaram a canção de gratidão pelo momento de harmonia e reencanto que voltará a reinar nas terras do Cerrado. A comunidade unida resgatava o compromisso com a ancestralidade, para preservar a vida.

Jurema e Inara, sentadas sob a proteção do cajueiro, observam o rito, e sentem seus corações cheios de alegria por terem participado do milagre da vida.

O Cerrado em sua vastidão, celebra a vida que resiste e a união de todas as suas criaturas, das pequeninas às gigantes.

A luneta apoiada entre as mãos de Jurema parecia saltitar memórias de todos os encantos e belezas que viveu nesta aventura. Assim, a comunidade esperava que Jurema soprasse porções de palavras-sementes a serem semeadas no solo da consciência de cada ser que habita o Cerrado. Emocionada, Jurema fala:

— Observando as atitudes das joaninhas, é possível compreender que nas ações pequenas do cotidiano é que são ancoradas a grandeza de cada ser, e o poder das transformações.

Atenta às sábias palavras de Jurema, a Joanhinha Inara, sobrevoando a fogueira, fez piruetas com sua capa aveludada e, num voo rasante, partiu para novas missões. E você, qual é a missão que vai assumir para resgatar os encantos do Cerrado?

UMA CAÇADA DE ARREPIAR OS BIGODES!

Camilo Uzêda

Era uma vez no Oeste da Bahia, bem no lindo e atrativo Cerrado, cuja beleza natural e imensa extensão territorial era gigante comparado ao vizinho estado de Sergipe, um grupamento de guerreiros daquela fauna super diversificada, que promovia a segurança dos moradores locais.

Era um berço natural de espécies maravilhosas, inclusive, uma diversidade ecológica enorme de uma flora riquíssima, com plantas medicinais que todos aproveitavam bastante.

O Tatu, apesar de não ser o mais esperto, era o mais ligeiro e astuto, sempre buscando a saúde dos seus irmãos de labuta. Conhecia como ninguém as plantas locais com seus resultados medicinais. O Tatu era sempre engraçado. Mesmo que estivesse triste, a turma estava sorrindo, e quase sempre dele, e do seu jeito diferente de ser — mas ninguém judiava dele não, pois, ele era um amigo.

Tinha também o Lobo. Esse, por sua vez, não se abria para ninguém; era sério, durão, quase não falava. Mas quando a coisa era pra valer — e quase sempre era assim — estava em cima da linha, na pista, na cola: um verdadeiro farejador atrás da presa, principalmente quando ela estava solta. O Lobo era bom de faro, o principal do grupo para esse serviço. No final, sempre dava certo, porque através do faro chegava até o destino, onde encontrava a lebre (ou raposa) sorrateira, ou qualquer que fosse o infrator, e então dava a voz de prisão, tornando-o presa de fato, pela lei.

Dentre os demais habitantes da fauna desse belo bioma, o Cerrado, os carcarás seguiam as ordens de Lobo, revelando-se fiéis e jamais abandonando seu guia, exímio farejador.

Um dia, Lobo, liderando uma equipe formada pelo Tatu e dois carcarás como patrulheiros, foi chamado para uma missão difícil: a

gangue do Cachorro Louco, composta por vários cachorros-do-mato, estava promovendo crimes, arruaças, desordens e violência no Cerrado. A guarnição de Lobo, ao chegar a um descampado, encontrou vestígios do acampamento dos cachorros loucos. Esse foi o ponto crucial: colher os vestígios e seguir as pistas...

Logo adiante, encontrou uma lagoa, limpa e cheia de peixes. O Tatu, com sua esperteza rara, foi colher informações, perguntando se haviam visto o Cachorro Louco e sua gangue passar por ali, pois encontrara rastros significativos. Quem lhe respondeu foi um velho Traíra. Disse que viu a matilha inteira passar por lá, beber um pouco de água e que ouviu de um dos cachorros-do-mato falar do seu sinistro plano de invadir a Floresta das seriemas, uma área chamada de Cerradão, com muitas árvores, bastante densa e fechada, quase uma floresta tropical, com árvores de troncos retorcidos, cascas grossas, raízes profundas, e muitos arbustos e gramíneas entre elas.

A Traíra, pouco confiável, deixou o Tatu na dúvida, o qual, repassou o informe ao seu chefe, o Lobo, logo de imediato. Sem perder tempo, Lobo junta sua equipe e segue o rastro do grupo criminoso. O informe e o rastro deixado, mesmo sendo de um indivíduo pouco confiável, conduz a uma possível captura. Eis que a caçada começa!

Horas mais tarde, depois de uma longa jornada de rastros achados e perdidos, já em meio ao canto da coruja, Lobo vê a família de seriemas prontas para o abate, aterrorizadas, sem forças e amarradas. Dessa vez, as informações da Traíra foram verdadeiras, e ter dado importância a um costumeiro infiel, a quem lhe dera confiança, deu certo. A exemplo do nosso dia a dia, muitos traíras podemos encontrar em nossas memórias. Mas deixemos esses no esquecimento e fiquemos com a nossa história.

O carcará nº 01, indivíduo bruto, forte e resistente — não que fosse um malfeitor, pelo contrário, era servil e prestativo — posicionou-se com atenção e, de imediato, anotou quantos integrantes do bando havia naquela capoeira. No total, quatro cachorros-do-mato, incluindo o Cachorro Louco, líder do grupo. Percebeu que o embate era possível, sem necessidade de apoio externo, muito menos de chamar o chefe.

Esse chefe era uma ave forasteira, não nativa do Cerrado, mas dotada de liderança inabalável. Inteligente e exímio negociador, viera de outro habitat para comandar Lobo e sua equipe. Apesar de estrangeiro, adaptou-se bem ao novo ambiente e buscava manter-se firme junto às atividades de seus liderados.

Eis que de repente, após o cerco montado, Lobo dá o bote e segura o líder da cambada criminosa, sendo seguido por cada um dos seus carcarás. Contudo, Tatu, por sua fisiologia característica, não consegue deter o quarto elemento, que foge em disparada Cerrado a dentro.

Os três meliantes foram conduzidos para pagarem suas penas pelos crimes cometidos. Por outro lado, as seriemas foram libertas. Além das aves adultas protegidas, no total de sete, uma dúzia de ovos foram reconduzidos ao ninho, para preservação da espécie.

A equipe de Lobo, ao retornar à sua Base do Cerrado, foi condecorada pelo feito. Seu líder maior, o chefe, homenageou todos aqueles que conseguiram manter o propósito e a missão em foco permanente.

Ah, sobre o quarto elemento, isso será motivo para outra história!

P.S: Qualquer semelhança terá sido mera coincidência

SOBRE PESCARIAS, PAIS E FILHOS, EDUCAÇÃO E AMIZADE

Carlos Humberto Spezia

Por que gosto de pescar?

Envolto em minhas reflexões durante um voo de Brasília para Maceió, veio-me à lembrança milhões de imagens que me levaram a refletir sobre a razão pela qual eu gosto tanto de pescar. Cheguei à simples conclusão que o ato de pescar pouco importa. Foi pescando que aprendi a maioria das coisas que sei hoje. Em minhas viagens a inúmeros rincões desse país com o meu pai e seus amigos, aprendi coisas que apesar de disponíveis nos livros escolares, não apresentavam a dimensão lúdica e prática de aprendizagem.

Lembro-me que em uma das pescarias na qual fui contaminado com minha primeira malária, aprendi que o mosquito transmissor era o Anófeles, mas não foi por meio de desenho ou gravuras que eu conheci o mosquito, e posso até hoje identificá-lo com facilidade. Nessa mesma viagem, além da malária, também aprendi que ele, o mosquito, tem hábitos diurnos.

Também aprendi a fazer vários tipos de nós. O nó de porco, o nó de pescador, o nó de caminhoneiro, o nó de marinheiro. Isso tudo aconteceu em menos de uma hora. Ao amarrar as cordas que prendiam a carga na caminhonete, eu observava meu pai habilmente executar alguns desses nós, e, com toda a curiosidade de menino, aprendi por observação e, posteriormente, por tentativa e erro. Na mesma viagem, às margens do rio Paranã, no interior do estado de Goiás, conheci os seguintes peixes: o tucunaré, o lambari, o piau, a sardinha de água doce, a jurupoca e o famoso e cobiçado surubim. Obviamente o número de peixes conhecidos foi aumentando gradativamente nas inúmeras viagens subsequentes. Depois vieram os bichos: a paca, os porcos do mato, o jabuti — que é bem diferente da tartaruga, pois não gosta de água — a cotia, os veados (campeiro, galheiro, catingueiro), as onças, a jaguatirica, o jacu, a seriema, a ema, o tatu, o pato selvagem.

Eu ficava cada vez mais fascinado com os bichos que eu conhecia, e queria conhecer sempre mais! Perguntava tudo para o meu pai, que pacientemente me ensinava, e, depois tomava a lição por meio da observação.

Em relação à botânica, eu conheci presencialmente o jacarandá, a aroeira, a acácia, o pau-ferro, o angico, a maçaranduba, o pau d'óleo, o jequitibá, os diversos tipos de ipês, etc. Sabia e ainda sei identificar as árvores do nosso Cerrado e das nossas matas (são diferentes) pelas folhas, e até mesmo de bem longe. As diversas formas de capim também não passaram despercebidamente, bem como os nomes dos diversos rios e suas respectivas bacias hidrográficas estão fotograficamente vivos em minha memória.

Aprendi a ler o céu, a chuva, os relâmpagos, o vento, a força do rio, tudo por observação e incentivo.

Em uma das nossas viagens ao rio Formoso, afluente do rio Araguaia, chegamos em época de cheia. O rio cobria a ponte. Tivemos que armar nosso acampamento em uma das margens, bem perto da região alagada. Não conseguimos pescar nenhum peixe sequer. O planejamento era o de ficar cinco dias acampados. Não desistimos apesar de termos levado conosco apenas arroz e alguns temperos. Nessa pescaria eu aprendi a comer o que hoje alguns consideram uma iguaria, e pagam caro por ela. Estou falando de carne de rã. Uma delícia!! Devido ao alagamento, havia muitas rãs e logo tínhamos almoço e jantar garantido.

Conheci também uma fruta do Cerrado com o nome de araticum. Outro dia, na cidade, conheci uma sorveteria que anunciava o picolé de araticum. Ao olhar o desenho da fruta no papel, percebi que aquilo não era, nem nunca foi araticum. Pensativo, indaguei: eles vendem algo que não conhecem, e outros consomem o produto sem a mínima ideia do que seja. Erro?? Lógico que não, mas falta de curiosidade e informação, sim.

Nessa mesma pescaria uma cobra me picou. Corri chorando para o meu pai e ele, tranquilamente, me disse que não havia perigo, pois ela não era venenosa. Aprendi a diferença das venenosas e não venenosas por meio de um método não muito ecológico. Meu pai e o seu amigo, o Chico, me mostraram quatro tipos de cobras identificando a diferença entre uma cobra venenosa, e outra não venenosa. Vocês acham que eu vou esquecer isso?

Minhas aventuras ao longo desses quase quarenta anos de pescaria com certeza renderiam muitas histórias, mas a reflexão não é essa.

Por coincidência, destino ou coisa semelhante, hoje eu trabalho na área docente, e sou um entusiasta da educação ao longo da vida. Trata-se de uma abordagem que reconhece e valoriza todas as formas de aprendizagens, sejam formais, não formais e informais.

Essa tentativa de narrativa deixa claro para mim, que ao ensinar algo aos nossos alunos, devemos ter a ciência que eles possuem infinitos saberes adquiridos em suas práticas pedagógicas individuais. São conhecimentos contextualizados, e ao mesmo tempo consolidados. Dificilmente, o professor que nunca vivenciou experiências práticas, além daquelas controladas em laboratórios, poderá entendê-las plenamente. O respeito aos saberes dos alunos encontra-se contemplado por vasta literatura pedagógica, mas sua prática não é devidamente refletida pelos professores.

Hoje em dia fala-se muito em escola de tempo integral. Infelizmente, a tônica política centraliza-se na transferência de responsabilidade educacional dos pais para a escola. Queridos pais, a escola não educa ninguém! Ela apenas ajuda a consolidar os ensinamentos da vida, na qual a função da família é fator essencial. Fragmentos de informação colhidos na internet também não se consolidam em conhecimento. É necessário tratar a informação. Isso somente é possível ser feito de forma individual, dentro da família, que infelizmente está cada vez mais distante das pescarias.

Quando a criança lê um livro, por exemplo, ela corre para seus pais (referências), para compartilhar suas sensações e interpretações. Se os pais sequer leram esse livro, como eles poderão interagir com essa criança?

A escola, por mais preparada que esteja, não cumprirá com esse papel, que pertence aos pais, à família.

Acredito que pais desinformados têm grandes possibilidades de terem filhos desinformados, ou com fragmentos de informação colhidos em diversos ambientes de aprendizagem. Tal comportamento é catalisado pela tecnologia, no caso a internet, quando não há o tratamento da informação, seja na família, seja na escola.

O DESPERTAR DAS ARARAS-AZUIS DO CERRADO

Celso Almeida de Lacerda

Era uma manhã bem cedinho, daquelas em que a escuridão da noite se despede silenciosamente, entregando o céu aos primeiros raios dourados do sol. O Cerrado, ainda adormecido, acordava aos poucos com sua mistura típica de frio e calor, aquecido pelo amor que se espalhava num cenário de beleza serena, ofertado pela natureza.

Em meio ao verde amarronzado da paisagem, uma casinha de taipa repousava, coberta com folhas do buritizeiro. Ao lado da casa solitária, a sombra florida da árvore barriguda a protegia e enfeitava sua cobertura com várias flores róseas e brancas, banhadas pelo sereno da madrugada, que perfumavam a manhã.

Da varandinha rústica da casa, improvisada com talos das folhas da palmeira do babaçu, projetava-se uma sombra que refrescava o ambiente. O casal Geni e Onaldo, sentadinhos num banco feito de tronco de jatobá, contemplava a beleza presenteada pelo horizonte, que se estendia como um tapete esverdeado — embora, por vezes, amarronzado — visto por olhares cansados pelo tempo, mas que a imaginação criativa levava até o infinito.

Conversavam sobre tudo!

— Marido, o que seria da gente sem o nosso despertador natural? — perguntou Geni.

— Qual despertador natural, muié? — retrucou Onaldo.

— As chegadas das araras-azuis nos pés de babaçu.

Onaldo riu.

— É mesmo... Tiram nosso sossego, mas alegram a alma.

À frente da casa, dois pés de babaçu abrigavam e coroavam o espetáculo: casais de araras-azuis pousavam nas folhas mais altas. Eram coloridas,

vivas, exuberantes. Empinavam os peitos vermelho-e-amarelos, palravam, grasnavam, gritavam, acariciavam-se com os bicos curvos

A sinfonia crescia e se espalhava, rasgando o silêncio do Cerrado. O canto misturava-se ao ruído: um espetáculo de asas e sons que unia beleza e barulho, anunciando que o sol havia, enfim, despertado.

Por algumas vezes, olhando para o vale das gramíneas floridas, lá embaixo, onde a vida se movimentava, avistavam a passagem dos porcos-do-mato que, enfileirados, marchavam levantando poeira; as antas corriam em direção ao riacho de águas frias e cristalinas que descia da serra livremente; o lobo-guará desfilava cheio de pose; o tatu-canastra revirava a terra em busca de insetos e raízes; o tamanduá espojava-se na terra com prazer; o veado-galheiro amamentava seu filhote; o beija-flor saltitava sobre o aroma das flores; o papagaio, todo faceiro, “conversava” com o mundo; e o macaco-prego brincava como criança.

Também se ouvia, bem ao longe, o esturro da onça.

E, na choupana, a prosa entre Geni e Onaldo seguia com cheiro de café no ar. O fogão de lenha aquecia o ambiente, espalhando o aroma do cuscuz e da fritada de torresmo. Sentados à mesa pequena, mas farta de iguarias, Geni voltou a pensar em voz alta:

— Onaldinho, fico aqui pensando... até quando esses bichos viverão no meio da gente?

— Muié, tem que acabar com os caçadores. — respondeu ele.

— Só os caçadores?

— Não. O homem que não caça também, cada dia mais, desmata a terra. As queimadas espantam, e até mesmo matam os bichos do Cerrado.

Geni suspirou profundamente:

— Fico feliz em vê-los soltos por esta terra amada, alimentando-se de frutos, folhas e sementes. Também me alegro quando vou colher o pequi, o murici cheiroso, a cagaita, o burtus, a jabuticaba... São tantas frutas doces e boas que o Cerrado oferece!

Onaldo ouviu em silêncio e respondeu:

— O dia já amanheceu, muié. As araras-azuis já partiram para o mundo. Mas o pé de babaçu ficou com seus ninhos, seus ovos e a arara-mãe.

— É verdade, marido. Amanhã elas voltam, para mais um dia de alegria para nós, para o nosso acordar cedo. Precisamos cuidar mais desses pés

de babaçu, pois a arara-azul não vive sem seu lar. É necessário conhecer a beleza das araras e de todos os bichos do Cerrado, respeitando seu habitat. Para isso, é preciso conhecer, amar e preservar.

Onaldo colocou o chapéu de palha e se levantou:

— Muié, a conversa tá boa... mas vamos pra labuta! Já peguei a enxada, a trouxa de comida e a cabaça d'água.

E lá seguiram os dois, caminhando no ritmo da vida simples, acordados pelas araras-azuis, envolvidos pelo amor da fauna e da flora do Cerrado, e conscientes de que preservar é também um ato amoroso de agradecer.

A MÃE DA LUA

Dalviene Pereira de Souza

Maria Carolina vivia no campo e era uma menina cheia de birra, cismava por qualquer coisa, chorava além do limite, esperneava, gritava e, sem pestanejar, tirava a paciência da mãe. Apesar de todas essas características, a menina também gostava de prestar atenção em tudo o que ouvia. Um dia, em um dos seus choros, birras e inquietações, sua mãe lhe disse:

— A mãe da lua vem lhe pegar!

E a menina ficou a pensar... *e a lua tem mãe? Se a lua tem mãe, haverá de ter outras luas, mas eu só conheço uma... como explicar isso?*

Quando a noite chegou, Maria Carolina foi até a janela e ficou a observar o céu. Olhou, olhou, olhou... e viu somente uma lua. A garota ficou cada vez mais confusa e inquieta, mas esperou mais um tempo para ver se surgia algum sinal de outra lua. E nada.

A menina, muito curiosa, perguntou à sua mãe:

— Mãe, a lua tem mãe?

A mãe, depressa, respondeu:

— Não, minha filha, mãe da lua é um pássaro noturno que vive nos cerrados baianos, também chamado de emenda-toco. Ele é de cor marrom acinzentado, da cor dos troncos secos das árvores. Gosta de estar sempre colado nesses ambientes para fugir de predadores. Esse comportamento é um dos seus mecanismos de defesa. Assim ele livra de devoradores de sua espécie. O seu piado é assustador. Quando ele pia dá medo, é algo ensurdecedor. O seu bico alarga de tal maneira, que mais parece a boca de um peixe bem aberta. Todo o Cerrado fica em silêncio e treme de tanto medo quando escuta o piado dessa ave. Filha, a mãe da lua recebe esse nome devido ao seu comportamento de cantar em noites de lua cheia,

principalmente em árvores altas. Muitas pessoas associam o seu canto melancólico e arrastado com o luar e o ciclo lunar, criando a imagem de uma ave ligada à lua. Ah, Maria Carolina, já estava me esquecendo... a mãe da lua também traz o nome de Urutau, de origem tupi, que significa ave fantasma. Há também a crendice indígena de que as penas da cauda dessa ave protegem a castidade. Por isso, as mães varrem debaixo das redes das meninas com uma vassoura confeccionada com essas penas. E tem mais crendices a respeito dessa ave, mas vou deixar para você investigar, diz a mãe com risos no olhar. É, Maria Carolina, é verdade que poucas pessoas conhecem esse pássaro, somente as pessoas mais curiosas, aquelas que não tem medo de enfrentar as matas e têm olhares aguçados, são capazes de avistá-lo. Ele gosta de cantar sempre à boca da noite. O seu canto mais parece uma lamentação, um prenúncio de que a lua vai aparecer e a noite está prestes a chegar, que a noite está logo ali... é por causa desse piado estranho, medonho, que os pais dizem que a “mãe da lua” vem pegar as crianças birrentas. Os pais fazem isso somente para causar medo nessas crianças e elas pararem de birras e choros, mas não se assuste.

Maria Carolina cresceu ouvindo a mãe contar essas histórias e pôs a observar os finais de tarde, sempre com um olhar atento e ouvidos bem abertos. Não demorava muito para a menina ouvir ao longe aquele piado estranho, chegava a arrepiar os pelos dos seus braços... mas como era muito birrenta, menina de querer forte e decidida, sempre insistia naquilo que queria e ia em busca de suas curiosidades.

A menina resolveu ir às matas para ver de perto aquela ave que tanto lhe assustou na infância. E caminhou mata adentro, sem medo de se machucar com os cipós e espinhos. Rodou quilômetros e quilômetros e não viu nada. Então resolveu encostar em uma árvore seca para descansar. E assim fez. Deitou, se ajeitou... conseguiu até tirar uma soneca...

Quando Maria Carolina olhou para cima, viu algo estranho colado em um galho a se movimentar lentamente. Era algo muito pequeno, da cor do tronco, mais parecida com a penugem de uma coruja. Maria Carolina ficou em silêncio a observar aquele bichinho indefeso, estranho, que até parecia com a ponta seca do galho. A cor marrom acinzentada camuflava-se com o galho seco.

Maria Carolina resolveu esperar o anoitecer para ver o que acontecia. E não é que no momento certo, o bichinho disparou o bico em um cantar assustador? A menina ficou tão assustada, mas tão assustada, que saiu em disparada, não acertou nem o caminho de casa, se enveredou pelas matas e até hoje não se sabe do paradeiro dela.

BEM-TE-VI DO CERRADO

Daniella Taveira dos Prazeres

Era infinitamente agosto, e a jovem menina corre, salta, conversa, canta e observa: sol, calor, vento, flores, árvores de galhos tortos, chão, sementes, árvores frondosas floridas de cor rosa, aves, sons, bichos. O jardim encantado do Cerrado, na Bahia, respira vida e preenche o olhar. É o doce prenúncio da primavera.

— BEM-TE-VI!!!

Gritou a menina, que corria pelo Cerrado ao avistar homens desconhecidos na região. Eles desceram de um carro e, com uma vasilha e um isqueiro, ateavam fogo nas matas. Ao serem flagrados, começaram a perseguir a garota. O jardim de ipês em flor respira fumaça.

Silêncio no Cerrado.

Não conseguiram localizá-la, mas deixaram um aviso:

— Fuja, menina! Porém, logo logo, não haverá mata para se esconder!

Riram e comemoraram o início de uma destruição que parecia interminável.

Ela correu desesperadamente, tentando alcançar alguma casa na vila gazeria. Porém, a fumaça se tornou um fardo e, na tentativa de evitar a destruição do seu jardim encantado — do seu lugar sagrado —, ela, que ‘chamava os bichos de amor’, buscava fôlego e força para continuar a gritar:

— Eu vi! Foram eles os incendiários!

Entre lágrimas e respiração ofegante, lentamente seu coração também sangrava com as chamas da insensatez. Sangrava sob as nuvens que preenchiam seu olhar de lágrimas. Em desespero, tentou se esconder, mas só existia fumaça...

De repente, os sons eram de estalos, de vazio e de escuridão. Até que uma voz distante a abraçou sem tocar e disse:

— Doce e gentil menina... Bem-te-quero...

A garotinha ouviu e, suspirando, perguntou:

— Quem está aí?

— Eu sou o espírito mensageiro dos guardiões do Cerrado. A partir de agora, você será parte de nós. Sua vida humana lhe foi roubada pelas chamas; entretanto, seu doce espírito prevalecerá no Jardim Encantado do Cerrado, na cidade, na imensidão — onde quer que você alcance voar.

— Como poderei voar? — perguntou.

— Vida em forma de ave — respondeu ele.

Angustiada pela dúvida, viu passar diante dos seus olhos os sonhos de menina ferida, os sonhos de uma vida humana perdida...

Lembrou-se dos homens, de suas atitudes e palavras.

Sorriu e prontamente agradeceu a mágica divina concedida. Sentiu as asas, sentiu-se livre como jamais sonhara ser, e voou alto, plena, deslumbrante...

Era tudo imensidão: o sol, o céu azul, as nuvens a tocar.

Ela, a Bem-te-vi, como traduz o canto do pássaro, passou a ser uma guardiã do Cerrado no Oeste Baiano. Cantava alegremente o amor. Mesmo em Barreiras, na cidade grande, ela e seus descendentes pousam nas árvores, nas casas, nas janelas e onde quer que alcancem.

Seja para apenas se expressar, seja por pura curiosidade de ver o comportamento dos adultos que não irão ser. Quem sabe para espalhar a sorte, ou uma nova vida no ventre de uma mulher-flor. Assim, em forma de presságio-canto, a Bem-te-vi verdadeira espalha a esperança que floresce no alvorecer.

Como a luz do sol, sua chama amarela em forma de penas ilumina os sonhos e reluz novos desejos, pois ao acordar com o seu canto, sabemos que o Cerrado está ali. É uma nova vida que começa todos os dias.

A ave pincela o azul sereno, faz e refaz ninhos, porque, ao dormir, sonha com a menina que um dia foi — a menina que vivia em harmonia perto de um rio cristalino de ondas. Sonha com a liberdade, mas, de forma humilde, aceita a vida mágica e o futuro ao qual estará para sempre destinada a viver.

Então, pensa sobre a liberdade de poder ter asas, a mesma que a aprisiona dentro de si ou em gaiolas de estimação construídas por homens sedentos por canto e beleza. Por isso, os pássaros guardiões clamam por respeito, clamam pelas suas casas.

Todas as noites, a Bem-te-vi de coroa preta conversa com os guardiões Beija-flor e João-de-barro sobre salvar e cuidar das terras exuberantes e vistosas do Jardim Encantado; falam sobre como podem multiplicar árvores, como o maracujá-do-mato, o buriti, o ipê e o pequi.

Ao fim da reunião, concordam que não basta apenas semear — é preciso cantar, para que os seres humanos ouçam e se encantem com a voz da majestosa natureza dessa terra. Para que homens e mulheres escutem os espíritos da verdadeira floresta.

Então, em meio ao céu acinzentado de fumaça, durante as noites de agosto e setembro, nas serras da Bandeira e do Mimo, os guardiões voam o mais alto que podem, buscando a luz. Mas somente a Bem-te-vi consegue alcançar a verdadeira iluminação, pois houve um tempo, ainda menina, em que enfrentou as chamas da escuridão, dos medos e das incertezas.

Assim, toda vez que o sol nasce, ela revela com seu canto o começo de um novo dia, repleto de novas possibilidades. A ave é a guardiã dos começos, recomeços e dos novos sonhos que se revelam.

As turbulências que podem nos manter inertes diante da vida, as chamas do medo e das incertezas, a des-vontade de viver-menina, poderão ser amenizadas ou superadas se você ouvir o BEM! — o canto alto da Bem-te-vi-menina.

Portanto, se uma dessas aves construir um ninho ou cantar próximo a ti, seja grato pelas coisas boas da vida; celebre a felicidade e a harmonia ao seu redor. Cuide dela e da vegetação que habita. E, se o momento for de tristeza ou de problemas, saiba que ela cantou para lhe dar esperança diante dos incêndios que não conseguimos apagar sozinhos.

Era infinitamente agosto de 2025, e o Grande Espírito do Cerrado reapareceu e alertou:

— O mundo está mergulhado na escuridão. É preciso lutar, voar longe e alto, mostrar aos homens a beleza da chuva, das árvores e das águas do Jardim Cerrado. Lutemos sem armadura, pois cada um de vocês tem um superpoder. Cantem! Semeiem! Em breve, seus filhos estarão livres de todas as gaiolas, porque vocês são os mensageiros guardiões da clareza e da energia dourada que ilumina esta fauna.

O mensageiro da natureza afirma: EU TE VI! EU TE VEJO! Você existe e é parte de um mundo; você tem vida a ser vivida. Contemple-se e aprecie a natureza, protegendo-a. Faça parte da liga dos guardiões do Cerrado. E assim, como grande espírito mensageiro, direi enfim:

— BEM-TE-VI!!!

O ÚLTIMO SILÊNCIO DO CERRADO

David Duarte

No Cerrado, o vento vem seco, carregando cheiro de terra queimada e flor que insiste em sobreviver, e ele anda: o lobo-guará. Alto, solitário, olhos que guardam segredos do tempo, passos que escutam o mundo antes mesmo dele acontecer, e cada rastro seu na poeira é história que ninguém contou. Cada curva de seu corpo entre árvores, arbustos e pedras fala de resistência e memória.

Ele não é só animal. É poema que caminha, música que não precisa de voz, lembrança viva de tudo que se perde e insiste em permanecer, e, mesmo sozinho, ele tem companhia: o sussurro do capim, o cheiro da chuva antiga, o canto das aves que se recusam a calar; eu observo e penso que talvez amar de verdade seja isso, persistir mesmo quando tudo parece querer nos apagar.

O lobo-guará espera, ele sempre espera, e eu aprendo a esperar com ele, porque paciência aqui é poesia, cada minuto é vida inteira e cada vida inteira é um grito silencioso que precisa ser ouvido. O lobo-guará não fala, mas seu silêncio corta a alma; não abraça, mas cada passo ensina a ser inteiro; não ama como a gente ama, mas a fidelidade que carrega é mais feroz que qualquer gesto humano. Ele caça, sim, mas não apenas por fome; ele caça por existir, por afirmar que ainda há vida nos cantos que todos esquecem. Cada presa, cada movimento, cada sombra é uma lição que o mundo se recusa a ensinar.

Quando a noite cai e as estrelas se acendem, lentas e silenciosas, ele se deita na terra fria, e eu penso em todas as vidas pelas quais passamos sem perceber, em todos os silêncios que carregamos dentro de nós e em tudo que amamos sem saber que amar é urgente; e sinto que ele, sozinho, entende isso melhor que qualquer ser humano.

Eu escrevo sobre ele como quem escrevesse sobre o último amor da minha vida, como se cada palavra pudesse prender o tempo, segurar o

vento, guardar a memória de algo que pode desaparecer a qualquer instante, porque, no fundo, ele me ensinou que poesia não precisa de letra, que amor não precisa de promessa, que beleza não precisa de testemunha.

Quando penso em sua ausência, no dia em que talvez ele não caminhe mais por esse Cerrado, meu coração aperta como se eu tivesse perdido algo que nem sabia que podia ser meu para sempre, e, então, entendo que o lobo-guará é muito mais que animal: é sentimento de existir, lembrança do que é necessário, reflexo do que nos mantém vivos, mesmo quando tudo parece querer nos calar.

Nesse instante, dói-me perceber que não é apenas ele que se apaga: é o próprio Cerrado que some diante dos nossos olhos. São rios que secam, aves que silenciam, árvores que tombam sem testemunhas, flores que nunca mais desabrocharão, e cada perda é um corte invisível que rasga a alma da terra. E, enquanto a biodiversidade escorre entre os dedos da humanidade como areia levada pelo vento, o lobo-guará caminha como último guardião de um mundo que pode desaparecer.

De repente, dou-me conta de que não estamos perdendo só espécies: estamos perdendo canções inteiras, histórias que jamais serão contadas, poesias que jamais serão escritas, e enquanto ele andar vou guardar cada sombra, cada sopro de vento, cada passo na poeira, cada olhar que atravessa minha alma, porque um dia ele pode não estar mais aqui, e eu me lembrarei de tudo que fui capaz de sentir por ele, tudo que aprendi a amar na vida silenciosa de um lobo solitário.

Talvez, só nesse instante eu compreenda, de verdade, o que significa resistir, existir e amar sem pedir nada em troca, porque ele me mostrou que a vida é urgente e frágil, que cada instante importa, e eu jamais esquecerei o lobo-guará que caminhou comigo no Cerrado, que me ensinou a sentir cada cheiro, cada silêncio, cada passo, e que vai viver para sempre em mim como poema que nunca termina, como um grito de amor que nem a distância nem o tempo podem apagar.

E, mesmo quando a poeira e o vento levarem tudo, ele continuará ali, entre árvores, arbustos e lembranças — eterno e solitário — ensinando que amar é persistir, que o mundo é mais bonito quando se aprende a vivenciar cada instante, mesmo que doa, mesmo que tudo pareça fugir; e eu seguirei com ele, andando pelas sombras, respirando o Cerrado, sentindo que cada cor, cada cheiro, cada sopro de vento é um verso que nos mantém vivos; certo de que só quem sente de verdade entende que a vida é poema e que o amor, assim como o lobo-guará, caminha na vastidão silenciosa, deixando marcas profundas no coração de quem tem olhos para ver e alma para sentir.

O CAUSO DO TAMANDUÁ, DA FORMIGA, DA JAGUATIRICA, E DO PAPAGAIO

Denizar Nogueira

Lá para as bandas do Oeste da Bahia, onde o sol de setembro abre as primeiras chuvas do caju e os gerais se enchem de verde, o povo gosta de se ajuntar no terreiro pra prosear. Foi numa dessas rodas que Seu Vitor e Dona Lavínia começaram a contar um causo antigo, guardado nas memórias do Cerrado.

— Pois, então! — dizia Seu Vitor, ajeitando o chapéu de palha. — Num tempo em que o Cerrado falava mais alto, cada bicho tinha sua sina bem marcada.

O Tamanduá-bandeira, de língua comprida e jeito pacato, vivia atrás dos cupinzeiros e formigueiros que brotam entre as veredas. Já a Formiga, pequenina e trabalhadeira, não gostava nada daquela visita constante.

— Ora, Seu Tamanduá, o senhor não tem vergonha de viver do suor dos outros? — resmungava a Formiga, carregando sua folha no lombo.

O Tamanduá, coçando o focinho, respondeu devagarinho:

— Cada um tem sua serventia, minha amiga. Se não fosse eu, os cupins já tinham engolido a terra do Cerrado.

E assim viviam, entre implicâncias e dependências, até que apareceu a Jaguatirica, ligeira e bonita, com olhos que brilhavam feito lua em noite clara. Ela rondava o campo, faminta, de olho no Tamanduá.

Foi aí que o Papagaio, fofoqueiro, de galho em galho gritou do alto de um pequizeiro:

— Olha a Jaguatirica! Olha a Jaguatirica!

O Tamanduá se atrapalhou, a Formiga se escondeu debaixo da terra, e a Jaguatirica, toda faceira, tentou se aproximar. Mas o Papagaio, rindo de sua própria confusão, continuava a berrar:

— Corre, corre, que o Cerrado é grande, mas a vida é ligeira!

No fim, a Jaguatirica desistiu, cansada da gritaria do Papagaio. O Tamanduá voltou a procurar formigueiro, e a Formiga, ainda brava, seguiu no seu trabalho.

Dona Lavínia, que até então ouvia quieta, completou o caso:

— E assim é o Cerrado: cada bicho tem seu lugar, sua força e sua fraqueza. Mas, todos juntos, guardam o segredo dessa terra. Quem a respeita, vive; quem não a respeita, some.

Naquele fim de tarde, entre cheiro de pequi maduro e canto de Siriema distante, o povo se calou um instante. O Cerrado, com seus Gerais e rios, parecia respirar junto com a história.

A LENDA DA RASGA-MORTALHA

Esther Moreira

N o município de Barreiras, existe um povoado chamado Retiro, nome dado a uma roça, onde o sol se põe atrás das montanhas e a noite cai como uma manta escura. Ali, as histórias dos avós eram o entretenimento favorito das crianças. Uma das que mais fascinava a pequena Ana, era a da Rasga-Mortalha.

— Era uma noite escura como esta — dizia o avô, sentado ao lado da fogueira — quando o som estridente da Rasga-Mortalha foi ouvido pela primeira vez. Dizem que é um pássaro de mau agouro, um presságio de morte e tragédia.

Ana se arrepiava ao ouvir aquelas palavras. A avó, sentada do outro lado da fogueira, acrescentava:

— Mas não é apenas um pássaro, minha neta. É um espírito vingativo, que rasga as mortalhas dos mortos para se divertir.

À medida que crescia, a lenda da Rasga-Mortalha se tornava um mito cada vez mais enigmático para Ana. Ela não sabia se acreditava ou não, mas sua curiosidade a levou a investigar por conta própria. Saiu a percorrer as estradas da roça, de casa em casa, conversando com os mais velhos em busca da verdade.

Uns diziam que era uma mulher que morrera de forma brutal. Outros sussurravam: “foi traída!” — e que, por vingança, ela rasgava as mortalhas dos mortos. Diante de tantas versões, Ana concluiu:

— Não há verdade nessa história... existem muitos lados, mas nenhum se comprova.

Até que um dia tudo mudou.

Ela estava em casa com a mãe, costurando algumas roupas, quando um barulho estridente ecoou na escuridão: “o som da morte”. Sem hesitar, com

um candeeiro na mão, Ana correu para fora e avistou algo que parecia uma tesoura rasgando o céu. A mãe, tomada pelo pavor, agarrou-lhe o braço e a puxou para dentro, tentando afastá-la da Rasga-Mortalha.

Ao nascer do sol, chegou a notícia: uma amiga da família havia falecido naquela noite. Ana estremeceu. Pela primeira vez, percebeu que a Rasga-Mortalha não era apenas um mito. Mas, em vez de medo, um novo sentimento surgiu: reflexão.

Para Ana, a Rasga-Mortalha passou a simbolizar não só a morte, mas também a vida. Ela compreendeu que a morte é parte natural da existência e que cada instante vivido é precioso. Desde aquele dia, passou a valorizar cada momento e a respeitar a memória dos que partiram.

A lenda continuou sendo contada no povoado, mas para Ana ela ganhou outro significado. E, sempre que o som estridente da Rasga-Mortalha cortava a noite, ela já não sentia medo. Sentia respeito. Pois sabia que ali passava uma justiceira.

PEGA, MAS NÃO PEGA!

Euclides Araújo

Em uma manhã na Fazenda Buritizinho, eu, o pedreiro Fabinho, e o carpinteiro Manoel, estávamos terminando um alpendre em minha casa, na parte do fundo. Então, de repente, um veado passou em frente da casa, correndo vindo do sentido da cidade, com um cachorro rajado a persegui-lo, mancando de uma pata, quase pegando o veado. O cachorro era do Netão, meu vizinho. Ao ver a cena gritei:

— Olha o veado!

E o Fabinho falou:

— Vamos pegar, Euclides?

Foi aí que começamos uma inusitada perseguição. Nosso guia de visão era o Manoel, pois sua visão em cima da casa favorecia nossa missão de capturar o animal. Ele nos passava as coordenadas, enquanto eu e Fabinho tentávamos alcançar o veado, que passou na lateral da casa do meu pai, e na casa do meu irmão Joãozinho.

Descendo sentido ao brejo, o bicho passou pela roça de capim mombaça, e pelas moitas de calumbins, quando nessa hora ouvimos o grito do Manoel:

— Tá passando embaixo do pé de jatobá.

Eu o avistei no canto da roça, no capim guiné. Nessa hora falei para o Fabinho:

— Vamos colocar ele para voltar, escanteando pela tela do galinheiro.

Mas o veado era muito ágil. Quando percebi, ele já estava embaixo do pé de Gameleira. Cercamos o bicho, e conseguimos colocá-lo para voltar. O Fabinho ficou cara a cara com ele, e até conseguiu arremessar um pedaço de tijolo. Nesse momento, o veado deu um pulo, e se safou.

Lá na frente ele foi para o canto onde tinha um capim guiné, e fiquei frente a frente com o animal. Ele se abaixou quando me aproximei, e voltou correndo, ficando embaixo do pé de bonequeiro, Fabinho, mais uma vez ficou em sua frente, mas ele escapou sentido ao Cerrado. Perguntei ao Fabinho:

— Pegou o sentido do Gerais?

Ele respondeu:

— Sim!

Eu falei:

— Perdemos o veado!

Nessa perseguição, passamos por oito cerca de arames farpados. Já estávamos cansados, e nem tínhamos dado conta dos arranhões conquistados nessa aventura, mas ainda não desistimos. Passamos por mais duas cercas na roça da Tia Ana, onde havia uma barragem, quando o veado pulou dentro, e eu falei:

— Agora eu pego!

Mas quando dei a volta e consegui chegar do outro lado da barragem, ele já tinha saído da água, e correu sentido a Fazenda Jenipapeiro.

Nesse momento, desistimos da perseguição.

Quando estávamos voltando para casa, cansados, falei para o Fabinho:

— Se tivéssemos um cachorro bom, tínhamos pegado!

E o Fabinho:

— Ou uma espingarda bate bucha.

Nesse instante, ouvimos um disparo, vindo da direção que o veado tinha escapado, e logo em seguida outro disparo.

Fabinho ainda falou:

— Vamos voltar para dividir o veado?

Falei:

— Nós já estamos cansados, e eles estão armados. Vamos deixar quieto!

Voltamos para casa. Em cima dela, Manoel estava morrendo de rir de nossa aventura com um final triste. Uma semana havia se passado, e meu vizinho Netão falou que aqueles dois tiros vieram de dois meninos que

estavam passarinhando na Fazenda Jenipapeiro, quando o veado apareceu. Espertos, eles atiraram com as espingardas bate buchas.

O nome deles não sei, mas fiquei sabendo que são pessoas humildes, e que o veado tinha chegado em boa hora em sua casa. Eles caçavam por necessidade, para colocar a mistura em sua mesa; foi um dia de alegria ao voltarem para casa.

Muitas pessoas caçam por diversão, esporte e lazer, e outras por necessidade. O veado é um dos animais que está em extinção em nosso rico Cerrado, mas a natureza deve ser preservada e, por isso, é essencial a conscientização. Portanto, mesmo essa história sendo verídica, nunca devemos apoiar a prática de caçar.

Depois que tudo passou, curioso como sou, fui pesquisar a respeito da importância do veado-catingueiro em nosso Cerrado, e descobri que ele é um importante agente para repor florestas e matas, pois, através de sua alimentação rica em sementes, com suas fezes ele ajuda no reflorestamento de muitas regiões.

O veado-catingueiro também é um indicador de área saudável, sem falar que é presa para animais como onças e jaguatiricas. Assim, quando são caçados ilegalmente, atraí esses animais para perto dos seres humanos.

A importância em preservarmos é maior, pois o risco de extinção é real, e todos os animais são fundamentais para manter a natureza em equilíbrio.

TOCA DO PAJÉ

Eva da Silva Pais

Era final do outono de um ano qualquer. Aguardava ansiosa pelo fim de semana prolongado. Fui convidada para acampar na Toca do Pajé, um lugarzinho no alto da montanha, entre árvores nativas do Cerrado, paredões de rochas amareladas e o frescor das águas correntes do Rio Grande, um oásis no oeste da Bahia.

Não pensei muito, sou aventureira. Peguei o necessário e arrumei a mochila. Não podia faltar alimentos, roupa de banho e um par de tênis, pois lá é ideal para uma trilha matinal. Chegamos ao entardecer. Batia um vento frio que emanava paz, calma e uma profunda conexão com a natureza. O horizonte alaranjado indicava que o sol se despedia dando lugar à noite. Nesta transição, a coruja já alçava voo. A arara-canindé procurava o oco da árvore para descansar se preparando para um novo dia.

Por ser um ambiente bem primitivo, sem energia elétrica, internet ou qualquer outro meio de comunicação além do velho rádio de mesa, fizemos uma rápida limpeza na área de convivência e acendemos a churrasqueira. Enquanto os homens preparavam o churrasco, o fogo aquecia o ambiente e afastava animais peçonhentos como aranhas, escorpiões, cobras Caninana e Jararaca.

Entretanto, algo inusitado aconteceu. Dona Edite, minha mãe, foi pegar uma roupa para se trocar e não reconheceu uma “estampa” diferente dentro da bolsa. Olhando mais de perto, viu que algo se mexia e gritou:

— Meninos, venham aqui! Tem uma cobra junto com minhas roupas!

Aflitos, os filhos correram, pegaram a bolsa com uma vara e puseram-na longe o bastante para verem a cobra sair. Foi um grande susto!

Tivemos longas conversas, rememoramos fatos da juventude e demos gostosas gargalhadas naquela noite iluminada pelas estrelas e por bicos de

luz produzida por um gerador. Antes de dormir, combinamos de levantar cedo para a realização de uma trilha. Acordamos ao som das juritis, cardeais, mutum-de-penacho e pomba-de-bando.

Tipicamente preparados com calças, bonés, chapéus de abas largas, tênis, botinas, camisetas de mangas compridas para proteger-nos do forte sol, máquina fotográfica na mão para registros inesquecíveis, adentramos a mata. A trilha foi margeando as veredas. A caminho da nascente, fomos curtindo os sons da natureza, observando o curso da água rumo ao rio que alimenta ribeirinhos e bichos do Cerrado como raposa, jacu, cutia, capivara, veado. Uma beleza estonteante, obra perfeita da Criação, fonte inesgotável do amor de Deus para nós.

Na volta, com clima mais quente, vimos saruê correndo, tatu se escondendo, micos saltitando de galho em galho, numa verdadeira dança dos bichos. Foi uma sensação de liberdade, leveza, perfumada com fragrâncias naturais. Muita novidade para contar a quem não quis viver esta emoção.

Mas o fim de semana não parou por aí. Teve um gostoso luau. Nos dias seguintes, acordávamos mais tarde para apreciar as águas cristalinas do rio, tomar banho, brincar na tirolesa. Enfim, a Toca do Pajé é um celeiro de biodiversidade, uma preciosa reserva ambiental que merece cuidado, pois a mão do homem destrói mais do que constrói.

A SAGA DE CAMILO, O LOBO-GUARÁ SONHADOR

Evanilda Miranda da Silva

Camilo era um lobo-guará diferente. Majestoso e discreto, carregava no corpo toda a beleza do Cerrado: patas longas e negras, pelagem alaranjada com reflexos dourados ao sol, crina escura e focinho elegante.

Era o maior cánídeo da América do Sul e, mesmo assim, vivia só, como manda o costume de sua espécie. Caminhava em silêncio entre campos abertos, entremeados de arbustos e árvores retorcidas. Refugiava-se sob a sombra dos ipês, nas grotas úmidas ou nas moitas de capim-gordura. Mas, dentro dele, havia algo que nenhuma sombra poderia esconder: um desejo imenso de mudar sua história.

Ao contrário de outros lobos-guará, Camilo era reflexivo. Durante suas longas caminhadas, costumava parar à beira dos riachos e olhar seu reflexo na água. *Por que vivemos sós? Por que só nos encontramos na época do acasalamento? Não seria melhor formar uma família, como fazem os humanos ou os lobos-cinzentos do norte?*, perguntava-se. Ele, um lobo moderno, queria mais que encontros passageiros — queria laços.

Mas, como tomar a iniciativa se era tão tímido? Camilo sabia que precisava aprender a se comunicar melhor. Por isso, tomou coragem e foi buscar ajuda com a mais tagarela e sábia das criaturas do Cerrado: dona Maritaca. A ave de penas verdes e voz aguda vivia no alto de um jequitibá, rodeada de livros, sementes e filhotes inquietos. Era famosa por ser conselheira de todos os bichos da região.

Camilo se aproximou do tronco e bateu as patas, timidamente.

— Dona Maritaca? A senhora pode me ajudar?

A maritaca espiou de cima, surpresa por ver o silencioso lobo-guará ali embaixo. Com seu jeito direto, perguntou:

— Ajudar com o quê, meu filho? Você nunca fala com ninguém!

Camilo sorriu, sem graça.

— Pois é. Esse é justamente o problema. Quero aprender a falar bem. Quero conversar, declarar sentimentos, vencer essa solidão.

— Ora, ora... — respondeu ela, ajeitando os óculos no bico. — Então, você quer aprender a se expressar?

— Sim. Quero me preparar para quando encontrar a loba dos meus sonhos.

Dona Maritaca adorou o desafio. Criou um plano de estudos completo: aulas de língua portuguesa, leitura de contos, exercícios de dicção, prática de escuta atenta, debates sobre sentimentos, além de ensaios de discursos românticos. Camilo se dedicou com afinco. Lia toda noite, escrevia em folhas secas, praticava com eco nas cavernas e até gravava seus próprios uivos para avaliar a entonação.

Durante esse tempo, aprendeu mais do que palavras: aprendeu a ter empatia, a compreender o outro, a confiar em si. Descobriu que saber ouvir é tão importante quanto saber falar. E, mais que tudo, aprendeu que a comunicação é a ponte que une os corações.

Quando chegou o outono, entre abril e junho, época em que os lobos-guará se encontram, Camilo estava pronto. O céu do Cerrado tingia-se de vermelho ao entardecer, o ar era seco, e os ipês começavam a florir. Era tempo de coragem.

Em uma dessas tardes douradas, enquanto caminhava perto de uma vereda, Camilo viu Clarita. Ela era linda. Tinha a pelagem reluzente, olhos vivos e um jeito curioso de farejar o vento. Seu porte era leve, ágil, e seu olhar profundo.

Camilo respirou fundo, lembrou das aulas de dona Maritaca, ajeitou a postura e se aproximou:

— Olá, Clarita. Meu nome é Camilo. Sei que é costume de nossa espécie nos encontrarmos apenas por um tempo, e depois seguirmos sozinhos... Mas preciso dizer: não quero isso. Sonho em formar uma família contigo. Quero dividir caminhos, criar filhotes, envelhecer ao teu lado. Sei que é diferente, mas acredito que o amor pode mudar tradições.

Clarita ficou surpresa. Nunca um lobo havia falado assim com ela.

— Camilo, você falou com o coração. E tocou o meu. Também me canso de estar só. Também sonho com algo duradouro. Vamos tentar juntos?

— Vamos — respondeu ele, sorrindo.

E assim, tomaram uma decisão histórica: casar-se. O primeiro casamento formal entre lobos-guará.

A notícia se espalhou rapidamente. Os tamanduás prepararam os convites. Os tucanos decoraram a clareira. As corujas providenciaram a iluminação com suas lanternas mágicas. A anta fez o buffet de frutas. O casal escolheu o dia da lua cheia, para que todos pudessem festejar à luz prateada do céu.

A cerimônia foi linda. Clarita usou um vestido feito com algodão do mato e cipós. Camilo vestia um fraque de folhas secas e penas coloridas. O Rei Leão, vindo da África em missão diplomática ecológica, celebrou a união com palavras fortes e poéticas sobre a importância da família, da mudança de paradigmas e da preservação do Cerrado.

Após a festa, com música dos grilos, dança das araras e poesia dos saguis, Camilo e Clarita se mudaram para uma toca ampla, construída com galhos, pedras e muito carinho. E em poucos meses, vieram os filhotes: cinco lobinhos curiosos, espertos e brincalhões.

Camilo era um pai presente. Contava histórias todas as noites, levava os filhos para nadar no córrego, ensinava as plantas comestíveis, falava sobre respeito à natureza e aos outros seres vivos. Clarita os guiava com amor e firmeza, incentivando a descoberta de talentos e o cuidado com os sentimentos.

— Filhos — dizia Camilo certa noite, diante do fogo e luz de vaga-lumes — sabiam que fomos homenageados em uma nota de dinheiro dos humanos? A de duzentos reais, lançada em 2020. Mas o mais importante que isso é sermos exemplo. Que os humanos aprendam conosco: é possível viver em harmonia com o outro, com a natureza e com nossos próprios sentimentos.

O tempo passou. Os filhotes cresceram, formaram famílias, e logo vieram os netos. A toca virou vila, a vila virou comunidade. Os outros lobos-guará começaram a seguir o exemplo de Camilo e Clarita. Deixaram de viver sozinhos, passaram a construir laços, compartilhar a vida.

E dona Maritaca, já idosa, acompanhava tudo com orgulho.

— Sabia que você ia mudar o Cerrado, meu filho.

Camilo a abraçou com carinho.

— A senhora mudou primeiro, me ensinando a falar com o coração.

E, assim, a história de Camilo, o lobo-guará sonhador que ousou amar, ficou registrada para sempre nas veredas, nos campos e nas estrelas do céu do Cerrado.

O CANTO DO PÁSSARO PRETO

Felipe Miranda da Silva

Em minha vida, sempre tive uma forte relação com o Cerrado. Passava tardes e mais tardes na floresta da qual tinha o privilégio de ser vizinho. Ela abrigava grandes árvores — centenárias, arrisco dizer até milenares! Peço desculpas pelo exagero, mas abuso de adjetivos para definir nosso oásis de galhos e folhas radiantes.

Aquele cenário era perfeito, tão belo quanto um paraíso de árvores majestosas: ipê, mandacaru, jatobá, pequi, cagaita, sucupira, angico. Poderia passar horas e horas percorrendo sobre essas maravilhas da natureza.

E os animais? Ah, eles eram abundantes: veados, a pastar as folhas das árvores mais baixas; tatus, a cavar buracos; codornas, a embelezar a sonoridade do ambiente com seu canto; preás, a roer as raízes de ipê; e gaviões, a observar o ambiente, visando uma futura presa. Mas, havia um que chamava minha atenção de maneira especial, por seu canto inconfundível: o tão famoso Pássaro Preto, também apelidado de coqui ou graúna. Revestido por penas negras como a noite chuvosa, tão misteriosa quanto as histórias que nossos ancestrais contavam à luz de lamparina.

Era trinta de agosto. Lá estava eu com alguns amigos e colegas. Tínhamos o costume de explorar aquela floresta cerratense ao voltar da escola e, como nos dias anteriores, lá estávamos nós, aproveitando a infância em meio àquela verdejante sertania.

Um sábado quente, naquele Cerrado de vegetação abundante que, no entanto, começava a mirrar. Algumas árvores já se despindo, sustentadas apenas por galhos secos; folhas caídas, fazendo parte do solo árido, mas ainda fértil.

No topo de um pé de jatobá repousava o famoso Pássaro Preto, dono de um dos mais belos cantos já ecoados na face do Cerrado baiano.

Ah... aquele canto misturava a beleza poética com um ar de sutileza.

No entanto, no meio daquela sinfonia esplêndida, havia algo além: uma emoção, uma angústia, um medo.

O canto transparecia um pedido de socorro — era apenas um clamor por chuva.

— Coisa da sua cabeça! — diziam os que estavam comigo. — O bichinho só está a cantar, olhe lá!

Diante dessas falas, meu cérebro tentou se tranquilizar.

No entanto, o coração não se deixou levar por palavras alheias.

Mesmo que, naquele instante, parecesse tudo bem, a visão que tive sobre o canto iria voltar a me atormentar mais tarde, naquele mesmo dia.

Pela noite, no meu momento de descanso, lembro-me bem da ilusão noturna que adentrou em meu cérebro de forma tão realista quanto as cenas das novelas dos anos noventa, que ainda hoje nos entretêm em reprises.

Eu voava junto com aquela ave magnífica.

O vento entrava em contato com meu rosto; eu me sentia liberto de todos os problemas — mesmo que, quando criança, não fossem muitos. Eu planava sem nada de aerodinâmico, desafiando todas as leis que um físico ousou um dia declarar.

— Olhe lá, o pé de jatobá no qual você estava a cantarolar! — pensei eu, em meu subconsciente.

O pássaro olhou fundo em meus olhos e me fez enxergar o que se escondia por trás de toda aquela grande floresta cerratense: tratores, correntes, machados, motosserras... um cenário de guerra.

Eixo contra Aliados? Não. Era pior: quem apanhava, sem nenhum direito de defesa, era a própria Mãe Natureza.

O canto... o canto do pássaro voltou a ecoar em minha mente.

Era como se cada nota, gerada em seu íntimo, ressoasse em meu subconsciente.

Aos poucos, os sons se transformaram em murmúrios incompreensíveis, que só minha alma podia decifrar:

*“Peço-te: venha me socorrer.
Minha casa eles destroem, logo vou morrer.
Encare meu olhar, eles clamam por ti.
Não deixes, não deixes que seja meu fim...”*

O pássaro começou a se afastar de mim, mas o canto permanecia em minha mente.

A cada sinfonia que produzia, uma luz indecifrável surgia em cena.

E, então, o pássaro desapareceu no meio daquele florescimento oculto.

Enfim, despertei.

A luz indecifrável não era outro senão o brilho do sol, que adentrava em meu quarto pela fresta entre duas telhas.

Aquela visão me fez perder a noção do tempo: o que era começo de noite, se transformou em início de dia.

Só me lembro de levantar e correr em direção à floresta, e principalmente ao pé de jatobá.

Mas ele já não estava mais lá.

Toda a floresta cerratense caía por terra diante dos meus olhos.

Eu, ainda criança, nada podia fazer. Estava completamente tomado pelo desalinho da situação.

Sentei no chão; meus olhos se encheram de lágrimas diante da fraqueza de não poder reagir.

A cada árvore que tombava, rios de água desciam pelo meu rosto.

Ah, se eu pudesse ouvir aquele canto uma última vez...

Mas o som que ecoava já não era o do Pássaro Preto.

Era o ronco da máquina humana, que devastava todo o nosso Cerrado.

A natureza embeleza o mundo através de sua sintonia poética, mas o mundo desembeleza a natureza, arrancando sua matéria e usando-a como arma para destruí-la.

AS FORMIGAS OUVEM O CÉU

Franco Porto

Eu vivo no coração do Cerrado, num interior denso e profundo que pulsa sabedoria ancestral.

Sempre gostei de prestar atenção na natureza e de tentar ler seus sinais. Observar o comportamento das formigas, por exemplo, foi algo que meu avô me ensinou. Ele dizia que quando as formigas começam a andar apressadas, carregando folhas muito maiores do que elas mesmas, é porque a chuva não tarda a chegar.

Foi prestando atenção nelas e, também, no comportamento de outros animais e plantas do Cerrado, que fiquei famoso em minha comunidade por prever o “clima”. Perdi a conta de quantas vezes meus vizinhos já vieram consultar comigo para saber se era o momento certo de plantar a roça, ou se deveriam esperar mais um tempinho.

Esse respeito às minhas opiniões ficou mais evidente quando, há cinco anos, previ uma grande enchente aqui na região. Eu havia observado o comportamento atípico de formigueiros que margeavam o “Rio Seco”, como ficou conhecido nosso querido Rio Grande, que secou completamente há oito anos, principalmente devido às inúmeras barragens feitas rio acima, sem controle, por donos de terras que se achavam, também, os donos das águas.

Acontece que o Rio Grande, antes caudaloso e cheio de peixes, era um verdadeiro patrimônio natural e cultural. Fazia parte de nossas vidas, pois era fonte de água, de riqueza e de lendas. Mas havia se transformado, há quase uma década, num leito de areia, lama e pedras. Para alguns, isso até trouxe alegria, especialmente para quem ganhava dinheiro ao comercializar areia e pedra em lojas de materiais de construção. Afinal, agora era possível obter esses materiais sem muita dificuldade.

O Rio Grande parecia dormir em determinado trecho. Ele não secou em toda a sua extensão. Mantinha água corrente rio acima, até a comunidade

do Guará, cerca de sessenta quilômetros antes daqui, lá onde foi construída a barragem do Fogaça. De lá até aqui, o rio sumiu, voltando a reaparecer só na Vereda Grande, noventa quilômetros rio abaixo. E só mais uns dez quilômetros depois, lá no Assobio, é que ele voltava a ter água corrente, claro que num volume bem menor daquele que me acostumei a ver em minha infância.

Ninguém entendia muito bem como um rio simplesmente desapareceu em cento e cinquenta quilômetros de curso, deixando em seu leito apenas a lembrança da água limpa e fresca que lá corria. No entanto, a justificativa era clara: como seria possível um rio se manter saudável com tantas agressões? Desmatamento desenfreado de suas margens e consequente assoreamento, retiradas sem controle de grandes volumes d'água para irrigação, construções de inúmeras barragens, entre outras ações nocivas, tornaram-se frequentes ao longo de décadas.

Alguns diziam que o rio se inverteu nesse trecho da nossa comunidade do Mucambo: que por aqui ele passou a correr por baixo da terra e, por isso, ele reaparecia só lá na Vereda Grande. O que de certo modo era verdade também, pois quando as máquinas escavavam uns dois metros para retirar a areia do leito, a água voltava a minar. Era um sinal de que o rio ainda permanecia ali, resistente.

Como eu havia comentado inicialmente, certo dia, há cinco anos, estava fazendo minha caminhada matinal, ora pelo leito do Rio Seco, ora pela sua margem, observando a natureza. Era dezembro, quando percebi uma movimentação diferente no forrageamento das formigas: notei que alguns ninhos estavam sendo mudados de lugar, e que a construção de novos formigueiros seguia um padrão, estando localizado sempre a mais de cento e vinte metros da calha do rio, geralmente nas áreas de barrancos.

As formigas transitavam apressadas, como se estivessem atrasadas para um compromisso. Não era apenas uma ou outra colônia, mas inúmeras e de espécies variadas — uma movimentação estranha que me chamou atenção. Também avistei muitas formigas aladas. Logo fui tomado por uma forte intuição. Isso seria sinal de alguma coisa, como alertava meu avô. Que iria chover, ah, sem dúvida! Mas não era uma movimentação normal de uma chuva qualquer. Havia um significado maior envolvido naquilo.

Resolvi estudar mais a fundo. Voltei por onde havia passado antes, tentando notar maiores detalhes. Lembrei-me de que, desde que o rio secou, os formigueiros estavam mais próximos do leito, onde corria água apenas durante as chuvas. Só que, naquele momento, os formigueiros estavam sendo feitos a uma considerável distância e barranco acima. Era como se as

formigas precisassem se afastar mais do rio — como se pressentissem que estando perto, elas estariam em perigo.

Logo “matei a charada”. Virá uma grande chuva e o nosso rio vai voltar a correr água como antes e, quem sabe, até mais forte. Eu não tinha dúvida, e voltei avisando a todos da comunidade sobre minha premonição. Alguns, que também foram criados dando valor aos sinais da natureza, aceitaram minha teoria e se prepararam, mas a maioria, que não acreditava nessas coisas, ainda mais com base em comportamento de formigas, duvidou.

Acreditem, não se passaram dois dias e foi iniciada uma chuva torrencial. Todos se alegraram com ela — era sinal de que poderiam iniciar suas plantações em seguida. Só que o que era alegria passou a virar preocupação, pois o povo é assim: pede chuva, mas quando a chuva vem um pouco mais duradoura, acha que é demais e logo clama pelo sol.

Nesse dezembro, choveu vinte e um dias seguidos, e houve a maior enchente da nossa região. O Rio Grande emergiu expulsando o visual seco do leito. Era como se ele tivesse acordado para cobrar dívidas antigas.

O leito do rio extrapolou suas margens até do tempo em que corria intenso. O volume de água, tanto do rio quanto das chuvas, foi aumentando ao longo dos dias, como se tivesse sendo alimentado pela torneira divina, talvez de São Pedro, como acreditam alguns. A enchente levou a barragem do Fogaça, inundou algumas cidades e destruiu estradas, como se a água soubesse para onde ir e o que atingir. Só não chegou ao limite dos novos formigueiros, que eu havia identificado dias antes.

E é por isso que passei a reafirmar, ainda mais, a ideia da sabedoria silenciosa das formigas, de antecipar as mudanças do clima. Naquele ano, eu tive a certeza de que elas sabiam até os milímetros de chuva que cairiam das nuvens. Qual outra explicação para elas mudarem seus ninhos de maneira sincrônica para lugares mais altos, seguros e que não fossem atingidos pela enchente daquele ano?

Só pode ser isso: as formigas ouvem o céu!

TIQUERA, A SERIEMA IRMÃ

Giovana Leite

Havia três irmãs seriemas. Elas residiam em um campo aberto, de Cerrado bonito, ora caminhando, ora correndo, ora cantando e sonhando. Eram semelhantes em aparência, mas diferentes em personalidade: Tiquera, a mais velha, era a mais protetora e responsável. A irmã do meio, mais serena e distraída. Já a mais nova, vivia enérgica, rebelde e impulsiva além de protetora, mas não tanto quanto sua irmã mais velha.

Viviam bem com seus pais em seu território desde sempre bem demarcado e onde toda natureza podia ouvir. Havia uma missão especial a ser cumprida. No mês em que a chuva vem abraçar a terra, as seriemas precisavam cumprir um ritual: a mais nova precisava cantar a música da graça, que alegra a mãe natureza e traz proteção para a sua família. Assim é a canção:

*“Vou contar e cantar
A canção da nossa graça,
Oh vem, chuva que chove
A água que o campo abraça*

*Do campo vem a vida,
Da vida vem a família,
Com a chuva de madrugada
De graça se enche a minha risada”*

O ritual precisava ser feito pela mais nova, até que outra seriema nova surgisse. Cansada desse ritual, ela se rebelou e disse que não faria mais.

— Não vou, que outra seriema faça em meu lugar.

A irmã mais velha contestou a ousadia da caçula, respondendo com firmeza e agressividade: “*você vai!*”. Respirou fundo, olhou nos olhos dela e disse, mais calmamente, que não entendia por que dessa atitude que sempre fazia de bom grado.

— Bom grado? — Debochou. — A chuva vem porque tem que vir, não precisa agradecer toda vez por isso. Mesmo se eu não cantar, a chuva ainda virá para abraçar o solo.

A irmã mais velha ouviu perplexa o desdém, meneou a cabeça, saiu de perto dela, e em uma distância segura, olhou com autoridade para a irmã, e disse com convicção:

— Vamos ver amanhã, você vai mudar de ideia.

Na manhã seguinte, a mais nova não apareceu.

— Essa rebelde sem causa! — Logo pensou a primogênita.

Ordenou, então, que a irmã do meio fizesse o ritual. Ela aceitou, começou a entoar a canção, contudo, logo se distraiu, vendo uma passarinhada. O tempo passou, finalizaram o ritual e voltaram, mas a irmã mais nova ainda não havia aparecido.

— Ela vai ver só. Agora está fugindo de mim! — bufou a irmã mais velha.

— Fizemos a cerimônia, deu tudo certo. — Disse a do meio, com sua serenidade de sempre. E durante algumas horas, não se viu nem se ouviu nenhum sinal da rebelde.

Naquele dia também não choveu, e a angústia começava a pairar sobre aquela família.

— Vou esperar até a próxima noite de estrela oeste. Se ela não aparecer, vou atrás.

E chegou a noite, mas até o raiar do outro dia a irmã não havia aparecido.

Tiquera saiu em busca dela, gritava, cantava e chamava constantemente sem cessar. Sem perceber, saiu de sua área aflita. Estava perdendo as esperanças, quando ouviu sons estranhos: uma multidão de vozes, sons de tilintar de ferro e um cheiro de fumaça que vinha persistindo. Eram os humanos, mais especificamente, caçadores. Tiquera respirou fundo, mas não viu a caçula por lá.

Voltou para se esconder, para sair do território inimigo, e buscou uma árvore para subir: tamanha foi sua surpresa ao avistar, perto de um riacho,

sua irmã. Ao vê-la, Tiquera ficou tão aliviada, que toda raiva pela fuga e temor pelo esconderijo se converteu em abraços saudosos e ambas caíram em lágrimas, em um choro baixinho, tímido, cheio de grande alívio.

— Irmã, eu só ia pregar uma peça, juro! Eu vi os humanos e corri, me perdi irmã! Me perdoa! Eu vou voltar, eu vou cantar!

E a irmã mais velha só olhava, e acenava como quem acena quando vê um filhote tentando andar, tamanha era sua compreensão e alegria.

Voltaram para seu campo, mais unidas do que nunca. Ao chegar, reencontraram a família e o momento ficou marcado com muita alegria, mas também recebeu leve repreensão pela travessura. Tiquera ficou tão feliz, que se propôs a cantar:

*“O campo é abundante
De chuva e alegria
Minha irmã, antes perdida
Está de volta para sua família*

*Vou cantar a canção da saudade
Para ela se lembrar
Para unir sua família,
Toda Tiquera irá cantar”*

Desde então, Tiquera assume o ritual. Elas cantam a música da graça e da saudade. Protegem suas irmãs e suas famílias. Assim, não importa o quanto corram, as seriemas sempre voltam para casa. E assim cantam diversas composições. Seus cânticos agradecem as chuvas, os campos, a família e, principalmente, a vida.

NA PELE DA ONÇA-PINTADA

Inácio Cordeiro

Após assistir a uma matéria televisiva que mostrava, de maneira quase banal, uma atiradora abatendo uma onça-parda a tiros de rifle, senti um choque profundo. A onça, acuada, ferida, tentava inutilmente se refugiar entre os galhos de uma árvore isolada em uma fazenda no interior do estado do Piauí. Seus movimentos eram de desespero, seus olhos denunciavam medo e confusão diante de uma violência que não compreendia. A cena me atravessou como um golpe. Incapaz de continuar assistindo, desliguei o televisor. Um silêncio pesado tomou o ambiente. Deitei-me ainda perturbado, e o sono veio rápido, como se fosse um refúgio contra aquela imagem que insistia em permanecer viva dentro de mim.

Em estado inconsciente, entre o sonho e o devaneio, encontrei-me subitamente em uma imensa clareira aberta no coração do Cerrado. A lua cheia reinava soberana no céu, lançando sua luz branca e fria sobre a paisagem. A vegetação ao redor parecia imóvel, respeitosa, como se aguardasse algo sagrado. O ar era denso, carregado do perfume da terra, de folhas antigas e de flores noturnas. Foi então que, lentamente, emergiu da penumbra o fantasma de um grande felino. Sua presença era imponente. Tinha o corpo dourado, musculoso, e uma pelagem exuberante que refletia os raios lunares, fazendo ressaltar os desenhos perfeitos de rosetas negras que adornavam sua pele. Era bela, majestosa, ancestral.

A onça-pintada aproximou-se com passos silenciosos e firmes. Seus olhos, profundos e atentos, pousaram sobre mim como se me atravessassem por inteiro. Então, com voz forte e tonante, que ecoou pela clareira, proclamou:

*“Sou bela, sou forte.
Sou felino elegante,
de boa pinta,
representante das Américas.*

*Nado com destreza em qualquer rio,
principalmente os do Cerrado.
Acasalo com uma ou duas fêmeas
quando elas entram no cio.
Domino territórios vastos,
chegando a cem quilômetros quadrados.
Sou destemida, sou exímia caçadora,
não nego minha raça.
Sou responsável pela regulação das outras espécies,
pelo equilíbrio das populações.
Sou o topo da cadeia alimentar.
Ou melhor dizendo:
eu era o topo da cadeia alimentar
quase cinquenta anos atrás,
quando meu Cerrado
era um mosaico vivo de vegetação.”*

Ao concluir essas palavras, o felino silenciou. Lentamente, baixou a cabeça. Um suspiro profundo escapou de seu peito largo, e lágrimas quentes deslizaram por suas narinas. A força que emanava daquele corpo agora cedia espaço a uma dor antiga. Com a voz embargada, continuou:

— Foi nos anos setenta e oitenta que tudo começou a mudar. Vieram os primeiros tratores, os caminhões barulhentos e as máquinas que rasgavam a terra sem pedir licença. Chegaram famílias inteiras, penetrando chão adentro naquele “mundo véi de terra”, até então virgem, tranquilo e abundante. Vinham, em sua maioria, do sul do país, ocupando, limpando e se instalando em grandes áreas dos gerais.

Com o passar do tempo, chegaram ainda mais pessoas, de outras regiões do Brasil e até de terras distantes. O que antes era vida transformou-se em disputa. A terra passou a ser mercadoria, e a grilagem espalhou medo, morte e terror. Vi homens matarem outros homens por posses que nunca lhes pertenceram. Famílias inteiras foram arrancadas de suas casas. Quem resistia tinha o rancho incendiado, muitas vezes com tudo dentro: objetos, memórias, sonhos e corpos. Perderam-se modos de viver, hábitos ancestrais, rezas, crenças, remédios naturais, rituais sagrados. As casas simples, feitas de enchimento, bambu e palha, desapareceram junto com a mata. Cidades próximas, também foram tomadas pela violência.

Percebendo que eu me comovia com suas palavras, a onça prosseguiu:

— Não vou negar. No começo, fiquei assustada com tanta barbaridade, mas achei que aquilo não fosse comigo, nem com minha família da floresta. Ignorei. Só que, em pouco tempo, tudo tomou outra proporção. Eles passaram a invadir tudo, a mexer onde não deviam. Entre eles, a guerra nunca cessou. Vi pistoleiros ameaçando, matando seus próprios companheiros por disputas do que jamais foram deles.

“Minha Santa Mãe África!”, suspirou profundamente.

— Se são capazes de se matarem, imagine o que fariam conosco.

Andando de um lado para o outro, cabisbaixa, com o rabo entre as pernas, lamentou:

— Perdi meu posto para o homem insano. O humano que mata por prazer, por ganância, por pura perversidade. Quando eu dominava o Cerrado, caçava para sobreviver. Mesmo sendo predadora, vivíamos em equilíbrio: o lobo-guará, o cachorro-vinagre, a onça-parda, a jaguatirica, o gato-maracajá, o porco-do-mato, o tatu-canastra, os tamanduás... éramos livres.

— Nós mantínhamos o equilíbrio da natureza. Espalhávamos sementes, controlávamos doenças. Mas o homem tornou-se nossa maior enfermidade.

Por um instante, tentou sorrir:

— Ah, a ema... corria bonito quando fugia da minha caçada.

Logo a expressão se desfez.

— Não há mais ema. Não há mais caça. Como correr atrás de qualquer animal se nem mesmo eu existo mais? Não existem florestas fechadas para me proteger, nem campinas para minhas caçadas. As matas ciliares desapareceram, os rios foram feridos. Alguns mudaram de curso, outros assorearam, outros secaram. Nascentes agonizam.

Relatou então a devastação que testemunhou: machados, foices, motosserras, correntões puxados por tratores gigantes, arrancando árvores centenárias com raízes e tudo, sendo queimadas como se fossem inimigas do planeta. A fauna recuava faminta, encurralada. O paraíso foi reduzido a horizontes de soja, algodão e pasto.

— Não sou contra o progresso — disse. — Mas onde ficam nossas reservas? Foi numa fazenda de gado que tentei saciar a minha fome. Abati um bovino. Paguei com a vida. Fui baleada e atacada por cães, colocada sobre uma caminhonete de luxo e exibida como troféu. Tiraram minha casa, meu alimento e, por fim, minha vida. Agora, vago como espírito, procurando

outros seres do Cerrado: raposas, pacas, cotias, quatis, aves coloridas... Não encontro. Restaram apenas nossos confinamentos em zoológicos e tapetes de couro como decoração em imponentes salas de estar de ilustres famílias.

Absorvendo aquele clamor, senti-me sufocado.

— Couro de oooooonnnnnçççaaaa! — gritei, despertando-me num salto.

Era um sonho. Mas um sonho que traduz a realidade cruel enfrentada pelo nosso bioma e pela nossa fauna.

TIQUINHO E CHIQUINHA: UMA HISTÓRIA SOBRE PROTEÇÃO

Isa Márcia de Souza

Essa história se passa na década de 1970, quando Tiquinho e Chiquinha chegaram ao Cerrado baiano, mais precisamente em Barreiras. Vindos do sertão da Paraíba, foram contemplados pelo Governo Federal com um lote por meio do Projeto de Irrigação Barreiras Sul–São Desidério.

Esse projeto implantou diversos povoados — Baraúna, Tatu, Angico, Boa Sorte e Barreiras Sul — que marcaram uma nova fase de ocupação da região. Foi nesse contexto que eles começaram a convivência real com o tatu, animal hoje ameaçado de extinção.

Para preparar a terra, Tiquinho teve que retirar muitas pedras, de todas as formas e tamanhos, do meio do caminho. Enquanto isso, os cascudos, mais conhecidos como tatus, protegiam à sua maneira seus territórios.

Não foi fácil para eles e nem para os demais homens e suas famílias, ajudando uns aos outros, a retirar as pedras dos lotes, preparar a terra e, após tudo isso, plantar. Tiquinho chegava em casa depois do árduo trabalho, com as mãos calejadas, cascudas iguais ao casco do tatu, enquanto Chiquinha esquentava a água para ele as lavar e pararem de doer.

Tiquinho e Chiquinha sempre relataram, em família e na companhia dos vizinhos, o sofrimento que passaram ao chegar em terras do Oeste. Essa prosa era sempre regada de café, preparado por Chiquinha, minha mãe. Confesso que já tomei café parecido, porém, igual jamais.

Conforme a conversa entre os trabalhadores, os tatus eram encontrados originalmente na Caatinga e na Mata Atlântica, com presença também nas áreas de transição do Cerrado — como no interior da Bahia.

— Amigos, tô ouvindo falar que estão matando muito tatu pra comer. Isso não pode acontecer, temos que conversar a respeito. — disse Francisco.

— Mas tem que matar mesmo! Eles ficam atravessando em frente dos carros. E aqui, nesse lugar onde judas perdeu as botas, tem que ter atração para os caçadores e diversidade de carne. — Retrucou Juarez.

— A carne é boa, comi certa vez, mas tenho pena; eu mesmo não mato, mas tenho uns vizinhos que já me chamaram para caçar. — Afirmou Antônio.

— Meu povo, vamos ter consciência de não matar os animaizinhos. Concordo com o amigo que precisamos conversar a respeito porque, soube por aí, que alguns atropelam de propósito, só para comer depois. — Completou outro Antônio.

— A Escola também precisa conversar com as crianças, porque ficam achando que matar animais é normal. — Disse Francisca.

— Já decidi: na próxima reunião com as assistentes sociais e os colonos vamos tocar no assunto. Eu não mato, nem como e nem quero que meus filhos comam. — Afirmou Francisco.

Dessas falas, nenhuma chamava a atenção para a necessidade de proteger os tatus por serem animais em risco de extinção, nem para o perigo que o consumo de sua carne pode trazer, como a transmissão da Hanseníase. O sentimento expresso era apenas de pena e dó, mesmo enquanto se comia a carne do tatu.

Bom destacar que as escolas dos povoados eram grandes e possuíam excelente estrutura física. As professoras, remuneradas pela Rede Estadual, eram profissionais acolhedoras, demonstravam conhecimento e sensibilidade na compreensão dos problemas dos pais e alunos. Permaneciam durante a semana no povoado e, nos finais de semana, retornavam para suas casas em Barreiras. Além da rotina em sala de aula, visitavam as famílias e, em algumas ocasiões, chegavam até a dirigir-se ao campo de futebol para trazer de volta aqueles que escapavam das aulas por não realizarem as atividades escolares.

Nas conversas dos colonos, não se ouvia a palavra “Cerrado”. O assunto era sempre a morte dos tatus e das cobras que apareciam nas roças e nos quintais. Até mesmo as cobras, consideradas valentes, acabaram se afastando, pois, seus esconderijos — as pedras — haviam sido removidos e deslocados.

Enfim, chegou o dia da tão aguardada reunião com as assistentes sociais. Contudo, como acontecia na maioria desses encontros, nada foi decidido em relação à proteção do tatu. Parecia que a responsabilidade recaía apenas sobre o próprio animal, que deveria se defender como pudesse, com sua armadura natural, contra homens sem consciência ambiental e sem formação escolar.

O tatu não aparece estampado em nenhuma nota de real, mas todo animal — grande ou pequeno, bonito ou feio, cascudo ou sem casca — possui seu valor. Mesmo assim, algumas perguntas permanecem sem resposta: por que um governo implanta um projeto sem qualquer formação ou estudo sobre o habitat do homem e do animal? Houve ausência do Ministério da Agricultura no papel de fiscalização? Faltou atenção do Ministério da Saúde em ações preventivas?

O que se viu apenas foi o desejo pela carne falar mais alto, em um povoado onde a luta pela sobrevivência já sangrava.

Diante dessa narrativa, um tatu caminhou porque não sabia correr contra o tempo; acreditou que, acordando mais cedo, poderia traçar planos para sua vida e demarcar território.

— Não fui à alforria com meus concorrentes de mãos cascudas, que, se me comerem, podem ficar cascudos também. Agora não tenho como dormir tranquilo no bioma Cerrado, pois tiraram meu sono e minha paz. Está declarada a luta contra caçadores e comedores de tatu. Serei valente: vou brincar de esconde-esconde, manter-me em alerta e ser ativo ao entardecer e à noite. Vou permanecer longe dos seres humanos, confiando nos meus cascos como aliados. — Declara o Tatu, resistindo.

Particularmente, defendo que a escola também pode ajudar. É possível trabalhar coletivamente em uma campanha: “Proteja a biodiversidade e o equilíbrio ecológico. Não cometa crime ambiental, sob o risco de manchar suas mãos e sua pele.”

Posso contar com vocês? Afinal, *tatu bom é tatu vivo*.

DONA CAPIVARA

Ivone Marques

É impressionante a biodiversidade que compõe o nosso Cerrado baiano, bioma composto por fauna e flora ricas, belas e resistentes... que vêm sobrevivendo à constantes agressões das queimadas e desmatamentos sem limites.

Em um fim de tarde do mês de agosto, lá estava Madalena, como de costume, a molhar suas plantas, uma rotina corriqueira no seu dia a dia, só que naquela tarde, algo lhe chamou à atenção... Uma enorme revoada de pássaros passava voando por cima de sua casa e ia em direção ao vilarejo. Ela ficou a observar por um tempo... deu a volta na casa para ver de onde vinham... e lá estava a explicação: ao longe se via as labaredas lambendo a serra do Araçá.

Logo entendeu o desespero daquelas aves voando baixo, buscando abrigo onde pudessem se proteger das chamas que vinham devorando o que encontravam pela frente. Então, ficou a imaginar o quanto era difícil para aquelas aves deixarem para trás seus filhotes e ninhos nas árvores que lhes serviram de moradia, e agora estavam sendo engolidas pelo fogo.

Pior foi quando lembrou dos animais que não tinham as asas dos pássaros... Eram presas fáceis para aquelas línguas de fogo que as deixavam sem saída.

Dois meses depois, Madalena recebe a visita de sua amiga e comadre Alice, que, ao chegar no portão, se assusta com o que vê no alpendre da casa... Ao ouvir a buzina, Madalena vai correndo para ver a amiga, mas antes mesmo de cumprimentá-la, Alice lhe pergunta:

— Mulher, o que é isso? Você agora está com uma criação de capivaras?

Madalena começa a rir e fala:

— Entra pra cá que eu vou te contar...

As duas entram, e Madalena começa a narrar os acontecimentos daquele dia do mês de agosto:

— Naquele dia, fui me deitar impressionada com aquela quantidade de pássaros que voavam aqui por cima do sítio. Fiquei surpresa quando abri a porta de manhã, e lá estava uma capivara grande com três filhotes... – Alice interrompe Madalena:

— Mas lá tem duas capivaras adultas e três filhotes.

— Essa é outra história... eu chego lá. – Fala Madalena, sorrindo. – Pois bem, quando abri a porta e me deparei com aquela cena, meu primeiro instinto foi tocá-los dali, mas olhei pros pés de dona Capivara e de seus filhotes... e foi aí que eu entendi o drama daquela família. Por certo, tinham fugido do fogaréu da noite anterior, estavam com os pés queimados e os pelos sapecados, em busca de um refúgio onde estariam a salvo das labaredas que devoravam as árvores e matavam os animais naquela região do Cerrado. Nas primeiras horas, ficaram meio arredios, mas depois foram se aproximando. Os alimentei com capim, dei água e no dia seguinte já me deixaram cuidar dos ferimentos. Em uma semana estavam praticamente curados.

Madalena novamente é interrompida por Alice:

— Sim, e a outra capivara, de onde surgiu?

— Pois é... isso aconteceu duas semanas depois. Um dia quando eu acordei, o Eduardo gritou: *“Mãe, a capivara não está aqui... só os filhotes.”* Esperei o dia inteiro e nada da dona Capivara, imaginei que ela tinha ido embora e me deixado os filhotes de presente. Mais tarde da noite, ouvi um barulho. Acendi a luz da área e, pra minha surpresa, lá estava minha amiga Capivara com mais uma outra capivara, e está aqui desde esse dia ajudando a cuidar dos filhotes. Preciso tomar uma providência, mas tô meio perdida, sem saber o que fazer.

— Pode deixar, comadre, vou resolver isso pra você. Seu compadre Ângelo tem uns amigos que trabalham no Ibama. Conversando, eles darão um jeito de levá-las para uma área segura.

Uns três dias depois, lá estava no sítio um carro do Ibama com dois funcionários que, com ajuda de Eduardo e Madalena, embarcaram a família de dona Capivara... e foi com lágrimas nos olhos que Madalena se despediu daquela família que aprendeu a amar.

Quase um ano depois, Madalena e Eduardo fizeram uma visita à Alice, na cidade, e ela ficou muito feliz ao ver sua comadre e seu afilhado.

— Como vão as coisas lá no sítio, comadre?

— Lá está tudo bem, só muito trabalho. Desde que o Alfredo morreu tem sido muito difícil pra mim e Eduardo tocar as coisas nesses últimos anos.

— E sua menina Solange, como está?

— Ela está grávida de novo. Disse que é um menino, pra alegria de Adalberto... Ah, comadre, nem te conto... mês passado, fui lá no Riacho Seco fazer uma visita pra eles.

— Oxe, mulher... não é Riacho Grande onde eles moram?

Madalena responde:

— Era, mas depois dos desmatamentos desenfreados das matas e das cabeceiras onde brotavam as nascentes, as águas secaram. Daí, passaram a chamar de Riacho seco.

— Que pena! Assim que ela se casou, eu fui com Ângelo, a convite deles conhecer a fazenda, um lugar muito bonito.

— Pois é, mulher, eu quero te contar sobre a visita que eu fiz a eles... Passei lá um final de semana e fomos catar caju perto da casa dela. Estávamos na mata pegando os frutos e ouvimos o barulho do mato quebrando. Quando olhei, não quis acreditar no que vi: lá estava uma capivara com três filhotes grandes, bem próximos a mim, e pouco atrás estava outra capivara com quatro filhotinhos bem desconfiados com a nossa presença. Logo percebi que era minha amiga Capivara e sua família; ainda haviam os sinais nas patinhas da tragédia que tinham passado. Uma meia hora depois, dona Capivara entrou na mata, mas sua família ficou lá nos fazendo companhia. Passados uns 15 minutos ela estava de volta, dessa vez com uma capivara macho, que ficou meio arredio e sem querer se aproximar, mas ela e os três filhotes mais velhos se deitaram próximos a nós, como se dissessem: *pode vir, não tenha medo, são amigos*. Entendi que ela estava querendo me apresentar o seu companheiro, pai dos seus ‘capivarinhos’. Eles passaram a tarde ali, nos fazendo companhia. Ao cair da tarde, resolvemos ir embora com as vasilhas cheias de caju. Me despedi da minha amiga Capivara e de sua família, fiz um carinho em sua cabeça, fomos nos afastando devagar, e ela ficou me olhando com olhos profundos, como se quisesse me agradecer pela acolhida que tiveram em minha casa. Provavelmente não os verei mais... De qualquer forma, foi muito gratificante ver dona Capivara tão feliz com sua família.

O PAPAGAIO SILENCIOSO

Jenilza Rodrigues dos Santos

Minhas filhas Rafa e Keli sempre gostaram de animais. Neste período estávamos com uma cachorrinha chamada Lili, mas nunca tiveram um papagaio. Até que, em um fim de semana ensolarado, seu padrinho chegou trazendo uma grande gaiola coberta por um pano azul. Ele, todo cheio de graças, algo que já faz parte de sua personalidade, disse:

— Este é o Ambrósio. Cuide bem dele enquanto eu viajo.

Quando Rafa levantou o pano, viu um papagaio verde de penas brilhantes, mas com um olhar triste. Ele se balançava no gaiola, em silêncio.

— Oi, Lourinho! — disse Rafa, animada.

O papagaio apenas piscou, sem emitir um único som. O padrinho dela explicou que ele vivia sozinho na garagem o dia todo, porque ele e a madrinha dela passavam o dia trabalhando e chegavam à noite, relatando que parecia não saber falar nem cantar.

Nos primeiros dias, Rafa percebeu que Lourinho quase não se mexia. Mas ela não desistiu: colocava a gaiola perto da mesa nas refeições, conversava, fazia perguntas, contava histórias e até cantava para ele. A família inteira começou a se aproximar: a mãe cortava frutas para oferecer, o pai ensinava algumas palavras e Keli fazia caretas para tentar arrancar um sorriso — se papagaios pudessem sorrir.

O pior é que Lourinho foi ficando com raiva de Keli, porque tinha ciúmes da sua relação com a irmã. Se arrepiava quando ela se aproximava, ao contrário de Rafa, que ele ficava observando atenciosamente.

Aos poucos, Lourinho começou a mudar. Primeiro, inclinava a cabeça para ouvir melhor. Depois, imitava risadinhas baixas. Até que, um dia, no meio do almoço, soltou um claro e decidido:

— Bom diaaaa!

Todos riram e bateram palmas. A partir daí, ele não parou mais. Certo dia uma pessoa bateu no portão, e ouvimos Lourinho emitir um som:

— Rafa, Rafa!

Desde então, Lourinho cantava, assobiava, imitava a voz da Rafa e até pedia “*banana, banana!*” quando estava com fome. A tristeza deu lugar a uma energia contagiante.

Quando o padrinho voltou da viagem, ficou impressionado ao encontrar Ambrósio feliz e falante.

— Acho que ele se apegou a vocês... — disse, sorrindo.

— Rafa, se quiser, o Ambrósio é seu.

Rafa abraçou o padrinho e correu para perto do papagaio.

— Ouviu, Lourinho? Você vai ficar comigo para sempre!

E o papagaio respondeu, como se entendesse perfeitamente:

— Ficar, ficar!

Desde então, Lourinho nunca mais conheceu o silêncio, dá gargalhadas, emite diversos sons e até sai da gaiola para tomar banho na bacia. Só não podemos deixá-lo perto de Keli e do nosso cachorro Boris.

ENTRE AS PRESAS DO LOBO E OS OLHOS DA ONÇA

João Pinheiro

Não era uma vez. Eram duas. Já eram duas vezes só naquele ano em que o cachorro-do-mato retornava a passeio em uma de suas florestas prediletas, para reviver as solidões vastas e acolhedoras do Mansidão.

Nascido, criado e amadurecido na Mata Atlântica pernambucana, habituara-se aos desencontros de uma vida errante... e ponha erros nisso! Pecados quase sempre marcados por caçadas impulsivas, com o instinto da sensualidade selvagem a lhe soprar nos ouvidos.

Agora, percorria o Cerrado — bioma que, há mais de uma década, escolhera para marcar território — atrás de mais “cachorradas”, como se um cio inquieto fervilhasse em seu interior.

Naquela noite, mal chegara ao Vale do Rio Preto, e já partira impetuoso em busca de uma caça, pois não saboreava carne fresca havia algumas semanas. Queria mesmo era se deliciar com uma raposa felpuda, mas diante dos desejos mais profundos e desesperados que denunciavam a cruz da sua fome, restou se enroscar com uma capivara, que de bela não tinha nada.

Na madrugada, porém, a presa apenas brincou com o predador. E após devidamente aquecida e amaciada, marcou o bote final para a noite seguinte.

Pela manhã, o canídeo então se ergueu com uma única intenção: tornar especial a caçada prometida. Guiado por um faro mais carnal que bravio, atravessou a mata em busca de uma adocicada safra de abacaxi — como quem pressente o sabor da fruta deleitar os instintos da mamífera ribeirinha.

Foi então que, às 11h11, o olhar vagabundo de cachorro vadio se prendeu ao lampejo dos olhos agateados de uma jovem onça-pintada — tão cintilantes que, sob uma aura de mistério e desejo, atingiram-lhe o

coração como um tiro certo — como nos clássicos versos de: *Como Dois Animais*, refinada expressão valenciana de um lirismo selvagem.

Magnetizado pelo brilho verde e penetrante daquelas pupilas, o cão desistiu da capivara antes mesmo de abatê-la. Deixou-a esperando no matagal por toda a madrugada. Enquanto isso, esquecia a errância e se entregava inteiramente ao feitiço daquelas retinas felinas — olhar que atraía tantos outros bichos do Cerrado, famintos, mas que, diante da postura irredutível daquela gata inalcançável, padeciam afogados em suas próprias frustrações.

A onça não demorou a corresponder ao seu mais novo admirador, mesmo sem conhecer os segredos das suas andanças passadas. Jovem, tímida, e inexperiente, concedeu a pata ao peregrino apaixonado, para juntos marcarem as pegadas no mesmo solo dos Gerais.

E o cachorro-do-mato, movido por uma vontade inédita, transfigurou-se em um canídeo tão diferente, que assustou até a fauna mais íntima daquela savana tropical baiana: a pelagem fosca, acinzentada — reflexo da sua desordem interna — renasceu nas cores laranja-avermelhado, em uma tonalidade quente e vívida, daquelas que acaloram a alma como a nossa flora vibrante, após as primeiras chuvas. Suas pernas e orelhas também se alongaram. Agora podia ouvir e enxergar acima das gramíneas e arbustos — indiferente aos mexericos perniciosos das trilhas fúteis em que outrora transitava, perdido e atrasado.

Já não era mais um cachorro-do-mato. Transformara-se em um formoso lobo-guará: maior, mais sereno, mais firme. E embora renomado por um aulido comunicativo a ecoar por diversas florestas, até mesmo em silêncio inspirava segurança.

Entrelaçados com o instinto e a emoção, embrenharam-se no matagal, e guiada pela experiência do lobo-guará, a onça-pintada encantava-se por um mundo de aventuras que jamais cogitara vivenciar, mesmo em seus mais serenos sonhos. Conheceu a Cachoeira do Acaba-Vida, cartão postal de Barreiras, adentrando na floresta e banhando-se em um manancial que, apesar de gelado, despertava os mais profundos e poéticos prazeres da matéria e do mistério da sensualidade ferina.

Visitou Correntina, descobrindo nas agitadas correntezas das Sete Ilhas uma paz pura e cristalina.

Viajou ao Tocantins e a Baianópolis, encontrando nos rios Azuis e Angicos, sob paletas turquesas e esmeraldinas, um espelho d'água tão cintilante que só pode ser comparado àqueles olhos, espelho da sua alma.

E o que falar das serras onde, mais do que desbravá-las, escalaram-se por incontáveis vezes de corpo e alma, dançando de patas dadas com o destino, sob o céu estrelado em ardentes chamas de liberdade?

Serras, rios e cachoeiras se descortinavam diante da fera como páginas de um livro recém-aberto. Sob contemplantes olhares caninos e felinos, as águas pareciam mais claras, as matas mais verdejantes, e o sol mais resplandecente, explodindo em exuberância no coração do Brasil varonil.

Ela lhe devolvia o gosto de viver suave — como se voltasse à sua adolescência animal. Ele, um tanto mais velho, lhe ensinava o instinto de sobrevivência com ternura. E embora a guiasse com ar de mestre, revivia tudo como se fosse a primeira vez, tal qual um filhote ingênuo a ser amamentado com o revigorante leite da onça.

Contudo, todo aquele amor na maior savana em biodiversidade do mundo, não os tornavam isentos de perigos e olhares invejosos. Mas não importava o sibilar das cascavéis, os sorrisos enviesados das siriemas, nem tampouco as mandíbulas ocultas dos jacarés à espreita de qualquer vacilo para empreender um bote ainda que frustrado. Eles haviam se encontrado, e mesmo com o futuro a imperar na fauna como o mais indomável dos bichos, o universo, entre estiagens prolongadas e chuvas fartas, lhes prometia ser terno, selvagem e visceral.

A BELEZA DOS BICHOS DOS CERRADOS

José Paes Landim

Quão bom e pelo quanto nos faz bem trazermos para o presente, com vistas a revivê-los, bons momentos do passado, dentre os quais, como haveríamos de esquecer do quão rica era a fauna do Cerrado do Oeste da Bahia!

Décadas já se passaram, quando, vivendo um belo passeio de barco a motor, com irmãos e cunhados, pelo rio do meu nascimento, chegamos até o tradicional povoado do São Marcelo, quando não fora pequena nossa alegria ao contemplarmos a beleza da natureza em seu entorno.

Beleza que se fazia tanto mais enriquecida pela existência dos bichos dos cerrados, a ocuparem, festivamente, os espaços com que foram agraciados pela própria natureza, ainda relativamente virgem.

Todavia, sem que imaginássemos, vimos quão impiedosamente se fez presente a mão predatória do homem, na destruição, em inimagináveis proporções, dos nossos biomas, com maior maldade da Mata Atlântica e dos Cerrados.

Vivemos no percurso São Marcelo/Formosa um quadro de rara beleza, pincelado pela própria natureza, em meio a uma variedade de pássaros a cruzarem o rio de uma margem a outra, dando, com a sonoridade dos seus cantos, um tom festivo àquele deslumbrante cenário.

O percurso se tornara ainda mais fascinante à medida em que, seguindo rio abaixo, esses mesmos pássaros se juntavam às não menos belas garças de plumagem branca, instantes em que estas, se posicionando à frente do barco, acompanhando-lhe a velocidade em voos rasantes sobre nossas cabeças, davam a impressão de que estavam festejando conosco aqueles momentos de raro prazer.

Não poderiam ser maiores nossas emoções, quer pela beleza do próprio rio, descendo plácida e serenamente no seu leito sinuoso, sob a brisa fresca

da natureza, quer pelas surpresas com que éramos tomados, ao vermos, com tamanha frequência, o aparecimento, em suas margens, de pequenos, médios e grandes bichos dos cerrados.

E, em meio a uma grande variedade desses donos da natureza, se faziam mais frequentes, ao nosso olhar, os jacarés, as capivaras, os caititus, as cutias, as lontras, as antas, dentre outras espécimes.

Com não menor frequência, se viam, também, as aves, dando um toque de maior beleza ao verde das margens do rio, dentre as quais se destacavam as jandaías, os tucanos, os papagaios e, para nossa maior surpresa e prazer, pela sua raridade, apareciam as araras com sua estonteante beleza, revezando-se entre as azuis e as chamadas araras amarelas. E onde ficam, em nossas reminiscências, as seriemas, com seu belo canto, como uma das rainhas dos cerrados?

De emoção em emoção, chegamos ao final do nosso passeio, que não poderia ter sido mais prazeroso, mais fascinante, por tudo quanto nos proporcionara a natureza com a riqueza dos já aclamados bichos dos cerrados, ficando, em mim, a esperança de voltar a viver tão inesquecíveis momentos.

Vejo como oportuno deixar aqui um apelo àqueles que, abrigando em si uma consciência ecológica, não deixem que a natureza sofra maiores castigos. Envidem o melhor dos seus esforços e sentimentos no sentido de salvá-la, livrando-a dos perigos que estão a rondá-la pelas mudanças climáticas com o preocupante aquecimento global e fenômenos outros de tamanho poder destrutivo, a ceifarem, como temos visto, tantas vidas.

BICHOS EM UM MUNDO DE MISTÉRIOS

Kauã Wilton Barbosa da Rocha

Em uma terra sem lei, havia um lobo conhecido como Guará. Ele passeava por matas baixas, acompanhado pela Arara-azul.

Ambos caminhavam sem rumo, até que chegaram em um lugar onde havia um espelho que parecia ser “normal”, mas era rodeado por pedras-cristais. Então, tomados pela curiosidade, os amigos entraram naquele círculo, e o espelho se iluminou, transportando-os em um portal para um mundo de mistérios.

A sensação era que estavam sobrevoando diversos contos sobre o Cerrado. Eles repararam que tinham ido parar em um novo mundo onde nada fazia sentido, mas nele havia desafios.

Muito empolgados, mergulharam nessa aventura sem saber de nada, quando disseram em voz alta: — Essa é a aventura do Lobo-Guará e da Arara-azul no mundo de mistérios!

Rapidamente, começaram a caminhar, e como não estavam em uma realidade “normal”, ficaram com medo daquelas coisas loucas que aconteciam. Como, por exemplo, frutas explosivas, flores que falam e animais que desaparecem.

De repente, avistaram a Onça-Pintada e perguntaram como poderiam fazer para retornar ao mundo real. Ela respondeu que no centro desse mundo mágico tem um ipê, e ao tocar nele iriam voltar para sua casa. No entanto, havia uma condição: durante a noite, a árvore costuma se transformar em mulher, e o próprio mundo também altera a localização geográfica para protegê-la. Porém, em certo horário da noite, os vagalumes deixam um rastro no caminho que vai até a ipê.

— Mas, tomem cuidado! — disse a Onça. — Pois, eles também criam ilusão e rastros enganadores.

Enquanto respondia, a Onça desaparecia lentamente como névoa e acrescentou:

— Este mundo é igual ao seu.

Mesmo ouvindo tudo isso, o Lobo e a Arara decidiram andar até encontrar ou ver o rastro luminoso.

Durante o caminho, tinham uma sensação de que flores estavam os encarando. Então, olhavam com atenção na tentativa de pegá-las de surpresa. Ao fazer isso, viram diversas plantas que os observavam, e, assustadas, gritaram:

— O que vocês estão fazendo? — perguntaram as flores.

O Guará respondeu:

— Eu estou na busca da Ipê Imperial.

— É inútil! Desista! — disse uma das flores.

Mas, outra flor os reconheceu e falou:

— Você é um lobo-guará?

— Sim, mas como você me conhece? — respondeu o Lobo.

— Eu sou a Caliantra, e há tempos existiam muitos de vocês aqui, mas infelizmente aconteceu aquilo... — disse a flor.

Naquele momento, surgiu uma dúvida na mente do lobo. *Quem eu sou e de onde vim? Mesmo com medo, pensou. Sou de outro mundo.*

As flores, mesmo sabendo que aquilo era uma loucura, só aceitaram.

Os amigos seguiram em frente, e encontraram um tatu bem medroso que gritava sem parar, dizendo:

— Eu parei aqui sem querer, quando entrei no portal. No desespero acabei me enterrando, e nunca tinha saído por conta do medo. Mas, agora a pouco ouvi um barulho de passos e vi o rastro luminoso.

Então, os rastros dos vagalumes começaram a brilhar. Eles correram para acompanhar e chegaram em um lugar onde os rastros se multiplicaram, parecendo uma ilusão. Mas, se lembraram dos rastros que enganam, e também recordaram que aquele mundo era igual ao real. Por isso, naquele momento, decidiram seguir o caminho da esquerda, porque ali passava um rio, já que tanto os vagalumes quanto o ipê precisam de água.

Naquele momento, chegando à margem do Rio Branco, o Rei Surubim,

que estava ali, se manifestou, falando para o trio de amigos:

— A água-memória já tinha contado as histórias de vocês, que, em breve viverão uma guerra grande com um inimigo: o ser humano, que comanda os guardas-fumaça.

Ao encerrar suas palavras, o Surubim disse que os guiariam até a Ipê Imperial. Os amigos, sem entender nada, apenas concordaram com aquilo tudo. No entanto, uma única pergunta os rodeava:

— Que luta era essa?

O Surubim respondeu;

— Em breve vocês saberão. Porém, aviso que logo logo as fumaças acompanharão o exército responsável pelo medo e destruição. Além disso, gritarão coisas horríveis.

Foi nesse momento que ouviram um grito:

— “CORTEM AS ÁRVORES”!

O clima ficou pesado. Eles sabiam que aquilo era o mal no qual enfrentariam.

Se apressaram e continuaram a seguir o Rei Surubim. E assim, chegaram até o ipê.

Ao ver a árvore, o Lobo-guará começou a chorar, e disse para a Arara-azul:

— Não temos tempo!

— Corre!

Então, todos começam a correr da fumaça.

De repente, a Arara-azul reparou em um gato com chapéu que tomava chá. Ela achou estranho, mas não disse nada. No entanto, aquele gato era o novo guardião da Ipê Imperial, ainda em forma feminina.

O Lobo-guará disse:

— Como fazemos para voltar ao mundo real?

— Aguardem o amanhecer, para que eu possa virar uma árvore. — disse a mulher encantada.

Em seguida, ela também mencionou sentir falta do guardião da terra. Espantados com a revelação, os amigos se olharam e pediram para ela explicar melhor.

— Lobo, eu estou falando de você. Eu criei esses rastros luminosos com um objetivo de que tivesse sobrevivido um animal da sua espécie. Foram anos de espera, mas passaram anos e nada. Estou feliz que esteja aqui— explicou a Ipê.

O Lobo-guará, mesmo comovido, continuava desejando voltar para sua casa. Os amigos achavam que estavam seguros. Então, começou a correria porque uma fumaça densa se aproximava. O camaleão não conseguia se camuflar, mas decidiu lutar para atrasar os inimigos e ajudar os outros animais até o dia amanhecer, para a mulher se transformar em árvore.

Os guardas se aproximaram e, no meio deles, estava o ser humano com um machado na mão, que gritava:

— CORTEM AS ÁRVORES! DERRUBEM TUDO! NÃO DEIXEM RESTAR NADA!

Caminhando sobre a destruição, naquele caos, o gato apareceu e disse:

— Faltam trinta segundos para o amanhecer. Tudo parecia acabado, quando, sem esperar, o Surubim apareceu agitando as águas do rio para ampliar o tempo, conseguindo afastar muitos inimigos por mais alguns segundos.

Mas, o ser humano resistiu: conseguiram acertar um golpe no gato e no camaleão. Diante da situação, o tatu se transformou em forma de bola para afastar o inimigo.

Com este tempo que conseguiu ganhar, a Ipê aproveitou para dizer:

— Este mundo não é mistério, é só o futuro do mundo real de vocês. Então, voltem, lutem e salvem todos nós deste mal.

Com isso, houve uma explosão de amarelo e roxo — cores originais das flores da grande Ipê Imperial. A luz os envolveu e, de repente, despertaram no mundo real. Mas o que viram foi devastador: uma grande parte da mata estava cortada e queimada. O silêncio pesava mais do que qualquer grito.

O Lobo-Guará, com lágrimas nos olhos, se perguntava se aquela era apenas a última cena da aventura... ou o início de uma luta ainda maior.

A FLOR DE CANELA-DE-EMA

Laura Ferreira Amorim

O beija-flor saboreia o pólen de sua amiga, a Flor de Canela-de-ema, enquanto tagarela sobre os mais diferentes tipos de animais que viu em sua viagem. Apesar de ser um bicho gracioso, é um aventureiro que volta para casa cheio de histórias para contar. Ele tinha uma confidente que geralmente escutava suas aventuras com muita atenção.

— O que é aquilo? — o beija-flor perguntou. Está curioso com a sombra vermelha que surge atrás de algumas árvores distantes. Entretanto, nesse dia, não obteve respostas. O animal notou que sua confidente não estava empolgada, já que em dias comuns ela demonstrava ser uma grande sonhadora. Sempre imaginava as histórias de seu amigo com riqueza de detalhes, esperando o dia em que voaria entre as nuvens como as aves. Que experimentaria uma ciriguela ou o famoso pequi de que tanto falavam.

Ela é uma flor linda, com as pétalas delicadas, de um roxo vivo. É amada pelos animais, árvores e gramíneas vizinhas. Até mesmo pelo pé de maracujá do mato, que é um velho rabugento. A flor, no entanto, não os enxerga. Não enxerga o beija-flor, muito menos o lobo-guará ao seu lado. Ele está falando desesperadamente sobre algo que ela não consegue entender.

Está em seus devaneios, imaginando como seria viver longe dali, do clima quente e da seca. Esperava que, em outra vida, poderia ser um dente-de-leão, viajando através do vento. Ou uma ema, correndo às margens do Rio Grande. Lembrou-se que as emas eram aves enjauladas, aquelas que também não podiam conhecer a beleza sublime dos céus. Posteriormente, sentiu-se triste pelas amigas que não possuíam tais habilidades. Mesmo assim, a flor sempre almejou a liberdade que os outros animais possuem.

O que a planta não compreende é por que o lobo-guará fala tão alto a essa hora da manhã. Ou por que a onça-pintada corre mais rápido que o habitual. As árvores e insetos estão inquietos, falando baboseiras as quais ela não quer escutar. Naquele dia, o Cerrado estava agitado.

— Você escutou o que eu disse? Há chamas por todo lado!! — Disse o amigo Guará, já parecendo sem fôlego.

E foi então que entendeu. Olhou em volta e enxergou as labaredas meio distantes. As chamas se espalhavam por todo o lado, não havia tempo para fuga. Seus amigos, que agora corriam e voavam, tentaram lhe avisar desde o início. Mas, do que adiantaria? A flor não possui patas ou asas como os animais livres. E, acima de tudo, esse fogo não foi causado pela mãe natureza — aquele fogo que é enviado para beneficiar a terra ou as plantas do Cerrado. Não!! É um fogo sujo, provocado para acabar com sua casa, seus amigos e famílias.

A flor nada pôde fazer além de observar aquela catástrofe. As árvores agora estão desesperadas, e uma fumaça cinzenta começa a cobrir o ambiente. Não se veem mais insetos, nem mesmo o lobo-guará ou a onça-pintada. Escutava apenas os gritos e pedidos de socorro de toda a floresta.

Seu lar havia sido arruinado. O que era cheio de seres calorosos e frutos coloridos, de repente, havia se tornado um cemitério. Suas amigas flores viraram cinzas. Ouvia apenas as lamúrias dos poucos sobreviventes.

Olhou para si mesma, assistindo a sua cor se esvaír aos poucos. Não muito longe, avistou o corpo do lobo-guará. Ele estava deitado em cima de algumas folhas secas. *Poderia estar dormindo*, pensou ela. Todavia, não estava. Foi morto pela crueldade dos seres sujos.

Com dificuldade, enxergou também o beija-flor distante. Parecia devastado, analisando as ruínas de sua casa. Se ela tivesse forças, gritaria para que seu amigo seguisse a vida, viajando para todos os cantos do Brasil. Porém, sabia que não podia. A mancha grudada no peito de cada ser vivo daquele lugar seria eterna. Enquanto não extinguissem todos os seus companheiros, os seres sujos nunca parariam.

A canela-de-ema observou o cenário mais uma vez. Não havia mais a confusão dos bichos, nem o cantarolar do bem-te-vi de mais cedo. Restava apenas o silêncio ameaçador da morte. Sonhou que, em outra vida, poderia ser um dente-de-leão, viajando através do vento, ou uma ema, correndo livre às margens do Rio Grande, com patas longas que lembravam seu próprio caule. Imaginava-se presenciando a aurora por entre as nuvens, como fazem as aves. Mas, no fundo, desejava ser novamente uma flor de canela-de-ema, com pétalas roxas delicadas, para permanecer em sua casa e nunca mais abandoná-la.

SOB A LUZ DO LUAR

Layla Nunes Pinheiro

Certa vez, em um lugar muito distante, no interior do Cerrado, uma raposa vagava pela trilha em um fim de tarde. Ela estava apenas consigo mesma, acompanhada pelo som do cantarolar dos pássaros e do vento fazendo as árvores balançarem.

Lá longe, ela avista uma alcateia de lobos-guarás vindo em sua direção. Ela pensa em enfrentar, mesmo estando em desvantagem, pois ela está isolada e os lobos estão em grupo. Mas a raposa tinha uma coisa que eles não tinham: a fé!

E a fé era mais forte que qualquer outra coisa. Então, quando eles foram para cima dela, a raposa não pensou duas vezes em reagir. Mostrou-se a criatura mais corajosa, forte e feroz que todo o Cerrado já tinha visto.

Os lobos ficaram tão surpresos com sua ferocidade e coragem que logo fugiram correndo, agora deixando a raposa novamente calma e sozinha.

Estava escurecendo, então ela foi procurar um lugar para ficar naquela noite. Achou uma pedra no alto da trilha, e deitou-se nela.

Já estava de noite. A lua era a mais cheia e linda. Sob a luz do luar, a raposa nunca viu uma noite tão estrelada em toda a sua vida, e sobre aquela pedra, ela ouviu uma suave e doce voz distante, até perceber que era sua melhor amiga: a onça-pintada.

— Vossa majestade, posso ficar ao seu lado?

— Oi onça, não precisa me chamar de vossa majestade. Eu não sou da realeza. Sou apenas uma raposa normal.

— É, mas você foi a única raposa que teve coragem de enfrentar os lobos-guarás, e todo mundo do Cerrado já tá comentando sobre isso.

— Isso é bobeira.

— Não, não é bobeira, é a mais pura verdade.

— Verdade? Como assim? Eu só me defendi.

— Então, a primeira a se defender em toda história do Cerrado.

— Tá, vamos fazer assim? Você finge que é verdade, e eu finjo que acredito — a raposa fala rindo.

A onça se junta à raposa, deitando ao lado dela, enquanto juntas observam o luar.

— Raposa...

— Oi onça, que foi?

— Queria saber por que você olha tanto para o céu!

— Agora você me pegou desprevenida — a raposa fala, dando uma risadinha — bom, o motivo de olhar tanto para o céu é que lá mora uma raposa muito especial.

— Quem? As estrelas? — a onça pergunta confusa.

— Não, onça — a raposa fala rindo — lá mora minha prima. Ela realmente era a raposa mais forte e corajosa de todo o Cerrado, e lutou até o fim da vida.

— Sério? eu não sabia disso.

— Pois é, mas deixa eu te falar uma coisa: aproveite o tempo com quem você ama, pois nunca se sabe até quando você vai ter a companhia dela — a raposa diz, enquanto olha para o céu.

*Essa história nasceu como homenagem à minha prima
Dandara, que faleceu durante a criação deste livro.*

UMA ANDORINHA SÓ, QUE POR POUCO NÃO FAZIA MAIS VERÃO

Márcia Rasia

Um vento forte e chuvas pesadas maltratavam o tempo naquele dia. E maltratavam também um dos símbolos mais representativos das aves migratórias, as andorinhas.

Talvez não fosse primavera, nem verão. Mesmo assim, como diz o velho ditado *“por morrer (a falta de) uma andorinha não acaba a primavera”*. Será?

Helena era uma delas. Uma andorinha de corpo esguio e aerodinâmico, com asas longas e pontiagudas, olhos grandes de visão apurada, e cerca de dezesseis centímetros de comprimento. Sua cor cinza e branca, típica do Cerrado.

Perdeu o controle.

Não governava seu voo. As asas doíam, e não tinha mais visão. A queda foi forte, e o desmaio foi com a alma e tudo. Lá longe, somente imaginou que a sua vida tinha chegado ao fim. Imagens tênues vagavam em sua mente...

— Venha, Helena... O dia está lindo!!! Você precisa acompanhar seu bando. Somos exemplos de determinação e equipe. Não saia da rota.

Mas Helena tinha um espírito de liberdade solitária. Tinha desejo de voar sozinha. Não que não gostasse de seus companheiros. Mas a curiosidade era mais forte que ela.

E naquele dia ela planava de felicidade sozinha. A paisagem era bela. Passou pela cidade de São Desidério em direção ao Sítio do Rio Grande. No meio, uma comunidade chamada Palmeiral. Vegetação do Cerrado. Paisagem maravilhosa. Um rio diferenciado. O gosto da alegria e do ânimo passava pela sua plumagem. Sentimentos tão profundos que não percebeu o tempo que passava, e as nuvens cinzentas que se formavam, anunciando

uma tempestade. Foi tudo muito rápido até sua queda.

Uma voz suave ao longe, e um balançar no seu corpo:

— Vai ficar tudo bem. Acorde! Acorde! Vamos lá!

Força!!!

Ouvia, mas não conseguia acordar. Doía muito uma das asas. Pensava nos seus companheiros. Pensou em como se desviou do seu bando. Desmaiou novamente. Já não pensava em nada.

Como num súbito, sentiu as mãos suaves passar em seu corpo. Acreditava ser mão de um humano. Seria possível? Decerto, acalentou seu corpo e sua alma. *temos alma sim*. pensou Helena. *Sentimos sim*. *Somos aves*. *Somos leves*. *Como num voo*. *Me leve*. pensou novamente Helena.

Conseguiu abrir os olhos lentamente. Pela sua visão, era uma mulher, com a plumagem dos cabelos longos e loiros — loiros como o sol. Tinha olhos grandes e claros, pele morena, era linda e suave. Suas mãos acalentadoras foram, literalmente, seu céu.

Ao ver Helena abrir os olhos, a mulher falou:

— Que bom que acordou! Vou te levar para minha casa até melhorar. Vou te colocar nesta caixa que estava no meu carro. Vai ficar tudo bem. Vou tirar uma foto para mandar ao meu irmão, para me certificar que ave você é. Pela minha pouca experiência, acho que és uma andorinha.

Helena aquietou-se. A dor era grande. Sentiu o barulho de movimentos do carro. O sono veio rápido e ela de alguma forma sentiu-se acarinhada. Carinho do latim *carus*, que significa precioso, de alto custo. Helena sentiu isso. Estava convencida a não mais se permitir a não ter carinho. Lembrou dos companheiros...

Foi acordada com as mãos suaves, e vozes que chamavam:

— Mônica... Mônica...

Então seu nome era Mônica. Sentiu o gosto amargo de algo que não era água. Sentiu-se melhor. A dor havia diminuído. Uma leveza tomava conta do corpo.

Perdeu a noção real do tempo... acreditava que foram dias. Dias de repouso para o corpo. Mônica foi o paraíso em sua vida. Pensou nos companheiros e em sua rebeldia. Mas teve outra imagem dos humanos. Ouvia e sentiu pela primeira vez o que era solidariedade. Nada realmente acontece por acaso. Precisava ter vivido tudo aquilo.

Fez um percurso de volta na mesma caixa. Durou alguns minutos. Durou algumas horas. O suficiente para repensar a vida e recomeçar. Sabia que Mônica estava levando-a de volta. Só tinha gratidão.

E Mônica, declamava um poema de Bandeira na cabeça:

| *“Andorinha lá fora está dizendo:*

| *Passei o dia à toa, à toa...*

| *Andorinha, andorinha, minha canção é mais triste:*

| *Passei a vida à toa, à toa.”*

E uma caixa com uma andorinha acaba de ser deixada no jardim de uma igreja. Uma igreja de São Joao Batista.

O TATU DO MANDACARU

Maria Augusta da Silva Serpa

Lá pelas bandas do povoado Mandacaru, em Santa Rita de Cássia, existia um tatu-bola que sonhava em fugir das matas e morar na casa de uma família que ficava próxima à sua toca. E, de fato, isso aconteceria...

Aos domingos, era rotina da família escutar a missa pelo rádio que ficava sobre a mesa da sala. Antes de iniciar a celebração, seu Totonho colocava um copo com água ao lado do aparelho, pois acreditavam que aquela água seria abençoada. Enquanto todos ouviam a missa, um barulho diferente adentrava a humilde cozinha. Parecia que alguém estava cavando um buraco.

Não se sabia ao certo de onde vinha aquele som que parecia querer derrubar a casa, mas o fato é que ficava cada vez mais intenso. Tudo indicava que vinha do fogão à lenha, e foi naquele instante que seu Antônio, conhecido naquela localidade por Totonho, resolveu ir até a cozinha para constatar o que ocorria. Quanto mais ele se aproximava, mais o barulho se intensificava.

Dona Elisa não se conteve e foi observar o que estava acontecendo. O medo já tomava conta dela, pois o que estaria ocorrendo em sua cozinha naquele instante, em que a missa estava finalizando?

Seus três filhos também resolveram ir atrás da mãe que andava na ponta dos pés, apavorada, com o misterioso cavador de buracos. Ao chegar na cozinha, foram indagando seu Totonho, que também tentava verificar o que seria o tal barulho. Mariazinha, a filha mais velha, que era extremamente curiosa, foi logo perguntando ao pai:

— Que barulho é esse, pai?

Seu Totonho então respondeu:

— Estou tentando descobrir, minha filha. Acho melhor vocês voltarem

para a sala, vai que seja uma onça-pintada, uma cascavel! Nossa casa fica no meio da mata, e os animais chegaram aqui primeiro. Já vi muitas onças passarem perto do curral, principalmente nas noites de lua cheia. Sem falar nas raposas e nos lobos-guará. Minha filha, o nosso Cerrado é lindo e cheio de mistérios.

Flavinha foi logo dizendo:

— Meu pai, não sabia que o senhor tinha tanto conhecimento sobre o Cerrado! O senhor reforçou tudo o que aprendi na escola.

O filho mais novo, apelidado de Rei, esperto como era, foi logo dizendo:

— Pai, o barulho está vindo do fogão. Vamos ouvir com atenção.

— Como, menino! onde já se viu um fogão fazer barulho? Você tem cada ideia!

— Estou dizendo que tem alguém cavando.

— Como, se todos nós estamos aqui e não vemos mais ninguém? Deve ser coisa da sua imaginação!

E o barulho foi ficando cada vez mais forte. O medo começou a tomar conta de todos, porque não sabiam o que estava acontecendo naquela humilde casinha, que ficava tão distante, no meio da mata do Cerrado santa-ritense.

Não demorou muito, e um buraco surgiu em um dos cantos daquele velho fogão, que já atravessava gerações na família. E olha quem aparece ali? Um lindo tatu-bola, que chamou muito a atenção daquelas crianças, que logo disseram:

— Vamos dar um nome para ele. Qual será? — disse

Flavinha.

— O que acha de Tatu do Mandacaru? — falou Rei.

Mariazinha concordou. E em coro, todos falaram:

— Pai, deixa a gente ficar com ele?

Seu Totonho respondeu:

— Não podemos ficar com ele, pois lugar de bicho do Cerrado é na floresta. Vou levá-lo agora mesmo para sua toca.

Ele precisa ficar com sua família também. Aposto que já estão com saudades.

E lá se foi seu Totonho levar o animal.

Chegando na mata bem fechada, ele deixou o simpático tatu-bola que parecia desejar fazer parte daquela família. A vontade de ficar com o Tatu do Mandacaru era grande, mas toda a gente de seu Totonho tinha consciência de que o lugar dele era na mata.

Imaginem o que aconteceu no outro dia? Dessa vez ao entardecer, o mesmo barulho do domingo. A família toda corre para a cozinha e avista o Tatu do Mandacaru, que não estava sozinho: veio acompanhado de mais três lindos tatuzinhos. Os simpáticos animais adentraram a cozinha, mas logo saíram em direção à mata.

Acreditem ou não, parecia que o Tatu do Mandacaru queria mostrar para seus filhotes a família que tem cuidado com os animais, que sabe o quanto eles são importantes para a preservação do bioma Cerrado. E foi assim que, diariamente, a família de tatuzinhos visitava-os.

O grande encontro da família de seu Antônio e dona Elisa com o tatu-bola, ocorrido naquela manhã de domingo, reforçou ainda mais a importância da união da comunidade. Diante do ocorrido, seu Totonho decidiu organizar uma reunião com todos, com o objetivo de cuidar cada vez mais da natureza e da biodiversidade que nela se encontra.

Assim, a comunidade assumiu o compromisso de proteger o Cerrado e preservar a vida que nele habita. Esse pacto não era apenas uma decisão prática, mas um gesto de amor e respeito pela natureza, garantindo que as futuras gerações também possam conviver com toda a sua riqueza natural.

O VELÓRIO DE ROSINHA

Marilde Guedes

Era noite de luar. As estrelas ajudavam a deixar o céu mais reluzente, porém, o sentimento que abatia sobre todos era de tristeza e sofrimento.

Acredite se quiser, mas foi muito choro noite a fora. Não só isso, velas acesas, vizinhança reunida para velar o corpo desencarnado, oração de recomendação. Há quem diga que isso é blasfêmia (desrespeito com as coisas sagradas). Onde já se viu fazer velório para bicho? O fato é que aconteceu.

Rosinha era um papagaio falante, cantador, que assobiava como ninguém; conhecido dos vizinhos e cobiçado por muita gente. Sabia o nome de todos de sua casa, cantava o hino nacional brasileiro, assobiava para as visitas, ou melhor, gostava de se apresentar, se exibir sempre que chegava alguém em casa.

A senhora Berenice, dona do pássaro falante, dizia possuir um tesouro, que ninguém tinha, e que não vendia por dinheiro algum. Da espécie papagaio-verdadeiro, tinha cor verde com penas amarelas ao redor dos olhos e penas azuis acima do bico; nas asas alguns detalhes em vermelho e azul. O bico era todo preto e bastante duro. Realmente, Rosinha era um encanto!

Quando alguém se interessava pelo bicho, desconfiada já dizia:

— Não adianta botarem preço, porque não está à venda, é um filho de estimação, presente da minha avó materna, senhora Rosa, já falecida.

Laços afetivos justificavam tamanho amor.

Se era presente da avó, certamente, esse tesouro estava no rol das aves idosas, porque sua mãe cuidadora era uma senhora dos seus cinquenta anos. Dizem que os papagaios vivem em média sessenta anos, podendo chegar aos oitenta a expectativa de vida, são longevos.

Certa vez, um cigano quis comprá-lo. Nossa, foi uma ofensa para D. Berenice, que pôs o interessado para chispar de sua casa, sem olhar para trás.

Todas as tardes, em frente à casa, Rosinha dava um show de cantoria, assobios e simpatia para quem passasse por perto. Com isso, levava a vida de pássaro cantador — o melhor dos Cerrados do Oeste —, ganhava presentes e o carinho da criançada.

Naquela tarde de outubro, fazia um calor escaldante, o colocaram em frente da casa mais cedo, em seu banquinho preferido, para o espetáculo costumeiro. Ele não perdeu tempo, começou a chamar pelos vizinhos: Beto, Divino, Galego, Ana, Domingas, uma lista sem fim; cantou as músicas do repertório; assobios os mais diversos.

Nisso, passa uma senhora que se encantou com o que vira e ouvira. Profundamente maravilhada, diz:

— Nunca vi um papagaio falar tanto, que lindeza, que sabedoria! Dá vontade de levar para casa. Como gostaria de ter um bichinho desse!

Ela se aproxima para fazer um cafuné, lhe acariciar a cabeça, mas ele não aceita e voa para dentro da casa, espantado e gritando socorro.

Dona Berenice corre para ver o que houve, e ainda consegue avistar a senhora, um pouco distante. Grita por ela, sem sucesso.

Num instante, abateu uma tristeza sobre o papagaio, calafrios, perdeu a fala, murchou como folhas verdes ao sol.

— Chamem Dona Verside, rezadeira, meus filhos, isso deve ser mau-olhado. Tenho certeza que aquela senhora botou olho gordo no bichinho. Tem gente que, de tanto cobiçar as coisas dos outros, mata de inveja.

Não se demora, chega a benzedeira com galhos verdes de losna. Reza, fervorosamente, todas as orações, ladainhas, apela aos santos protetores dos animais, e faz promessas com muita fé e devoção.

Adentra a noite e Rosinha só piora. Parecia que estava chegando a hora da sua partida. Lá para a meia noite, o papagaio se estrebuchou pelo chão e morreu.

Sessão de choro, orações, velório, preparativos para enterrar o falecido (uma caixa de sapato, como caixão). Cavaram uma cova no quintal da casa e, ali, jazem os restos mortais do papagaio mais falante, de que se tem notícias nos Cerrados da Bahia.

Teria sido olho gordo, o calor sufocante que fazia naquele dia ou a idade avançada de Rosinha??

Nossa imaginação encontrará a resposta, que melhor nos aprouver.

O POMBO SUICIDA

Marília Guedes

Era tarde do penúltimo domingo de agosto, em plena estação de inverno, do ano de 2025. Tempo ensolarado, convidativo para um passeio de carro, programa que as pessoas mais jovens gostam de fazer, principalmente, nos finais de semana.

Makena, mocinha cheia de vontades, pegou o carro de sua avó, dona Lila, convidou o tio Rafael para dar umas voltas, com a promessa de passar pela sorveteria Fado, para saborear o melhor da cidade, assim dizem os moradores.

— Sou cliente há muitos anos do Fado, minha filha, não há sorvete igual. Tem uma variedade de sabores: cajá, umbu, maracujá, tamarindo, coco, buriti, amendoim, etc. Nossa! Nem dou conta de listar. Só sei que atende os mais exigentes paladares.

São palavras de dona Fafá, doceira de primeira categoria. Ela entende, como ninguém, dos sabores do Cerrado baiano.

Curiosamente, esse bioma tem uma rica biodiversidade, com várias espécies de plantas nativas, que nossa doceira parece conhecer com propriedade. Aposto nisso.

Pois bem, tio e sobrinha passaram horas passeando. Ao final da tarde, dirigiram-se para a sorveteria. Trânsito intenso, resolveram pegar uma avenida menos movimentada e com uma paisagem belíssima, entre serras, árvores e pássaros. Tão bela, que deixou Makena encantada, ao ponto de não perceber um pombo que voava baixinho, em direção ao automóvel, chegando a tocar o solo.

Makena se assustou com o movimento rápido, mas não teve tempo de desviar. O barulho seco do impacto ecoou dentro do carro. Acidente fatal do pombinho. Não porque Makena tivesse a intenção de matá-lo. Ao contrário,

não houve tempo suficiente para frear o carro, porque o voo do pássaro foi mais veloz. Ele fez um rasante, caiu sobre o asfalto e desfaleceu-se.

Dá para imaginar o estado emocional dos personagens, com o ocorrido? Suspense total!

Makena, apesar de muito abalada, em estado de choque, pensou e disse:

— Meu tio, esse pombo é um suicida. Poderia ter provocado uma tragédia maior. Já pensou, se eu fizesse uma freada brusca, com tantos veículos que estavam atrás?

O tio Rafael tentou tranquilizar a mocinha, que chorava comovida com a morte do pássaro. Disse ele:

— Acidentes acontecem, por isso, precisamos estar muito atentos ao volante. Qualquer vacilo, pode ser fatal.

Isso é verdade, toda atenção é necessária, porque o inesperado acontece, e todas as vidas são importantes.

Enquanto a estrada seguia cheia de carros e o vento passava entre as serras, para eles (tio e sobrinha), o tempo parecia ter parado. O passeio que começou com tanta alegria e empolgação, terminou de forma inesperada, com a lembrança triste de um pombo que não conseguiu continuar seu voo.

— Sabe, meu tio, o que me conforta é que os outros pombos saíram em revoadas, ilesos e felizes, fazendo piruetas no ar, com toda a liberdade que os pássaros têm. Era como se estivessem fazendo homenagem ao *pombo suicida*.

A ODISSEIA DE ROSALITA

Marília Rosa Matos

Rosalita, a onça-pintada, era uma verdadeira líder em Vila Cerradinho. Com sua inteligência emocional e habilidades intelectuais, ela foi nomeada xerife da vila. No entanto, apesar de seu talento e dedicação, Rosalita era frequentemente subestimada pelos moradores. Eles a viam como uma “onça boazinha”, e não levavam sua autoridade a sério. Uma vez Rosalita foi questionada pelo tatu-canastra, se ela já havia atirado em alguém, dando a entender que o interlocutor questionava suas habilidades no manuseio da carabina que recebeu ao tomar posse. Mal sabia o desavisado que Rosalita era uma exímia atiradora, e tinha ficado em primeiro lugar na prova de armamento e tiro a que foi submetida.

A repartição de Rosalita era um modelo de organização e eficiência. Ela trabalhava incansavelmente para manter a vila segura e resolver os problemas da comunidade. Mas, por mais que se esforçasse, Rosalita não recebia o reconhecimento merecido. Seus esforços eram ignorados ou minimizados, e ela começava a se sentir frustrada. Chegou ao ponto de, um dia, após se envolver em arruaça, o lobo-guará, conhecido como Agapito, ao ser enquadrado, gritou: “Rosalita, anda rápido com isso aí que quero tomar um mé”. Era o fim da picada. Até um infrator pé de chinelo queria dar ordem em Rosalita, e ainda desdenhava.

Um dia, Rosalita decidiu fazer um estudo sobre o que estava acontecendo. Ela analisou os dados, conversou com a ema, a seriema, a capivara, a anta, o cachorro-do-mato, o gato-mourisco, o tamanduá-bandeira, a jaguatirica... enfim, com todos os moradores e identificou o problema: de onde vinha a falta de respeito pela sua autoridade? As pessoas não a viam como uma líder forte e capaz, mas sim como uma “onça bonita” que não sabia impor sua vontade.

Rosalita sabia que precisava mudar essa percepção. Ela começou a trabalhar em sua imagem e em sua abordagem. Ela se tornou mais

assertiva e começou a impor sua autoridade de forma respeitosa, mas firme. Ela também começou a trabalhar em parceria com os outros órgãos de defesa dos animais do Cerrado, fortalecendo sua posição e aumentando sua influência.

Com o tempo, Rosalita começou a ser respeitada pelos moradores de Vila Cerradinho. Ela expulsou os malfeitores e restabeleceu a ordem na vila. Finalmente seu trabalho foi reconhecido e ela recebeu a condecoração dos heróis, entre outros títulos.

E assim, Rosalita continuou a trabalhar em Vila Cerradinho, se tornando uma líder respeitada e admirada, conhecida por sua inteligência emocional, sua habilidade e sua dedicação à justiça. Ela amava sua vila e queria continuar trabalhando para o seu progresso e desenvolvimento.

Rosalita sabia que sua presença era importante para a comunidade e que podia continuar fazendo a diferença, mostrando que com determinação e habilidade podemos superar os obstáculos e alcançar o sucesso. Ela provou que, mesmo sendo vista como “boazinha”, uma pessoa pode se tornar uma líder forte e respeitada, capaz de fazer a diferença em sua comunidade.

A RAPOSA

Marleide de Araújo

Quem pensa que raposa só passeava e fazia peripécias nas histórias da época dos “inventadores” Esopo e Jean de La Fontaine está enganado. Pois bem, aqui vai mais uma historinha bonitinha e divertida de uma raposa e de uma menina.

Pense num animalzinho sabido é essa rainha da esperteza, mas dessa vez, ela vai se dar mal, pois de esperteza ela não teve nada. Perdeu. E feio. Sua comida dourada pertenceria a umas mãozinhas brancas e delicadas de uma menina.

Era época das cagaitas, uma frutinha redondinha amarelinha, parecendo ouro do Cerrado da Bahia. Era neste interior que Aurora, uma garotinha muito esperta, saía para fazer seus passeios e tentar esquecer a morte de sua querida mãe.

O bosque ficava próximo ao povoado, e era nele, em meio ao canto dos pássaros, da diversidade das árvores, insetos e cigarras, que a menina procurava se reencantar pela vida, pois o vazio e a tristeza devido à falta da mãe arrasavam o coração da pobre garota.

Ficar sem seu “porto seguro” era difícil demais para ela, por isso, quase todas as tardes, quando o sol se despidia de mais um dia, saía para um passeio na mata do Cerrado para, quem sabe assim, a alegria voltar de novo a florir o jardim de sua alma.

O fim de tarde daquele dia estava belíssimo. O sol espalhava seu esplendor por toda aquela planície de vegetação rasteira cravada no solo, sob tons avermelhados com amarelo dourado, feito puro ouro e açafrão da Terra.

Caminho adentro, a menina andava entorpecida com o próprio silêncio, e as lembranças da mãe povoando seus pensamentos, enquanto observava as formigas fazerem o caminho rumo ao próprio reino, carregando sua

sobrevivência. Bichos pequenos, mas de uma força capaz de derrubar castelos, eram essas tais de formigas. Contudo, o antídoto para a dor da alma da criança estaria bem ali, pertinho de seus olhos – a descoberta das cagaitas.

Folhas e galhos secos entapetavam o chão à medida que a garota adentrava a floresta, e quebravam-se às pisadas leves e certeiras de quem bem sabia aonde queria chegar. O destino era um lugar na clareira da mata. Lugar que ela conhecia tão bem, onde podia sentar e, quem sabe, se deitar no chão, pôr as mãos por baixo da cabeça, fechar os olhos e pensar... pensar na vida, pensar em “partidas” da vida, e, por fim, nos sonhos do futuro, já que seu melhor tesouro estava em outros sonhos.

Todavia, a vida precisava fazer seu percurso, subir e descer rios, entrar e sair de matas, guardar as estrelas cadentes e esconder as luas de lobisomem. Enfim, a vida precisava partir em rumo ao destino traçado.

No entanto, antes de chegar à clareira da mata, a garota avistou como que um tapete de bolinhas bem amarelinhas. Eram as cagaitas maduras transformando o chão num lindo tapete dourado. “*Olha, olha! Que frutinhas são essas?*” — perguntou, admirada, a menina.

Aproximou-se sem muito hesitar e experimentou uma bolinha dourada. “*Oh! Como são docinhas!*” Apreciou, e pôs-se a provar mais e mais daquela deliciosa maravilha do Cerrado.

Estava tão encantada com o sabor docinho das frutinhas que resolveu levar bastante delas para casa, e dividir com os irmãos e amigos. Assim, tirou a blusa de frio que levava amarrada à cintura, para fazer uma pequena sacola e enchê-la de bolinhas. E, nessa tarefa, ficou envolvida por algum tempo. Catou uma aqui, outra ali, outra acolá e a sacola improvisada foi se enchendo.

À medida que se enchia de douradinhas, a menina também se enchia de entusiasmo por ter encontrado aquele tesouro de fruto silvestre e, mais ainda, para contar a novidade aos amiguinhos, em especial o Zezinho e o Edson.

Em meio à essa euforia toda, de repente, ouviu um grito estranho e ensurdecedor quebrar o silêncio daquele momento tão especial. A menina virou-se mais que depressa para descobrir o que estava acontecendo por ali.

Era uma raposa faminta em fim de tarde de primavera, uma estação tão cheia de enigmas e descobertas. O grito foi muito forte, que assustou um pássaro que descansava ali em um dos galhos de uma das árvores mais baixinhas, pondo-se a voar sem destino no ermo de medo, na tentativa

de encontrar outra árvore para passar a noite, já que o berro, com tanta autoridade, lhe expulsara daquela.

Aurora viu o pássaro bater asas, porém não avistou a raposa, o que a deixou confusa, pois o grito e o suposto autor não associavam muito bem.

A menina, ainda trêmula e com muito medo, ouviu o grito a soar outra vez e, assim, ela pôde identificar de onde vinha e o autor de tão alto brado. Ao gritar pela segunda vez, a raposa fez-se entender que um estranho invadia o seu território e, além disso, roubava uma de suas preferidas alimentações – as preciosas cagaitas.

Assustada, a mocinha recuou um pouco, mas decidiu enfrentar a fera. Ficou firme, aparentemente sem medo, e parou de pé em frente à inimiga, com olhar fixo e decidido.

A raposa deu uns passos para trás e, andando meio de lado, foi recuando, como quem procura um desvio para escapar de um perigo. Escapando e esbravejando-se em indignação e fúria, foi se distanciando da menina, ao passo que ela, sutilmente, seguia a inimiga pondo-a para correr.

Os variados tons avermelhados da raposa confundiam-se com as folhagens maduras dos galhos pendentes das aroeiras, mutambas, cagaitas... E à proporção que a vilã recuava, a menina apertava a marcação, até perdê-la de vista e sumir de vez por entre as cores do Cerrado.

Com a sacola cheia de bolinhas douradas, Aurora voltou para casa com mais uma aventura para contar aos amiguinhos, em especial ao Zezinho, que a ouvia com entusiasmo e suspiro de admiração.

Mas, naquela tarde, Aurora não havia enfrentado apenas uma raposa faminta: enfrentara também o vazio que a dor deixara em sua alma. Ao descobrir as cagaitas e partilhar sua alegria, encontrou na natureza e na amizade a força para seguir em frente.

Assim, cada fruto dourado não era apenas alimento, mas lembrança de que a vida, mesmo entre perdas, sempre oferece novos encantos e renascimentos.

O BEIJA-FLOR DO CERRADO E AS FÉRIAS NA FAZENDA

Marta Maria Silva de Faria Wanderley

Era início das férias escolares de julho, quando Maria Flor, uma menina de oito anos, chegou com os pais e o irmão mais velho, Pedro, à fazenda da vovó Rosa, no coração do Cerrado do Oeste Baiano.

O lugar era rodeado por serras verdes e cortado pelo Rio Branco. A casa ficava perto do rio de águas claras e frias, cercada por serras verdes e árvores imponentes como angicos, aroeiras, jacarandás, cedros, ingazeiros, jequitibás, e o enorme tamboril que fazia sombra no terreiro.

Perto da casa branca, com portas e janelas azuis, cercada por varandas e grama verde, havia a roça, com milho e mandioca. O quintal era um verdadeiro pomar, com frutos de toda cor e sabor: goiabeiras, pés de araçá, cagaitas, jambos, jenipapos, pitangas, muricis, pequizeiros, buritis, mangabeiras, jatobás e cajuís, que se espalhavam por ali, sempre prontos a oferecer seus frutos doces ou azedos.

Vovó Rosa dizia:

— Aqui, cada árvore tem sua história, e cada fruto, seu encanto.

Logo na primeira manhã, enquanto o sol pintava de dourado as flores dos ipês roxos, amarelos, brancos e rosas, Maria Flor ouviu um zumbido suave. Logo no primeiro dia, descobriu o encanto da fazenda. Era um pequeno beija-flor do Cerrado, de penas cintilantes que refletiam tons azul e verde, como se fosse feito de pedacinhos do céu, que aparecia todas as manhãs para beijar as flores dos ipês coloridos. Ele voava entre as caliandras vermelhas e as delicadas sempre-vivas, que coloriam o quintal, beijando cada flor com graça e velocidade.

Maria Flor ficou encantada:

— Parece uma joia que ganhou asas! — disse maravilhada.

A família inteira passou a observar, dia após dia, o espetáculo daquele serzinho, que parecia ter vindo para alegrar as férias.

A fazenda fervilhava de vida. Maria Flor e Pedro corriam pelo quintal, colhiam frutas e ajudavam vovó Rosa a preparar sucos de mangaba e doces de buriti.

Animais do Cerrado apareciam por toda parte: um tatu atravessava a estrada ao entardecer; macacos brincavam nas copas do jequitibá; uma arara-azul passava voando sobre o pomar; o papagaio de vovó fazia a família rir, gritando palavras engraçadas; uma tímida cotia se aventurava perto da roça de mandioca e milho; e até sinais misteriosos de rastros de veados e uivos da astuta raposa na madrugada podiam ser vistos nas trilhas e perto dos galinheiros, tão bem cuidados pela vovó. Mas havia também sussurros de um perigo maior: a onça-pintada e o gato-do-mato, caçadores discretos e silenciosos que viviam na mata fechada e raramente se mostravam.

O beija-flor, porém, parecia sempre próximo, como se fosse o guardião invisível da família. Maria Flor notava que, por onde ia, o pássaro a acompanhava, ziguezagueando no ar com sua rapidez mágica.

Numa tarde quente, Pedro decidiu colher goiabas maduras no pomar. Ao se afastar um pouco mais, percebeu que o silêncio era estranho. Ele foi parar entre as árvores numa clareira, sem os cantos de pássaros. Ao erguer os olhos, viu um gato-do-mato que o observava com olhos atentos, espreitando-o com olhar fixo. Pedro ficou paralisado, sem saber se corria ou gritava.

De repente, um zunido cortou o ar: o beija-flor surgiu veloz, como um raio, voando tão perto do focinho do animal, que o distraiu com seu brilho e velocidade, reluzindo como uma faísca azulada. O animal se desconcentrou, desviou o olhar de Pedro e voltou-se para seguir o pequeno pássaro, e acabou desaparecendo entre as árvores, se embrenhando de volta no mato.

Pedro aproveitou e correu de volta para casa, aliviado e ofegante.

— Vovó, eu vi um gato-do-mato! — contou, assustado.

— Mas o beija-flor me salvou!

Vovó Rosa assentiu com serenidade e, naquela noite, disse à família:

— Os antigos dizem que o beija-flor é mensageiro da esperança e protetor das crianças. Ele nunca deixa o mal se aproximar de quem tem o coração puro.

Maria Flor, emocionada, olhou pela janela e viu o pequeno pássaro ainda dançando em torno das flores iluminadas pelo luar. Era como se estivesse sorrindo para ela.

As férias passaram rápidas, cheias de colheitas, histórias e brincadeiras na fazenda da vovó Rosa, no Rio Branco. No último dia, Maria Flor observou o beija-flor pairando sobre as flores do ipê-amarelo. Parecia despedir-se, com seu voo cintilante e alegre. Ela sabia que a lembrança mais viva seria a do beija-flor do Cerrado, guardião da fazenda e símbolo da magia daquele lugar.

Ao se despedir da vovó Rosa, a menina disse:

— Vovó, quando eu voltar, o beija-flor ainda vai estar por aqui?

E vovó Rosa respondeu, sorrindo:

— Sempre, minha filha! Enquanto houver flores no Cerrado e olhos para se encantar, o beija-flor voltará.

E assim, a lembrança daquele pequeno guardião ficou gravada no coração de todos, especialmente de Maria Flor e Pedro, como símbolo da magia e da força do Cerrado baiano.

GUARDIÃS DO CERRADO

Marya Paixão da Cruz

N o coração do Cerrado baiano, entre árvores retorcidas e o canto grave das corujas, vivia Porã, uma onça-pintada de olhos âmbar que refletiam a luz da lua. Chamavam-na de sombra dourada, porque seus passos eram tão silenciosos que até o vento parecia se calar quando ela passava.

Porã conhecia cada vereda, cada rio seco que escondia água sob a areia, cada cheiro que o Cerrado exalava. Caçava com sabedoria, mas não por prazer — apenas o suficiente para viver. Para ela, a terra era sagrada, e cada pegada deixada sobre o solo era também um sinal de respeito.

Certa noite, ao seguir o rastro de um tatu, Porã percebeu algo diferente no ar: fumaça. Não era o fogo natural das tempestades de verão, mas a chama cruel que o homem trazia. O Cerrado ardia, e os pequenos animais corriam desesperados em busca de abrigo.

Porã pensou em várias formas de capturar os responsáveis por atear fogo na floresta, mas a onça-pintada sabia que sozinha ela não iria conseguir.

Porã saiu decidida a encontrar algum animal que pudesse ajudá-la a solucionar o problema das queimadas. A onça-pintada andou bastante e, ao passar próxima a um rio, ouviu uns barulhinhos. Com isso, foi chegando mais perto para ver o que era aquilo e, para sua surpresa, todo aquele barulho era, na verdade, uma capivara se banhando com sua manada.

Jaci era uma capivara esperta e tranquila. Seu lar era às margens do Rio das Veredas, onde as águas claras refletiam o céu azul e serviam de refúgio contra o calor e os predadores. Ela adorava a vida em grupo, sempre rodeada de parentes e amigos. Passava as tardes mergulhando, mordiscando folhas verdes e ensinando os filhotes a nadar. Mas, por trás de sua calma, havia também coragem: Jaci sabia que o Cerrado podia ser duro e que era preciso estar atenta para proteger sua família. Assim, era considerada a líder das

capivaras, estava sempre à frente das decisões, alertava sobre os perigos e coordenava a caça por alimentos.

Todos viviam em harmonia, mas quando viram a onça-pintada se aproximando, foi um desespero total. Jaci sabia que precisava manter a calma, afinal de contas, ela era a líder do seu grupo e não poderia demonstrar medo diante dos outros animais.

Ao perceber o pânico no rosto das capivaras, a onça-pintada foi logo dizendo que estava ali em missão de paz e não queria atacar ninguém. Porã começou a explicar, ainda de longe, o motivo que a levou até o acampamento das capivaras; aos poucos, todos foram se acalmando, e Jaci pediu que Porã se aproximasse para que elas conversassem melhor.

O clima ainda era de medo e desconfiança. Dava para ouvir o tremor das patas e o ranger de dentes de alguns animais, mas todas as capivaras deixaram o medo de lado e se juntaram para ouvir o que Porã tinha a dizer.

— Queridas capivaras, sei que vocês ainda estão com receio de estar tão perto de uma onça-pintada. Sou conhecida como um dos maiores felinos, pela minha força e agilidade na caça, mas o motivo que me traz aqui é maior que tudo isso. Não quero atacar nenhuma de vocês. Quero apenas ajuda para salvar o nosso Cerrado e nossas espécies que estão em ameaça de extinção.

As capivaras ficaram sem reação diante das falas de Porã, e o que antes era medo, agora deu lugar à admiração.

Jaci chegou mais perto e pediu que Porã explicasse melhor o que estava acontecendo, pois elas ainda não tinham percebido essa ameaça que foi relatada pela onça-pintada. Foi então que Porã contou sobre as constantes queimadas que vinham acontecendo do outro lado da floresta, provocadas por caçadores que a invadiram.

A conversa entre Jaci e Porã durou por horas e horas. Já era noite, e elas continuavam a traçar os planos para acabar com as queimadas no Cerrado baiano.

Jaci queria entender o porquê desses incêndios, pois eles trazem muitos prejuízos para a fauna e a flora, e conseqüentemente, malefícios para os seres humanos também. Porã explicou que há muitos motivos por trás dessas queimadas, principalmente questões econômicas e financeiras. No entanto, há também incêndios gerados de forma natural: em períodos de estiagem prolongada, as altas temperaturas e a baixa umidade tornam a vegetação do Cerrado mais seca, e suscetível ao fogo.

No dia seguinte, Porã e Jaci seguiram em direção ao local onde estava ocorrendo maior incidência de queimadas. Elas ficaram lá por um bom tempo, esperando que os homens chegassem. O plano era Porã atrair a atenção deles, pois muitos caçadores sonham em capturar uma onça-pintada. Porã fingia estar distraída, mas seus olhos fitavam atentos cada passo que era dado.

Ao avistarem a onça, os homens ficaram encantados com a beleza do animal, mas também tiveram medo e não quiseram se aproximar. Eles até discutiram se deveriam atirar no felino e depois vender, pois acreditavam que conseguiriam um bom dinheiro.

Enquanto decidiam o que fariam com a onça-pintada, Jaci e seu grupo de capivaras foram se aproximando e montando a emboscada para capturar os homens que estavam destruindo a natureza. Hipnotizados com a beleza do felino, os caçadores não perceberam que as capivaras colocaram uma rede ao seu redor.

Quando os homens foram se aproximar de Porã, a onça-pintada levantou e deu um esturro estrondoso, fazendo-os correrem desesperadamente: foi então que caíram na rede e foram capturados pelas capivaras.

O plano deu certo e desde essa data, nunca mais foram vistos caçadores ou pessoas ateando fogo no Cerrado baiano. O feito épico da onça-pintada Porã e da capivara Jaci se espalhou por todas as florestas e biomas brasileiros. E assim, elas ficaram conhecidas como as guardiãs do Cerrado.

FAMÍLIA BURQUEIRA CORRE PERIGO

Miriam Hermes

O ano era 2015. Uma grande seca atingia o Brasil.

Alheios ao sofrimento dos animais brasileiros que viviam em outras regiões, com a falta d'água e comida, ar seco e calor, dois casais de coruja-buraqueira terminavam de arrumar os locais onde teriam suas primeiras ninhadas, lá no Morro do Cajuí, perto da Vereda do Buritizal.

Conhecidas por suas penas marrom-acinzentadas, com pontinhos brancos e corpos pequenos, as corujas-buraqueiras têm esse nome porque se reproduzem em buracos já existentes e abandonados, ou em tocas que os casais cavam no chão com os pés e bicos.

Têm olhos grandes e amarelos, conseguem fazer a rotação da cabeça em até 270 graus e têm excelente audição, o que ajuda para a caça. Alimentam-se basicamente de insetos e pequenos vertebrados. Mas, diferentes de outras corujas, também comem sementes, folhas e frutas.

A vida para os dois casais de corujinhas era de alegria. Para fazer os ninhos, eles aprofundaram buracos que já existiam na parte baixa de um barranco, perto de vários pés de cajuí e delicadas caliandras.

A vida naquele lugar paradisíaco em nada lembrava a situação de penúria enfrentada pelos moradores das regiões de clima semiárido — aqui mesmo na Bahia, em outros estados do Nordeste e também em diversas partes do Brasil.

Seca sempre foi prenúncio de sofrimentos e perdas. Ouvia-se falar, através dos pássaros que viajavam pela rota migratória Brasil Central, que nem muito longe dali tinha pouca água, e os animais passavam fome por causa da seca.

Ao longe as corujas percebiam, pela fumaça, os incêndios florestais por

todo lado e constataram pouca água brotando das nascentes nas últimas semanas. Mas, nascidos e criados na vereda, Eduardo e Otília, assim como Alfredo e Almerinda, viviam o encantamento de uma vida sem problemas, acreditando estar em um local seguro.

O primeiro casal, depois de um mês de choca, viu saírem dos dez ovos pequenas bolinhas moles — bichinhos desengonçados, cobertos de penugens brancas. Já Alfredo e Almerinda tiveram onze filhotinhos, igualmente frágeis e totalmente amados pelos pais.

Naqueles dias, o ar estava quente e seco, e mesmo na vereda, dava pra sentir a fumaça que vinha das queimadas, que o vento empurrava pelas serras. O fogo matava os bichos e acabava com a vegetação. Em muitos lugares chegava perto das casas dos moradores humanos e queimava suas roças. O perigo rondava a vida de todos.

Os papais-coruja tinham a missão de sair em busca de alimentos para a prole, enquanto as mães-coruja permaneciam nos ninhos quase todo o tempo, cuidando das suas corujinhas.

Assim se passaram quarenta dias, e a filharada já estava quase pronta para sair das tocas. Em poucos dias, sentiriam a brisa e, aos poucos, aprenderiam a voar, caçar sua comida e seguir a vida.

Ao amanhecer no dia 1º de setembro, perceberam que a fumaça estava muito forte. Os papais saíram para comer nas redondezas e, ao alçar voo, viram que o fogo já vinha muito perto. Ficaram estarelecidos, pois não conheciam este inimigo da flora e da fauna. O barulho do fogo na vegetação seca era medonho. Parecia um monstro, que matava tudo por onde passava.

Todo este tempo tinham cuidado dos seus bebês e temiam sim pela vida deles, mas pensavam apenas nas serpentes, no gavião-carcará e no cachorro-do-mato, dentre outros. Para afugentar os animais perigosos que se aproximavam, desde pequenos os filhotes aprenderam a fazer um barulho semelhante ao chacoalhar do guizo da cobra cascavel, afastando predadores.

Aquele fogo vinha dos lados do vilarejo. Certamente alguém o acendera para queimar algumas folhas, mas o vento espalhou as labaredas pela serra, levando o horror à bicharada. Assim, os papais voltaram às tocas: precisavam proteger as ninhadas ao lado das mães.

Não conseguiriam retirar as corujinhas das tocas, porque os pequenos ainda não conheciam o mundo exterior. Também não saíam caminhando e nem voando. No instinto de proteção, os adultos ficaram com as asas abertas na 'boca' da toca, para evitar que o calor e a fumaça intensa entrassem.

Os casais se revezaram nesta função e começaram a ouvir trovões cada vez mais próximos. O vento ficou mais intenso, aumentando o barulho do fogo. Com o vento, chegava também o cheiro de terra molhada, que vinha como uma benção divina.

Logo começou uma chuva forte, com mais trovões e relâmpagos, e aos poucos a fumaça foi diminuindo. Cavadas de forma a não permitir a entrada da água da chuva, nas tocas as duas famílias respiravam aliviadas.

“Essa foi por pouco”, repetiam, com os olhos marejados. Era a bendita chuva do caju — aquela que cai em setembro, aliviando o calor, lavando os telhados e as folhas das plantas empoeiradas pelos meses de sol e vento.

Foi uma hora de chuva boa, e ao final o fogo estava dominado. Embora boa parte da paisagem estivesse preta e cinza, outra parte estava preservada.

Assim que parou a ventania e a chuva ficou mansinha, Otília e Eduardo saíram para a boca da toca e encontraram seus amigos Almerinda e Alfredo.

Festejavam a sorte que tiveram, pois, se não fosse a chuva, todos teriam morrido com o calor do fogo e a fumaça intoxicante. A alegria ficou completa quando, um a um, os filhotes saíram do ninho e sentiram a brisa fresca balançar as peninhas que ainda cresciam.

Estavam ansiosos, pois, nos próximos dias, iriam aprender a caçar e a voar. Tinham uma vida linda pela frente...

A RAPOSA DE JOÃO ROMÃO

Raimundo Corado

Na vereda denominada Goiabeira, lugar “Miguel”, interior do município de Santa Rita de Cássia-BA, distante da sede 20 quilômetros, residia um senhor chamado João Romão.

João Romão fazia de tudo que compete a um lavrador, porém nunca alcançou independência financeira. Andava sempre passando necessidades.

Ele adorava uma caçada. Antes, ele montava uma ceva para atrair as caças. Dias depois, pegava sua espingarda bate bucha, seu cutelo de facão, seu pacote de fumo, canivete, palha de milho, e um papafogo, e ganhava a mata em busca das misturas, como: cotia, jacu, veado, juriti, codorna...etc.

Nem sempre tinha sucesso, devido ao grande número de raposas que habitavam o lugar. Quando os bichos chegavam nas cevas, as raposas não davam sossego. Assim, acabavam chagando primeiro e devorando as caças.

Certa feita, cheio de criatividade, João Romão teve uma ideia brilhante:

Sabedor de que raposa gosta de cachaça, ele começou a levar um litro de pinga e uma gamelinha. Quando as raposas começavam a aparecer, ele enchia a gamelinha de cachaça e saía de perto.

Era aquela festa: as raposas se deliciando da cachacinha.

Momentos depois, deitavam.

Semanas mais tarde, João Romão deparou com uma cena triste: a raposa bebeu tanto que desmaiou. Um filhotinho, que a acompanhava, ficou gemendo perto da mãe.

Entristecido e comovido com aquilo, João Romão pegou o filhotinho e levou para sua casa. Fez uma casinha de vara, suspensa do chão, forrou e colocou a raposinha.

Colocou vasilha para água e para comida. E assim, naquele ambiente humano, a raposinha foi se desenvolvendo.

Com o tempo, ele tirava a raposa da casinha e soltava, mas ela não fugia: tinha se acostumado entre as pessoas de tal forma, que à noite ela se recolhia para a casinha normalmente.

No terreiro, ela vivia entre as galinhas, sem atacar nenhuma.

Outra qualidade de João Romão era tirar mel de abelha. Para aquela missão, ele sempre levava a raposinha que acompanhava tudo, e ainda se deliciava com os favos de mel que ele ia jogando na cuia.

Júlio era um fiel frequentador da casa de João Romão, onde nos finais de tarde, costumava deliciar aquele café fresquinho, acompanhado de pubas, biscoitos e outras iguarias peculiares ao homem da roça.

João Romão já o esperava com o café prontinho, temperado com mel de abelha, como seu amigo gostava.

Certa feita, aguardando Júlio, pôs a água a ferver e se deu conta de que havia acabado o mel para temperar o café. E é aí que entra em cena a raposinha do João Romão. Ele pegou astralhas, saiu, andou um pouco e voltou.

A raposa que o acompanhava, conhecedora daquele trajeto, prosseguiu com a viagem, voltando mais tarde com um grande favo de mel, deixando aos pés de João Romão, seu dono. Ele temperou o café, e quando Júlio chegou, ele, como um bom contador de causo, narrou o ocorrido para seu amigo que ficou boquiaberto.

Daquele dia em diante, já com as forças minguando, João Romão restringiu os trabalhos mais duros e parou de caçar. Quando precisava de mel para temperar, bastava acenar para sua raposinha caçadeira.

O COLÉGIO DO SERTÃO

Ramon Adrian Salinas Franco

— Colégio, pra quê? — resmungou o Besourinho, sacudindo as antenas, como quem espanta a poeira quente da tarde.

— Ora, é uma das coisas mais bonitas que o sertão oferece — respondeu Mosca, com aquele jeito de quem já provou da novidade e sabe que vale a pena.

Besourinho bufou, firme como pedra de açude:

— Desde que nasci, faço meu próprio caminho. Não preciso de um lugar onde mandam em mim, onde o riso vira pecado e o brincar é proibido. Nem pensar, não vou!

Mosca não insistiu. Voou sozinha em direção ao colégio, mas, enquanto avançava pelo ar seco, lembrou-se de uma cena que revelava bem a cabeça dura do amigo. Um dia, Besourinho havia caído de costas e passou três dias inteiros virado, sem conseguir se levantar. Recusava a ajuda de todos os que passavam. Repetia com sua voz miúda e teimosa: *“Eu posso sozinho, não preciso de ninguém”*. Foram três dias de esforço inútil, até que um vento quente, talvez comovido pela cena, soprou forte e o virou de volta. Besourinho se levantou, sacudiu as asas e foi embora sem agradecer a ninguém, mantendo sua frieza orgulhosa. Mosca conhecia aquele jeito, e sabia que o amigo preferia sofrer a aceitar ajuda.

O pequeno Besourinho passou o dia inteiro vagando. Visitou o rio raso onde as lambaris brincavam nas sombras das pedras, empurrou folhas secas, rolou pequenas pedrinhas pelo chão rachado, descansou sob a sombra de um juazeiro que parecia encolher a cada verão. Mas, mesmo com o céu do sertão tão aberto, sentia-se preso num vazio que nenhuma sombra preenchia.

Quando o sol caiu e Mosca voltou, acompanhada de Caracol e Grilo, todos riam de histórias aprendidas no colégio. Besourinho, emburrado, fingiu não ouvir, mas, no fundo, invejava aquele brilho nos olhos deles. Tentava

disfarçar, porém, sentia a solidão crescer como a seca no fundo do peito.

Na manhã seguinte, Mosca voltou a chamá-lo:

— Vamos, Besourinho. Vem comigo!

Mas ele, teimoso, se enfiou debaixo de uma pedra quente e repetiu que não precisava. Mosca suspirou e deixou-o novamente. Enquanto se afastava, lembrou-se de outra cena de sua teimosia. Um dia, Besourinho tentou cavar sozinho um túnel na terra dura. Formiga e Grilo ofereceram ajuda, mas ele recusou, certo de que suas patas pequenas bastavam. Passou horas batendo contra o solo seco, até cair exausto. Foi então que a chuva, rara e generosa, caiu de repente e completou em minutos o que ele não conseguiu em dias. Quando todos o parabenizaram por não desistir, Besourinho apenas resmungou que já sabia o que estava fazendo. Mosca riu sozinha da lembrança e balançou a cabeça: aquele amigo era mesmo um caso perdido.

Passaram-se dias. O sertão seguia com seu calor antigo, mas dentro do Besourinho crescia uma seca mais dura: a da solidão. Ele não dizia em voz alta, mas a ausência dos amigos e das histórias que eles contavam à noite, lhe pesava.

Foi então que Dona Caracol, velha sábia de casco gasto pelo tempo, arrastou-se até ele e sussurrou:

— Às vezes, as maiores aventuras começam no lugar que parece mais chato. Mas só descobre quem dá o primeiro passo.

Besourinho ficou sem palavras. Tinha o coração pequeno, mas não de pedra. Engoliu o orgulho e, com desdém fingido, falou:

— Tá bom. Amanhã eu vou. Só porque não tenho nada melhor pra fazer.

Mosca sorriu em silêncio, como quem já esperava aquela resposta.

No amanhecer seguinte, Besourinho caminhou com os amigos até o grande colégio. Não era prédio de tijolos, nem sala de carteiras. Era um tronco de umbuzeiro oco, aberto em fendas como se o tempo tivesse esculpido uma porta. Dentro, a vida fervilhava: larvas; formigas; abelhas; cigarras; percevejos; aranhas; e até vaga-lumes. O tronco parecia pulsar como um coração.

Besourinho parou, impressionado:

— Como conseguem ficar aqui o dia todo... de vontade própria?

No começo, apenas observou desconfiado, mas logo seu instinto de conversar o levou até uma mariposa, que estudava as flores do sertão; depois, até um vaga-lume, que sabia prever chuva olhando o vento; e ainda uma aranha, que descrevia os galhos que não quebram mesmo sob um sol de rachar.

Cada palavra era uma descoberta. Cada aula, um segredo novo do sertão.

De repente, ele não era mais um intruso: era o centro das atenções. Todos queriam saber de onde vinha, o que fazia, o que pensava. Convidaram-no para as danças na areia quente; para os jogos sob a sombra rarefeita; para partilhar histórias debaixo das raízes. Besourinho se divertia tanto que esqueceu das rabugices.

Mas nem tudo no sertão é sombra fresca. Um escaravelho enorme, lento e pesado como pedra de açude, resolveu provocá-lo:

— Ei, pequenino, sai da frente! — e deu-lhe um empurrão que quase o virou de costas para o sol.

A raiva queimou mais que o chão rachado. Besourinho rugiu:

— Se é tão valente, me encontra depois da aula. Quero ver se, além de empurrar, também consegue voar!

Todos aguardaram pelo duelo. Besourinho tremia por dentro, mas não fugiu. Esperou. E o escaravelho nunca apareceu. Dizem que suas asas nunca aprenderam a vencer o peso.

No outro dia, sem rancor, Besourinho ofereceu-se para ensiná-lo a voar. E, naquele gesto, nasceram não só amizade, mas respeito.

Mosca, observando de longe, lembrou-se de mais uma cena: certa vez, Besourinho tentou atravessar sozinho uma poça de lama. Afundou, bateu asas, quase se perdeu. Os amigos insistiram em puxá-lo, mas ele recusava. Só quando uma rajada de vento empurrou uma folha grande sobre a água, ele conseguiu sair. Ainda assim, não agradeceu.

Mosca suspirou: *“até os mais teimosos podem aprender — mesmo que demore.”*

Com o tempo, Besourinho entendeu que quase perdeu uma grande aventura por causa da teimosia. Descobriu que o colégio não era prisão, mas porta aberta para horizontes maiores que o céu do sertão. Desde então, não deixou de frequentar aquele tronco-escola. Cada dia uma novidade: como a flor de mandacaru abre na noite, como a coruja enxerga o silêncio, como o rio seco guarda água escondida na raiz do umbuzeiro.

O sol do sertão continua queimando, mas agora Besourinho caminha com os amigos, sabendo que, às vezes, até as coisas mais “sem graça” podem florescer em alegria. E nunca mais perguntou:

— Colégio, pra quê?

BORIS, O CACHORRO CARAMELO

Raquelly dos Santos Lima

De depois da partida de Lili, a cachorrinha que sucumbiu à cinomose, a casa parecia silenciosa demais. Eu e minha irmã Rafa, sentíamos um vazio como se faltasse uma parte da família. Minha mãe, percebendo isso, decidiu trazer um novo companheiro.

E foi assim que chegou Boris: um cachorro caramelo, sem raça definida, mas com ares de pastor alemão — orelhas grandes e eretas, corpo forte, peludo e musculoso, olhos inteligentes e um jeito brincalhão que conquistava todos em segundos.

De cara, Boris mostrou que não seria um cão qualquer. Era esperto, mas também um grande fujão. Bastava alguém se distrair e lá estava ele, atravessando a rua como quem vai passear sozinho. Foi então que decidiram adestrá-lo. Surpreendentemente, aprendeu tudo em pouco tempo: sentar, deitar, rodar, esperar e até ousar — porque sim, Boris tinha estilo. Mas, mesmo obediente, nunca perdeu sua essência de travesso.

As maiores vítimas das travessuras de Boris eram as galinhas que meu pai criava no quintal, ao lado. Ele não queria maldade, mas sempre dava um jeito de adentrar no quintal, seja pelos buracos dos tijolos ou pelo vão do portão de ferro. Ele queria brincadeira, mas a correria terminava quase sempre em tragédia emplumada. Até o nosso querido papagaio teve um fim trágico, infelizmente. E o pior era o orgulho que ele sentia: corria depois com aquele olhar triunfante, como quem dizia: *“viu o que eu fiz? Fui rápido, né?”*

Outra mania era a de caçador. Rato que ousasse passar pelo quintal não sobrevivia. Mas o mais engraçado vinha depois: de manhã, Boris aparecia balbuciando, chamando todos para ver o presente — um rato morto — depositado no meio do quintal. Ele ficava tão animado, abanando o rabo, esperando aplausos, que ninguém tinha coragem de brigar.

Quando não estava caçando, Boris estava fuçando as plantas, como se estivesse em busca de tesouros enterrados. E, quando filhote, então, foi um verdadeiro destruidor profissional: tapetes, sapatos, chinelos... nada escapava de seus dentes. Também gostava de correr atrás dos passarinhos e gafanhotos que pousavam na grama,

Mas sua alegria era brincar. Bolas, brinquedos, o que caísse no chão virava motivo de festa. Uma das travessuras mais engraçadas foi quando a família resolveu preparar ratoeiras adesivas para pegar uns ratos que estavam no quintal. Só que, no lugar de pegar um, quem ficou grudado foi... o próprio Boris! Lá estava o gigante caramelo, desesperado, com as patas coladas no adesivo, se sacudindo como se tivesse virado uma peça de comédia. Foi preciso uma operação de resgate — e muito óleo de cozinha — para soltá-lo. A cena virou piada da família por anos.

Quando minha mãe saía para trabalhar, ele voltava correndo e pulava na cama para dormir conosco. Boris também tem seus medos. Não gosta de ficar sozinho em casa, mas o maior deles são os fogos de artifício. Assim que escutava um estrondo, sumia de vista, pulava até a janela se fosse preciso, só para fugir daquele barulho que o apavorava.

E, claro, era o nosso guardião. Sempre atento, a gente ia até a porta conversar com os amigos e esquecíamos dele dentro de casa. Boris balbuciava aos pés da minha mãe, reclamando feito gente, até ela nos chamar para levá-lo para passear. E quando o meu pai voltava de viagem, Boris fazia sua festa particular: vinha correndo, pulava para dentro do carro, uivava e rodava em círculos só para anunciar que o chefe da família tinha chegado.

Boris não é só um cachorro. É amigo, caçador, palhaço, vigilante e companheiro. Um caramelo que transformou a dor da perda em alegria, trazendo de volta as risadas que a casa tanto precisava.

Até hoje, com todas as suas travessuras, fica claro: ele não é só o xodó da família. Ele é a alma viva da nossa casa!

O ÚLTIMO JANTAR

Rayssa Camara

Os ventos fortes assopravam as nuvens, cobrindo quase todo o céu do Cerrado. O sol iluminava intensamente a terra, agravando ainda mais a seca, enquanto o tempo começava a abrir espaço para a chegada da chuva. Muitos animais tornavam-se mais noturnos, evitando assim o calor extremo. Para as antas, era só mais um dia comum no Mato Nobre. O prefeito Totó resolvia assuntos importantes, como a segurança da região, a terra onde as antas moravam. A senhora Margarida fofocava com as amigas, comentando como Dona Dora havia emagrecido muito. Realmente, era só mais um dia comum... mas não para a onça Janjira.

Janjira estava no topo do monte. Era dia de caçar, e ela não queria comer apenas uma anta por vez: ela queria devorar todas de uma só vez.

— Bando de antas tolas... acham que escapam de mim. Aproveitem o seu último jantar — murmurou a onça.

Do alto do monte, a onça observava todos no Mato Nobre. Todos alegres, vivendo suas vidas pacatas e sem graça, sem receio de nada. A onça malandra bolou um plano: ela atrairia todas as antas para a gruta, fecharia a entrada e as devoraria de uma só vez, sem piedade de nenhuma delas. Mas como convencer todas a irem até lá?

Bem... um raio caiu perto dali, seguido de um grande trovão. A onça esperta teve uma grande ideia que encerraria com a vida delas.

Janjira desceu o monte às pressas, sem ser notada. Sorrateiramente, escondeu-se numa moita e começou a escutar a conversa das antas que estavam ali, e aproximou-se das fofoqueiras:

— Eu não vou aguentar mais esse calor — exclamou uma anta. — Estou pensando em me mudar para uma região mais fresca.

— Logo agora que vai começar a chuva? Não escutou o trovão, Dona Dora?

— É claro que eu escutei, Lina. Eu não sou surda — respondeu Dona Dora.

— Fiquei sabendo que um raio destruiu o pé de buriti. Eu amava aquela árvore. Ela me dava uma ótima sombra — disse Tatá.

— Tenho certeza de que essa chuva vai destruir tudo. Esse raio não é algo normal.

Então Janjira começou a falar com voz fina. As antas fizeram silêncio para prestar atenção:

— Haverá um dilúvio hoje mesmo! A terra vai cair! Como pode um trovão desses fazer tanto barulho? Vou correr para a gruta, lá é o único lugar seguro, Dona Seriema, se a senhora me entende.

As antas se entreolharam assustadas.

— Se for mesmo acontecer um dilúvio, temos que avisar a todos do Mato Nobre para irmos à gruta!

— Eu não tenho dúvidas de que haverá um dilúvio hoje mesmo. Tudo isso é muito estranho — exclamou Dona Dora.

— O raio, o trovão... tudo isso é um sinal do fim dos tempos!

— Antes da chuva começar, temos que nos esconder na gruta e ficar lá até tudo isso acabar.

As antas entraram em desespero e começaram a espalhar o boato de que a chuva destruiria tudo, e que o trovão era o sinal do fim dos tempos, afinal, chuva não era algo comum no Cerrado, principalmente no tempo da seca.

O rumor de que um dilúvio se aproximava correu mais rápido que um raio. O trovão virou boato, o boato virou pânico, e o pânico virou armadilha. Todos no Mato Nobre ficaram assustados. O prefeito Totó tentou acalmar a população, mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Acalmem-se todos! É só chuva, não haverá dilúvio nenhum! — expressou o prefeito, irritado. — O raio e o trovão são fenômenos naturais. Estamos entrando no período das chuvas. Todo esse pavor é desnecessário!

— Terá um dilúvio sim! O trovão é o sinal! — gritou Dona Margarida.

— Estamos no tempo de chuva! O trovão é algo normal! — insistiu o prefeito. — Todos estão acostumados com a seca. A chuva, para vocês, virou um assombro. Parece que nunca viram um trovão!

Os primeiros pingos começaram a cair, e o pânico tomou conta de todos no Mato Nobre. O prefeito tentou ajudar, mas foi ignorado.

— Fugam para a gruta! Lá é o único lugar seguro! — gritou uma anta fofoqueira, com os olhos arregalados.

Todas as antas correram em desespero para dentro da gruta, tropeçando umas nas outras, com os olhos arregalados e os corações acelerados. Todas tentando se salvar! O som da chuva aumentava, e os trovões pioravam a situação. Assim que a última anta entrou, Janjira rapidamente pegou um tronco de árvore, entrou na gruta e tampou a entrada, selando o destino das criaturas.

Dentro da gruta, o silêncio se instalava aos poucos. Nenhum som era capaz de sair. O tempo passou devagar, envolto por uma escuridão densa e um silêncio eterno.

Na manhã seguinte, o céu estava limpo, e o sol iluminava todo o Cerrado. A gruta amanheceu silenciosa, envolta por uma paz densa. Janjira saiu lentamente, com o olhar tranquilo, os músculos relaxados e a barriga cheia. E o Mato Nobre, agora silencioso e vazio, jamais esqueceria aquele dia.

UMA DAS HIPÓTESES DO TERMO: “FULANO BEBE MAIS QUE UMA RAPOSA”

Roberto de Sena

Desde que sou criança, ouço aqui pelas barrancas do Rio Grande os mais antigos utilizarem a seguinte expressão para definir alguém que vive quase sempre bêbado e cheio de rimueta: *“aquele ali bebe mais do que uma raposa”*.

Quando ouvia essa frase, eu ficava a me perguntar: e rapoa bebe cachaça?

Pois não é que eu descobri que a danada da raposa bebe mais que muita gente. A bicha é doida por cachaça. Imagine só! Fiquei besta quando soube disso

E sabe como eu fiquei sabendo? Presenciei ao vivo. Era uma noite de lua lá pras bandas de uma fazenda depois de Luís Eduardo Magalhães. Estávamos conversando no quintal, próximo a um lago onde se cria peixes em cativeiro, quando alguém disse: *“vamos botar os vasilhames com a cachaça para as raposas.”*

— Como assim, cachaça para as raposas? — Perguntei.

O rapaz me respondeu:

— É. Aqui toda noite a gente bota cachaça para as raposas e elas ficam bêbadas, e não atacam o galinheiro.

— É mesmo? Mas isso não é maus tratos aos animais?

Em sua simplicidade o rapaz me respondeu:

— Que nada. Maltrato é o que elas fazem com as galinhas: pegam pelo pescoço, sacodem e devoram as coitadas. Não adianta nada o trabalho que a gente tem para cuidar. Galinha dá muito trabalho. Galinheiro que não tiver cachaça, raposa passa as coitadas, indefesas, no papo e não querem nem saber em pagar o prejuízo do dono.

E lá foram — era uns oito homens — cada qual com uma garrafa de cachaça. Botaram em cuias e distribuíram em pontos estratégicos próximos aos galinheiros.

Olhe, não deu nem meia hora, e as raposas começaram a gritar completamente bêbadas. Umas rolavam pelo chão, outras ficavam dando altas risadas parecendo gente. Algumas deitavam de papo para o ar e ficavam batendo na barriga, peidando que só um jumento. Outras pulavam igual macaco, numa confusão da peste.

Nunca na minha vida tinha visto um negócio daqueles. Fiquei espantado.

Um dos rapazes me olhou sorrindo e disse: *“agora você vai ver o melhor da festa. Bota aí um forró de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.”*

Quando começou a tocar a música, as raposas formaram pares e caíram no forró. Luiz Gonzaga nunca pensou que faria sucesso até entre raposas bêbadas.

O certo é que as raposas fizeram uma festança a noite inteira, e a todo momento os rapazes renovavam as cuias de cachaça e as danadas caíam pra dentro, não deixando nem um gole.

Completamente embriagadas, as raposas dançaram a noite toda. Pela manhã, os rapazes foram fazer a vistoria nos galinheiros, e nenhuma galinha havia sido devorada.

Quanto às raposas, estavam todas desmaiadas no chão curtindo uma ressaca braba.

— Depois que elas bebem assim, desaparecem uns quinze dias e, quando voltarem, a gente repete a estratégia e assim as galinhas ficam a salvo. Quem mandou raposa beber mais do que Joaquinção dos Umbuzeiros? É bicha que gosta de cachaça. — Disse sorrindo um dos rapazes.

Então respondi:

— Só lhe dou um conselho meu amigo: fique esperto, pois qualquer dia as raposas podem descobrir que cachaça fica mais gostosa com tira-gosto de galinha. Aliás, dizem que raposa quando toma cachaça fica valente, não tem medo de cara feia, e bota até onça pra correr.

Depois de presenciar esse fato inusitado, entendi finalmente o ditado que diz: *“fulano bebe mais que uma raposa”*.

Finalizo o conto alertando que é crime dar cachaça para os animais, mesmo que eles gostem. Não façam isso.

A JIBOIA DA VILA BRASIL

Robson Batista

Essa história que vou contar — e prometo não aumentar — é uma das mais misteriosas que vocês já ouviram.

Tudo começou de repente. Um dia, Danga avistou uma jiboia nos fundos da casa de Dona Mariana, na Rua São José, bem perto das taboas e lagoas que cercavam a Vila Brasil, lá pelas bandas do Rio Grande.

Quem cresceu ali sabe: quando a chuva caía forte, os bichos vinham nos visitar. Era sapo no quintal, caçote na sala e cobra se esgueirando pela beira das casas.

Lembro-me bem de uma dessas chuvas. O vento soprava tão forte que eu e meus irmãos nos escondemos debaixo da mesa de madeira. Depois, quando a água invadiu a casa número 52 — a nossa, última da esquina —, tivemos de subir em cima dela, esperando a enchente passar.

Danga, nosso vizinho, era mais velho e imponente: corpo forte, cavanhaque cerrado, careca reluzente. Foi ele quem espalhou a lenda. Dizia que uma jiboia imensa aparecia sempre nas cheias. Já tínhamos visto cobras de todo tipo, mas essa... essa era outra história. Falavam que ela atravessava o rio com a cabeça numa margem e o rabo quase no meio da correnteza.

A Jiboia da Vila Brasil, de fato, era uma senhora cobra: quatro metros de puro músculo, pele pintada de manchas escuras que se confundiam com o barro, o tronco e a sombra. Não tinha veneno, mas matava no aperto, no abraço sufocante. Bonita de ver, mortal de encarar.

Um fim de tarde, depois da pelada no campo do Orlando, corremos para o mergulho de sempre no rio. O sol já se despedia, quando ouvi o grito:

— Ô, Retrinca! Ô, moço! Olha a bichona! A jiboia tá no rio!

Era Anderson, filho de Nestor, marido de Donana. Corremos todos.

Ninguém teve coragem de entrar na água, mas lá estava ela, serpenteando nas águas turvas: mansa, charmosa e perigosa. Vê-la foi sentir medo e fascínio ao mesmo tempo.

Na volta, contamos ao Danga:

— Danga! Encontramos a jiboia!

Ele apenas perguntou:

— E aí, capturaram a bicha?

— Não! — respondemos, quase em coro.

Desde então, não consegui mais tirá-la da cabeça.

Certo dia, um vendaval desabou sobre a Vila Brasil: muros caíram, telhados voaram, a poeira rodava em redemoinho. E eu pensava: *“Ela vem com a chuva.”*

Sentei-me na porta da casa 52, olhando o pântano à frente. Foi quando os gritos ecoaram:

— A jiboia! A jiboia!

E lá estava Danga, nosso herói, dominando a serpente com um pau de forquilha. A cobra havia entrado no quintal de Mariana, atravessado para a casa de Nilsinho e Pretinho, atrás de galinhas. Mas, sob a firmeza de Danga, não reagiu — mansa, como quem aceitasse o destino.

A partir desse dia, o quintal de Danga virou atração. A jiboia vivia numa grande gaiola, alimentada e cuidada como um animal de estimação. Gente de toda parte vinha olhar, tirar retrato, encarar aqueles olhos negros e hipnóticos.

Eu mesmo fui. E quando ela me fitou, senti um presságio: *“um dia, essa cobra vai engolir o Danga.”*

O tempo passou. A bicha cresceu, e o próprio Danga começou a se assustar. Um rapaz das casinhas ofereceu dinheiro por ela. Talvez a cobra tivesse pressentido o risco de virar ensopado. Numa noite, simplesmente desapareceu.

Procuramos em mutirão, cada um com seu pedaço de pau, mas nada. Sumiu.

Foi então que Mãe Lucinha, sábia das lendas antigas, disse:

— Nas luas cheias, essa cobra vira mulher bonita.

E não é que começaram a jurar ter visto, depois dos bailes no Clube

Dragão Social, uma mulher misteriosa descer até o cais, mergulhar no rio e nunca mais voltar?

Até hoje, ninguém sabe o paradeiro da grande jiboia. Mas os mais velhos de Barreiras garantem que, no Carnaval, ela aparece de novo, dançando com molejo e encanto jamais vistos.

Eu, menino de outrora, ainda sinto o coração disparar ao lembrar dessas histórias. Hoje, adulto, só posso agradecer: foi esse mistério da Vila Brasil que me ensinou a sonhar — e agora me inspira a narrar mais um conto da minha terra, Barreiras, Bahia.

ENGOLIDOS PELO FOGO

Simone dos Santos Laranjeira

Era mês de setembro em Serra do Ramalho. O solo calcário da região — resultado de depósitos de animais marinhos antigos — contribuía para a formação de matas secas, com plantas como as barrigudas, que me encantavam por abrigar uma grande variedade de animais que se alimentavam do seu néctar e pólen.

Naquela manhã, o tempo estava seco, o céu de um azul intenso e o ar parado, como se segurasse a respiração.

Meu pai acordou cedo e ligou o rádio, como fazia todas as manhãs, para ouvir suas modas sertanejas.

Acordei com o canto dos pássaros e o cheiro de fumaça que exalava do fogão à lenha, já preparado para ferver a água do café.

Sem pressa, meu pai se encaminhou ao curral e tirou o leite fresquinho, para que pudéssemos fazer a primeira refeição do dia. Logo depois, desapareceu na estrada empoeirada e extensa, rumo a mais um dia de roçagem e preparação do solo, que receberia as sementes nas primeiras chuvas.

Os dias passavam lentamente naquele refúgio — nossa pequena propriedade de aproximadamente trinta hectares — onde o Cerrado ainda resistia, com suas veredas, jatobás, são-joões, canafistulas, tatus, teiús, veados, cutias e uma grande variedade de aves nativas, como o sabiá-laranjeira, o beija-flor e o João-de-Barro.

Eu e meus irmãos passávamos o dia brincando no terreiro, observando os animais que tranquilamente circulavam ao redor da casa, sem perceber a ameaça que se aproximava.

Eu, ainda de pés descalços, corria pelo quintal e contemplava as galinhas que ciscavam ao redor, sempre espertas em busca de milho. Foi nesse momento que percebi o perigo se aproximar.

O fogo começou longe, no horizonte, quase invisível, como uma linha avermelhada que caminhava entre os capinzais secos. Chamei imediatamente minha mãe para alertar o perigo. Ela não deu importância de imediato. Naquela época do ano, o cheiro de fumaça já fazia parte do ar, como se fosse mais uma estação da roça.

Mas, em poucas horas, o vento mudou de rumo e as chamas avançaram com fúria, pulando cercas e engolindo árvores centenárias.

O estalo dos troncos queimando soava à distância, misturado ao mugido desesperado do gado encurralado. Cavalos arremeteram contra as porteiras, tentando fugir da fumaça que já os cegava. Os gatos e cachorros inquietos formavam uma orquestra com uivos e miados diante do perigo iminente.

Nesse momento, o desespero estampado no rosto da minha mãe me aterrorizou. Meus irmãos gritavam apavorados e, sem saber o que fazer, minha mãe correu até a estrada, gritando desesperadamente pelo meu pai, mesmo sem esperança de ser ouvida, já que ele estava do lado oposto ao fogo, bem distante daquele cenário de horror.

Sem ter o que fazer, minha mãe decidiu buscar abrigo no sítio do meu tio, a dois quilômetros dali. Enquanto andávamos apressados, fugindo do fogo, meus olhos lacrimejavam pensando nos bichos deixados para traz. Lembrei do meu gato de pelo laranja com branco que sempre me acompanhava nas aventuras diárias, me seguindo com seus olhos esverdeados e curiosos. Ele conseguiria se salvar daquelas chamas devastadoras?

Foram momentos de angústia e terror. Caminhamos por quase meia hora até chegar na casa do meu tio, que saiu às pressas em busca do meu pai, assim que o avisamos do ocorrido.

Quando a noite caiu, voltamos para casa. O chão, antes fértil, parecia um deserto. Animais mortos, ovos queimados nos ninhos — um cenário que jamais esqueerei.

Devastado, meu pai caminhou entre os escombros, com as botas cobertas de cinzas. Cada passo era um luto: pela sombra do umbuzeiro que não mais existia; pelo cavalo que crescera junto com os filhos; pelas vacas que garantiam o leite da família. Tudo reduzido a pó em um único dia.

Ao fim da noite, restavam o cheiro de carvão e a esperança do recomeço. As cinzas, embora marcassem a dor da perda, seriam também o adubo para que a terra frutificasse outra vez. Haveria novas sementes, novos cantos de pássaros, novos bichos no terreiro.

Sosseguei com a voz serena do meu pai, que me falou baixinho ao ouvido: *“não fique triste, filha! Seu gato deve ter fugido ao ver o fogo. Gatos têm sete vidas.*

ARUAN E A ÚLTIMA PRIMAVERA

Thaiane Araújo Leite

Havia, no coração do Cerrado baiano, um campo florido que parecia ter brotado dos sonhos da terra. Entre os troncos retorcidos do pau-terra, as folhas verdes do barbatimão e os buritis que margeavam uma vereda antiga, o campo desabrochava na primavera com ipês amarelos, flores-do-cerrado, sempre-vivas e margaridinhas brancas. Ali, o vento era doce e o solo quente cheirava a vida.

Era perto da cidade de Barreiras, numa região onde o Rio Grande e o Rio de Ondas ainda corriam livres, alimentando veredas e campos abertos. E era também ali que vivia Aruan, um tatu-bola pequeno no tamanho, mas grande em espírito e coragem.

Aruan gostava de rolar entre as folhas secas, farejar raízes escondidas e cochilar ao som das cigarras. Não era raro o momento em que se enrolava como bola e saía despreocupado, mesmo quando não havia predadores a ameaçá-lo.

Mas em um dia que o sol queimava forte mesmo ao amanhecer, Aruan acordou de seu sono, ao ouvir, ainda ao longe, um som desconhecido e muito ameaçador. No começo, parecia um trovão distante, mas logo vieram os estalos, as árvores tombando, o cheiro de fumaça e óleo no ar...

Aruan ainda não sabia do que se tratava, mas teve medo, por isso decidiu observar escondido entre os cupinzeiros altos.

Viu os tratores rasgando o chão, viu as formigas em desespero com suas casas destruídas. Viu também o céu mudar de cor, tomado por fuligem. Seu peito apertou e então, pela primeira vez, pensou em fugir. Pensou em cavar um buraco bem fundo, se esconder do mundo e esquecer de vez aquele campo. *É inútil*, pensou. *Sou só um tatu*.

Mas naquele instante, o vento soprou e trouxe consigo o cheiro leve

da laranjinha do Cerrado. Como Aruan amava aquele cheiro! Aquilo o paralisou, pois lá no fundo do seu pequeno coração ele sabia que aquela poderia ser a última primavera que teria. Aruan chorou, mas depois de um tempo sentiu como se a terra falasse com ele.

Ele não podia abandonar o campo florido, não podia deixar ir embora a última primavera, afinal de contas seu nome era Aruan, que significava guerreiro.

Foi assim que sua missão começou. Durante noites seguidas, Aruan, com a ajuda de Rok, o tatu-canastra especialista em tocas, cavaram buracos profundos e silenciosos. Enterraram algumas sementes de plantas que conseguiram encontrar pelo caminho e contaram com a ajuda do vento e das abelhas amigas para espalhar o pólen das flores que eles tanto amavam.

Apesar de tanto esforço as máquinas eram grandes e rápidas e Aruan convenceu outros amigos a ajudarem, pois só assim manteriam a primavera viva.

Ará, a arara-azul de peito curioso, voava baixo e deixava cair sementes coloridas que havia coletado de galhos altos; Siri, a siriema de passos elegantes, usava o bico para cavar pequenos buracos nos quais Aruan colocava sementes; Miro, o tamanduá-mirim, carregava flores secas em seu dorso peludo e as deixava ao redor das veredas, se sentindo o mais importante dos animais.

E assim foi durante muitos dias, enquanto, vez ou outra, eles escultavam o barulho de uma árvore cair ou algum animal aparecer assustado após ter perdido seu abrigo.

Mas o campo original não resistiu. Na tentativa de abrir mais espaço na vegetação, os homens decidiram colocar fogo na mata e foi o fim. O campo florido, que tanto alegrava a vida de Aruan, se foi.

Aruan chorou. Chorou em silêncio, com o corpo quieto e o olhar fundo. Pensou de novo em desistir. Mas lembrou-se de Rok, de Ará, de Siri, de Miro... Lembrou-se das sementes enterradas e das noites gastas sem dormir. Havia mais do que um campo ali, havia o sonho e a vida de muitos.

E assim os meses passaram tristes e a chuva retornou ainda tímida. A terra cansada começou a respirar e então, numa manhã de primavera, entre a palha seca, os troncos das árvores derrubadas e os resquícios de gravetos queimados, uma flor brotou. Pequenina, amarela, como um sussurro da vida.

Logo vieram outras. Margaridinhas, sempre-vivas, flores-do-campo...

Em pouco tempo, um novo campo florido nasceu. Menor, mais escondido, mas ainda assim vivo. Cresceu silencioso, protegido pelos buritis e regado pelos rios. Cresceu com a força da própria natureza e a coragem de um tatu que ousou acreditar.

Dizem que até hoje, quem caminha com respeito pelas matas de Barreiras pode encontrar esse campo escondido, esse lugar onde a primavera não morre e que, se prestar atenção, o vento sopra um nome entre as flores:

Aruan!

O VALE ENCANTADO DOS MOCÓS

Théo Santos

Em todo Cerrado ou mesmo na Caatinga, existe um animal muito simpático. Lembra uma capivara em miniatura, mas de nome engraçado: mocó.

Reza a lenda que ele guarda seus encantos, e é por isso que, chegado o mês de setembro, vem gente de todos os cantos visitar o Parque da Lagoa Azul. Todo mundo pensa que esse tanto de gente vem atrás das belezas do lugar, mas o motivo mesmo, é a busca por dar de cara com um mocó. Os mais antigos, lá do morro dos Tapuias, juram que o bicho é encantado, capaz de realizar desejos.

Ayô, embora também Acroá, nunca ligou para essas lendas. Até o dia em que viu a sua avozinha cair doente.

Ao pé da cama, aproveitava a companhia da senhora, que mesmo dorida não deixava de lado as histórias da época de aldeia:

— Ayô, minha netinha! Ainda lembro quando dei de cara com aqueles mocós, lá no Vale Encantado — era como Dona Yabá chamava o Parque da Lagoa Azul. — Eles se enrolavam pelas pedras como se estivessem brigando. Foi quando um deles parou de frente para mim. Ele me olhou com seus olhos pretos e penetrantes. E eu tenho certeza que ele disse “*you tem só um desejo, Yabá. Escolha direitinho*”.

Ayô ouvia tudo atentamente. Ao tempo que redarguiu:

— O que você pediu vozinha?

— Ah! minha querida. Eu pedi que o vale estivesse sempre lindo e protegido da maldade do mundo. Acho que ele me atendeu.

Aquela conversa tocou profundamente Ayô. Já se passara alguns meses desde aquela história. Ela ouvira na escola que o Parque da Lagoa Azul tinha

se tornado uma grande área de proteção ambiental. *Teria sido a realização do pedido da minha avozinha ao Mocó?*, pensava a menina. Então se o animal era encantado, ela precisava encontrá-lo mais do que nunca.

A oportunidade surgiu como que pelo mesmo encanto que a imaginação de Ayô. Em sua escola, a professora anunciara que tinha uma excursão marcada no sábado, justo para o Parque. Quando soube da notícia, Ayô, quase derrubou a mesa:

— Então, nós vamos para o *Vale Encantado*?

Berrou a menina distraidamente, ao passo que a professora a corrigiu:

— Ayô! Eu disse “*Parque da Lagoa Azul*”.

Retomando a compostura, ela percebeu que tinha pensando em voz alta, como se diz quando alguém fala o que deveria estar só na cachola.

No sábado, Ayô foi a primeira a chegar na escola, a se acomodar no ônibus, e a seguir na trilha do parque, quase na frente do guia. Não dava muita trela para o que estava sendo dito, pois queria mesmo era dar de cara com o bicho encantado.

Só despertou quando a professora falou:

— Prestem atenção! Vocês vão ter que escolher uma característica do Cerrado e fazer uma redação para a próxima semana. Será a avaliação! Olhem ali entre as rochas... veem aqueles bichos bonitinhos? São os...

Ayô saltou tão extasiada que nem deixou a professora terminar a frase.

— São os mocós!

Mas o grito da menina fez foi espantar os animais. O que a deixou muito triste. Iam-se pelas frestas ressecadas das rochas os bichinhos assustados, assim como as esperanças da Ayô de ter o seu desejo atendido.

A trilha seguia sem muita novidade. Ayô parou desanimada para descansar, enquanto os seus colegas seguiam animados com as belezas do lugar. Foi quando despreziosamente ela sentiu um beliscão bem no tornozelo. Ao que ela olhou para baixo, e deu de cara com o encantado:

— Como vai a Yabá? — Surpreendeu a menina o bicho encantado — Tem tempo que ela me pediu o desejo mais satisfatório de realizar.

Ayô olhava admirada com o encanto do animal. *Como ele sabe que eu sou neta da Yabá?* pensava. Ao que o animal respondeu, sem nem ter ouvido a pergunta.

— Você é igualzinha a ela quando eu a conheci — E continuou o encantado — O que você veio pedir nem precisa falar, pois atendo de muito gosto.

Ayô despertou como se fosse de um sonho profundo. Já no ônibus, uma colega disse que ela desmaiou no meio da caminhada. Devia ter sido o calor e secura de setembro, característicos do lugar. A viagem de volta seguiu sem mais problemas, mas na mente de Ayô as ideias estavam confusas. Teria tudo sido um sonho?

No fim do dia, Ayô foi correndo para a casa de Dona Yabá. Na porteira, sua avó sorridente varria as folhas da cagaita quando viu a sua netinha.

— Que abraço gostoso, Ayô! Você nem sabe... Hoje eu sonhei com o Mocó. Ele disse que você pediu pela minha saúde e aqui estou eu, novinha em folha.

Na face da menina, só uma lágrima de felicidade... ou seria uma gota da chuva do caju?

Ambas seriam motivo de alegria naquelas bandas.

UM MICO E O CANTO DA SERIEMA

Tina Laura

No coração do Cerrado baiano, entre veredas e campos, vivia um mico, bicho de pernas longas e pelo cinzento. Os olhos pareciam o fogo do pôr-do-sol.

Mas não era um mico comum. Certo dia me deparei com ele em cima de uma árvore próxima de casa.

Quando criança eu ouvi dos mais velhos que os micos carregam uma missão sagrada: proteger o espírito do Cerrado.

Um grande admirador das aves no céu e adora apreciar os grilos à noite. Mas nos últimos anos, algo estranho começou a acontecer nas imediações do habitat. Assim como os córregos secavam, os animais sumiam, e a mata ardia em chamas que não vinham do sol, mas sim das mãos dos homens.

Então, fiquei a questionar.

— Cadê o miquinho que estava ali? Há tempos que não mais o via mastigando nada, e de olho nas panelas de casa.

Ora! Inquieto com a escassez do bioma, o Mico havia ido buscar respostas com a Seriema, a mais sábia das criaturas da região.

Ela morava num oco de buriti, e era conhecida por conversar com o vento. A seriema é uma espécie que “grita” ou canta para demarcar território — é dessa forma que fortalece laços sociais com as espécies, além de ser um aviso de alerta contra intrusos e, popularmente, como um presságio de chuva, embora sua função principal seja territorial e social. Sua vocalização é alta, estridente e pode ser comparada a risadas longas, podendo ser ouvida a mais de um quilômetro de distância.

De repente, o Mico disse à Seriema:

— Vim lhe dizer que o fogo que consome o Cerrado não é natural.

— Eu sei. Vem da ganância — disse — Você precisa encontrar o “Olho d’água”, a única fonte capaz de restaurar o equilíbrio. Estou sem forças para cantar. Estou com sede.

E assim, o Mico começou a sua jornada em busca de água para Seriema. Atravessou matas secas, buritizais silenciosos e chapadas de pedras quentes.

Enfrentou queimadas, cercas e até armadilhas deixadas por caçadores. Após dias de caminhada, chegou a um lago, que ficava abaixo de um certo monte, onde dizem que a terra sussurra seus segredos.

Lá, viu uma pequena nascente brotando de uma rocha: era o Olho d’água, uma nascente azul que brilhava mesmo à noite. A única que restava.

Ao beber da nascente, colheu em uma folha e levou-a para a Seriema. Ela quase sem vida tomou a água, e despertou seu canto novamente.

Juntos, foram para as árvores mais altas do Cerrado baiano, entre buritis, pequis e ipês. De lá, uma visão do Cerrado inteiro, desde as chapadas até os vales, vivo, pulsando — mas coberto de fumaça. Então, ouviu uma voz:

— Não basta sobreviver. É preciso proteger, despertar os humanos. O Cerrado só viverá se for respeitado.

Desde então, o mico se tornou mais do que um guardião entre a moradia humana e a floresta: virou lenda. Dizem que de dia observa toda movimentação das pessoas; em noites claras, aparece nas bordas das plantações, desconfiado de quem destrói o Cerrado. Dessa forma, pode avisar aos outros bichos tudo que acontece no cenário.

E assim, aos poucos, o Cerrado resiste, pois tem um guardião de coração ardente que jamais o abandonará: o pequeno mico.

O OLHAR DE FOGO — A JORNADA DE JUCA

Ubiracy Lima

O céu estava pintado de tons dourados quando Juca, dezessete anos, decidiu caminhar até a cerca que delimitava a chácara da vó Nair. O ar fresco da tarde misturava o cheiro de capim cortado e terra úmida, e o silêncio só era quebrado pelo coaxar distante dos sapos.

Ele gostava daquele momento — um refúgio do barulho da cidade, onde podia apenas contemplar o horizonte. Mas, naquele dia, algo quebrou a rotina.

Entre as árvores, um movimento sutil chamou sua atenção. Um animal, baixo e ágil, avançava lentamente. Seus pelos tinham um tom alaranjado que refletia a luz do entardecer como se fosse brasa viva. Juca nunca tinha visto nada parecido: não era um cachorro, nem uma raposa... e, mesmo sem saber o que via, seu instinto falava que aquele ser era incomum.

O animal parou a poucos metros dele. Os dois ficaram imóveis, ligados por um olhar fixo e profundo. Juca sentiu o peito apertar, como se aquele par de olhos queimasse segredos dentro dele. Não conseguia desviar o olhar.

Havia medo? Não. Havia algo mais — um peso antigo, um reconhecimento que ele não sabia explicar.

Movido por um impulso, deu um passo à frente e estendeu a mão, querendo tocar o estranho visitante. Mas, no mesmo instante, o animal girou o corpo e disparou em direção ao mato. Antes de sumir entre as sombras, parou, olhou por cima do ombro e, por um breve segundo, Juca viu um olhar carregado de tristeza... quase humano.

O coração batia rápido'. Algo dentro dele sabia que aquele encontro não tinha sido por acaso. E, ao longe, já quase invisível, um uivo baixo e arrastado ecoou na mata — e fez o sangue de Juca gelar. A imagem daquele

animal alaranjado lembrava-o do olhar fixo e profundo do lobo-guará. Ele não conseguia entender aquela sensação, aquele mistério que o acompanhava mesmo depois do fim de semana na chácara da avó.

O retorno à rotina em Barreiras parecia normal, mas meses se passaram e Juca completou dezoito anos com uma felicidade especial: havia conquistado uma vaga no curso de Agronomia na UNEB. Ansioso, começou a pesquisar sobre o Cerrado, as paisagens, e a fauna, para se preparar para o início das aulas.

Foi durante essa pesquisa que, de repente, a tela do computador mostrou a imagem do lobo-guará — o mesmo animal alaranjado do sítio da avó. Juca pulou da cadeira assustado. Aquele olhar, novamente, invadiu seus pensamentos, mas agora a sensação era diferente: não mais medo, e sim admiração e curiosidade.

Ele foi até o espelho e olhou fixamente para si mesmo. Sentiu, pela primeira vez, que seu olhar se assemelhava ao daquele lobo misterioso.

A noite caiu, e a lua começou a despontar pela janela — meio esbranquiçada, tímida. Juca ficou ali, contemplando. Aos poucos, a lua foi ficando mais arredondada, mais amarelada. Era lua cheia.

No silêncio da noite, ele percebeu um chamado da natureza dentro de si, um impulso impossível de ignorar. Como hipnotizado, saiu para a rua, seguindo a luz dourada da lua, até desaparecer no final da rua, na escuridão do Cerrado.

Na manhã seguinte, acordou exausto, sujo e com um cheiro estranho que não reconhecia. Sua mãe, preocupada, perguntou o que havia acontecido. Juca apenas balançou a cabeça, dizendo que talvez tivesse esquecido de se lavar antes de dormir.

Os dias transcorreram aparentemente normais, até que a próxima lua cheia chegou, e tudo se repetiu — o cansaço, o cheiro, a inquietação.

Os vizinhos começaram a comentar sobre uivos misteriosos nos arredores, e o senhor Lau, morador próximo, jurava ter visto um bicho estranho atacando os cachorros — grande, peludo e desengonçado, diferente de tudo o que já tinham visto.

Juca continuava sua vida feliz com o curso, mas notava mudanças em seu corpo: os braços estavam mais peludos, os pelos mais grossos e crespos, e a barba crescia rápido, quase fechando o rosto. Surpreso, questionou a mãe, que respondeu calmamente:

— É porque você está virando homem, meu filho.

Mas a transformação era mais profunda do que ele imaginava.

No dia da lua cheia, Juca fechou a janela e se escondeu debaixo das cobertas, tentando resistir ao chamado da lua. Porém, a inquietação foi mais forte — ele soltou um uivo e correu para admirar sua amada lua alaranjada.

Sua mãe demorou a dormir naquela noite, inquieta, com um pressentimento ruim. Teve pesadelos e acordou assustada, encontrando Juca na rede, sujo, com roupas rasgadas e vestígios de sangue. Ordenou que ele fosse se lavar.

Durante o banho, Juca percebeu pelos no chão do banheiro, a evidência silenciosa das transformações que o acometiam.

Após o café, ele perguntou à mãe o que estava acontecendo. Ela respondeu com serenidade:

— Nada, só que você está virando lobisomem na lua cheia.

Nesse momento, o olhar do lobo-guará invadiu sua mente. Juca levantou-se calado, e foi para o quarto estudar.

Os dias passaram e, numa tarde quente na chácara da avó, Juca notou um foco de incêndio na fazenda vizinha. Preocupado, chamou a avó, que o acalmou:

— É o vizinho fazendo coivaras. Ele sabe cuidar dos aceiros para não deixar o fogo se espalhar.

Terminada a queimada, Juca ficou em vigília, temendo que o fogo voltasse. Foi quando, de repente, um animal cambaleante apareceu à sua frente — era o lobo-guará, com os pelos chamuscados e sinais claros do incêndio.

Sem hesitar, Juca correu, pegou o lobo no colo e levou para dentro de casa, dizendo à avó que cuidaria do bichinho. Ao examinar o animal, notou as pontas das orelhas queimadas e as patas machucadas.

Com remédios naturais que a avó guardava, ele cuidou do lobo-guará com dedicação, esquecendo até das aulas na faculdade.

Uma semana depois, o animal já estava saudável. Chegara a hora de devolvê-lo ao seu habitat. Numa manhã antes do sol nascer, Juca levou o lobo até as margens do Cerrado e o colocou no chão. O sol nascente refletia nos pelos dourados do lobo, que deu uma última olhada para trás antes de seguir seu caminho lentamente.

Juca contemplava o espetáculo, sentindo a magia da natureza pulsar

em seu peito. Sabia que cumprira sua missão, e que a vida seguiria firme. Passou o dia feliz, ouvindo as histórias da avó, que também sorria satisfeita.

Quando a noite chegou, era lua cheia outra vez. Juca a observou, e ela parecia mais bela do que nunca. Sentiu paz — não havia mais a atração irresistível, nem uivos na escuridão

Ele dormiu tranquilo na varanda da avó.

A maldição estava quebrada.

A natureza do Cerrado sorria.

E a lua, guardiã celeste, contemplava aquele pedaço do mundo, certa de que a luta contra a ambição humana não estava perdida.

A vida no Cerrado continuava.

ESPELHO

V.S. Passos

Diziam os mais velhos do povoado de Pedra Clara que, nas noites em que a lua era cheia e o céu não respirava vento, um lobo-guará solitário surgia na borda da mata, caminhando em silêncio, como quem não pisa na terra, mas a escuta.

Seus passos eram lentos, quase meditativos, e os olhos atentos buscavam nas poças d'água não o mundo, mas a si. O animal observava o próprio reflexo com uma insistência que assustava até os mais antigos, como se buscasse, ali, uma resposta que nem o tempo soube dar.

Naquele Cerrado, os bichos sabiam o que era viver. Comiam o que a terra dava, caçavam com a paciência herdada dos ciclos, procriavam quando o cheiro da estação mudava e pereciam no tempo certo, no compasso da terra. Mas aquele lobo não. Aquele era diferente. Chamava-se Kaapor, nome que em uma língua esquecida significava “o que pensa demais”. E pensar demais, naquela paisagem antiga e sábia, era um fardo raro.

Kaapor nasceu em silêncio. Seus irmãos disputavam o leite da mãe com ganidos e mordidas, brincavam de caçador entre moitas de capim dourado. Ele, ao contrário, ficava parado, atento aos insetos que arrastavam folhas maiores que seus corpos, ao vento que passava e depois voltava, à luz do sol filtrada entre os galhos finos do ipê-amarelo. Desde pequeno, parecia ouvir o que o mundo não dizia em voz alta.

Foi um velho tatu-canastra que lhe contou, numa tarde de calor espesso, que o mundo existia em camadas. Havia a terra visível, feita de trilhas e raízes, e a terra que respirava por baixo, onde tudo um dia voltava. Havia o tempo dos homens, apressado, faminto, e o tempo dos bichos, feito de espera e aceitação. Havia o agora e o que jamais retorna.

Kaapor ouvia com atenção, mas não bastava. Seus olhos perguntavam mais do que seus lábios sabiam formular.

— Por que a folha cai? — perguntou um dia.

— Porque pesa — respondeu o tatu, sem virar o focinho.

— E por que ela pesa?

— Porque viveu.

E voltou a cavar a terra, como se a sabedoria estivesse escondida no subsolo.

Mas Kaapor era inquieto. Não bastava existir; ele queria compreender. A vida lhe parecia breve demais para ser só vivida. Partiu, então, em busca de sentido. Durante anos, cruzou campos secos, dormiu sob árvores tortas, bebeu de nascentes escondidas. Conversou com a sucuri do rio, que lhe sussurrou que tudo o que entra na água muda. Escutou o urutau, cuja tristeza cantada lhe disse que a dor era irmã da beleza. Mas nenhuma resposta preenchia o vazio que lhe ardia por dentro.

Até que, certo dia, encontrou uma onça cega, antiga como a terra, morando entre os escombros de uma mata queimada. Ela não caçava mais, somente meditava.

— Você ainda busca por quê? — perguntou ela.

— Busco — respondeu o lobo.

— Então olhe para o seu reflexo. Lá está o que te falta.

Naquela noite, Kaapor começou a se mirar nas poças d'água. Pela primeira vez, se viu. Viu as patas longas, o pelo avermelhado queimado de sol, os olhos fundos e cheios de tempo. E, ao se ver, sentiu medo. Porque compreendeu, enfim, que um dia não se veria mais.

Foi nesse tempo que os homens chegaram. Vieram montados em máquinas e promessas. Usavam capacetes, botas e discursos polidos. Diziam vir para desenvolver, alimentar, enriquecer. E onde havia vereda, plantaram soja. Onde havia árvore, colocaram pasto. Onde havia ninho, estenderam arame. O barulho das motosserras calava os cantos das aves. O chão deixava de respirar.

Kaapor observava à distância. Não rosnava. Não corria. Apenas pensava. Os outros animais o alertaram:

— Eles matam. Eles queimam. Eles não ouvem.

Mas o lobo, com aquela coragem triste dos que sonham, respondeu:

— Talvez, se eu me mostrar, eles vejam em mim algo que ainda reconhecem.

Na manhã de um domingo, quando o céu era vidro e os tratores ainda dormiam, Kaapor saiu do mato e caminhou pela estrada de terra batida, na direção do vilarejo. Não demonstrava ameaça, nem medo. Apenas olhou. Foi avistado por um garoto, que gritou:

— Um lobo! Um lobo!

Homens vieram. Armados, apressados, olhos arregalados. Kaapor parou. Ergueu a cabeça. E, por um instante raro, o olhar do lobo encontrou o do homem. Foi quando o disparo rompeu o silêncio.

O corpo de Kaapor tombou devagar, como folha velha que cumpre o destino. Caiu ao lado de uma poça rasa. Seu sangue misturou-se à água. Seu reflexo escureceu. O homem que atirou ficou parado. Algo em seus dedos tremia, não de medo, pois o lobo não atacava, mas pelo que vira em seus olhos. Não era o olhar de uma fera. Era um espelho.

Dias depois, uma criança do vilarejo encontrou a carcaça. Enterrou-a ali mesmo, com cuidado. Sobre a cova, colocou uma pedra e nela rabiscou uma palavra que ouvira em casa, sem nunca entender direito: *“Pensamento”*.

Com o tempo, a vegetação cresceu ao redor. Um dia, brotou uma flor vermelha, intensa, jamais vista antes. Chamaram-na de “Flor do Lobo”.

E até hoje, contam por ali que, se alguém se aproximar daquela pedra e olhar com atenção as poças formadas pela chuva, não verá um animal. Verá a si mesmo. Com seus medos, dúvidas e contradições.

E, talvez tarde demais, entenderá que a natureza não é cenário, nem recurso, nem obstáculo. É espelho

A PIABA-TOBI DO RIO PRETO

Valdélia Bomfim Ramaccotte

Na manhã de domingo ensolarada às margens do Rio Preto, debaixo das canjaranas floridas, na companhia de pessoas queridas, familiares e amigos, iniciava-se a tão sonhada pescaria. Era a oportunidade de descontrair, sair da rotina, aproveitar o tempo livre, respirar ar puro e contemplar as águas correntes e cristalinas do Rio Preto, sentir o aroma das flores e a beleza do lugar.

A pesca está intimamente ligada à cultura de muitas comunidades, especialmente aquelas que vivem próximas aos rios, lagos e ao mar. As histórias de pescadores, os causos e as lendas sobre pescarias, ensinam valores como: paciência, concentração, trabalho em equipe e respeito à natureza, vai além de atividade de subsistência ou de lazer. É uma prática que envolve história, cultura, tradição, que impulsiona a vida na comunidade e continua a desempenhar um papel importante na sociedade.

Após a piracema este é o momento certo para a pescaria. Quando dizem: “*A maré está para peixe*”, são peixes de vários tons, formas, tamanhos e espécies, como: pacu, cacharréu, pirarucu, piaba, piranha, piaba-tobi, tambaqui, piau-cachorro, piau-preto, traíra, tilápia, munçum, bozeiro, surubim... peixes nativos da região, que formam lindos cardumes e nadam livremente. Época aguardada pelo pescador.

O pai de Tiago, que gosta de pescar, aproveita o momento da florada dos ipês: roxo e amarelo para pescar. As flores caem e descem nas águas do Rio Preto, oportunidade que os peixes: dourado e pacu aparecem e aproveitam para comerem as flores e também, a chance de realizar-se uma boa pescaria.

Tiago, o filho caçula da família, sempre gostou de peixes, dentro ou fora da barriga. A pescaria é uma atividade praticada em família, embora, ele não domina, mas, tem o desejo de aprender.

Saindo de casa com os preparativos para a pescaria artesanal, com a vara e iscas, na mão, imaginou uma pescaria tranquila e produtiva. Foi ao encontro do primo Matheus, menino mais velho e experiente no ramo da pescaria. Matheus e sua família moram no sítio próximo ao rio. Acostumado a passar horas e horas com a linha e o anzol dentro d'água e pegar grandes peixes.

Tiago, amador na pescaria, jogava a vara e isca no anzol, aguardava o peixe fisgar o anzol, uma vez ou outra o peixe beliscava, comia a isca e nada de fisgar o anzol, a linha enrolava e ficava presa nos galhos caídos dentro do rio. Mas, a empolgação aumentava com as dificuldades enfrentadas, pois, a vida para ele nunca foi fácil, aprendeu a enfrentar e superar as dificuldades.

Entre lançar a linha e esperar o peixe comer a isca, Tiago aguardava e sonhava com o momento exato de fisgar o grande peixe, ficava ali horas e horas à espera do momento certo para pegá-lo. Logo pensou:

— Hoje é meu dia de sorte. Vou pescar um peixe bem grande!

Para sua surpresa, depois de muito esperar, veio presa no anzol uma piaba- tobi, um pequeno peixe.

Ele saiu às pressas, com a vara na mão e o peixinho preso ao anzol, ao encontro do primo Matheus para contar e mostrar o que havia pescado.

Para tristeza de Tiago, Matheus foi logo dizendo:

— Você pescou a piaba-tobi, essa que ninguém come! Tiago, essa piaba-tobi, é gulosa, come tudo que aparece, vive beliscando as iscas, e muitos pescadores não gostam dela, dizem inclusive, que ela tem na sua cabeça um verme. Será história de pescador?

Para a tristeza e frustração de Tiago a “pescaria foi por água abaixo”.

Chegando em casa, Tiago contou o que havia acontecido para seu pai. E as lágrimas rolaram no seu rosto. Tamanha foi sua frustração. O pai de Tiago, depois de ouvir aquela conversa ficou triste, desapontado. E acrescentou:

— O mais triste é saber que antes era fácil pegar peixes no Rio Preto, a pescaria era boa e farta e hoje, os cardumes estão desaparecendo, os peixes nativos estão sumindo, o rio está ficando solitário, despovoado de peixes.

Um agravante, é a pescaria predatória com redes, arpões e armadilhas para a produção da pesca. Outra ameaça, foi a chegada do peixe tucunaré, que invadiu o Rio Preto, um predador dos peixes nativos, diminuindo os peixes e aumentando a dificuldade da pescaria para os amadores e a pesca artesanal.

Será que vamos continuar cantando?

*“Como pode o peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como pode o peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como poderei viver
Como poderei viver
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia?
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia?”*

SALVE O CERRADO!

Valdiva Antunes

Há algum tempo, sabemos que o Cerrado, embora já devastado pelas grandes culturas agrícolas, deixa as terras desérticas, sem aquela vegetação típica. Suas árvores, embora retorcidas, junto ao mato rasteiro e as serras, escondem grandes riquezas, como a abundância em águas, na formação de nascentes, que se transformam em rios, cachoeiras e abrigam várias espécies de peixes, como também outros elementos da nossa rica fauna, que reúne um extenso habitat, cujos animais ali sobrevivem.

Não só a devastação pelo homem do campo, nas grandes culturas do agro, mas também as grandes queimadas causam inúmeros prejuízos à fauna dos cerrados. É triste pensar como os bichos sofrem, correndo do fogo que alastra pela vegetação, deixando tudo destruído.

Em consequência, onde viviam inúmeros animais, fica o solo cheio de cinzas. Muitos se extinguem, vindo a perecer. Quantas espécies de animais o Cerrado contém! É bela e extensa a fauna, quando se junta à vegetação, principalmente em tempos de chuva! Os pássaros voam alegres e orquestram com suas vozes num canto belo de se ouvir!

Lembro-me de algo que nos surpreendeu por tão magnífica e bela visão: já à noite, quando pegamos uma estrada de chão, cheia de pedregulhos ou mesmo com “costelas de vaca” (hoje uma BR), eu, meu esposo e as crianças, seguindo viagem, num Jeep da SUC (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública), no tempo em que meu esposo era um dos agentes no combate às endemias, e de repente vimos, saindo do mato, à margem direita, um animal de grande porte, que sem pestanejar, começou a atravessar a estrada um tanto larga, bem à nossa frente, sem se incomodar com o barulho do motor e com os faróis do carro.

Naquele momento, ao avistarmos o belo cenário à nossa frente, foi diminuída a velocidade do carro para que pudéssemos observar aquele bicho tão faceiro a andar vagarosamente, balançando suas grandes patas: era uma onça-parda, grande! Embora já à noite, escura, sob a luz dos faróis do carro, podíamos ver a tonalidade de seu pelo. Ela ainda pousou em meio à travessia, como que querendo ver o obstáculo que vinha. Seus olhos brilharam como tochas de fogo à frente dos faróis, enquanto o carro ficou parado e pudemos observar melhor e ver, com limpidez, a figura de um bicho do mato

Ela passou tranquilamente para o outro lado da estrada, mato adentro. Pena que nesta época não havia meios de registrar tão bonito espetáculo que encheu nossos olhos! As crianças ficaram felizes ao verem, ao vivo e de tão perto, um animal selvagem, que não fosse em um zoológico.

A ONÇA E O CABURÉ

Vivaldo Motta

Um famoso contador de causos, conhecido como Coipo, contava uma história que foi recontada muitas vezes por Zé de Hermes — um famoso carnavalesco barreirense, figura carismática, ou sem era nem beira, como diziam seus amigos mais próximos.

A história virou uma espécie de lenda regional, e se tornou folclore na cidade de Barreiras na década de oitenta. Conta-se que numa determinada região dos nossos Gerais (Cerrado) tinha uma onça-parda fazendo um verdadeiro terror aos criadores de animais.

A princípio, imaginava-se que seria uma raposa, pois ela começou a atacar galinhas nos terreiros das comunidades ribeirinhas. Porém, avisado por seu amigo Juraci (Jura), também morador da cidade, Coipo foi alertado que poderia ser uma onça-parda jovem, pois os ovos das galinhas dos terreiros continuavam intactos, e é sabido que a maioria das raposas saboreiam os ovos como iguaria predileta.

Jura, por ser um caçador experiente, se prontificou a caçar a onça, mas para fazer isso tinha que ter a autorização dos moradores da localidade. Como todos na região sabem, para caçar uma onça é necessário fazer uma “espera”, ou seja, ficar de tocaia e preparar um esconderijo onde o caçador fica de butuca, à espera do bicho. Geralmente, uma espera é bem demorada porque o próprio animal desconfia e o caçador tem que usar toda a sua experiência, começando por seguir os rastros da onça. Além disso, na localidade onde ela costuma aparecer, é necessário o envolvimento dos moradores na empreitada; uma bruaca contendo mantimentos: farofa, carne seca e uma boa cachaça para enfrentar as noites frias; uma rede para descanso nas horinhas menos apreensivas; e cartuchos para utilizar na velha espingarda.

O exímio caçador Jura demorou apenas quinze dias para armar toda a

sua logística, e concluir que realmente a comunidade está ameaçada por uma onça-parda muito perigosa, responsável por aterrorizar crianças, velhos e mulheres. Conta-se inclusive que Santinha, muito conhecida por todos numa das localidades onde Jura ficou de tocaia, teve cara a cara com a bicha enquanto tomava banho no riacho de Buriti Seco.

Jura, então, passou as informações ao amigo Coipo, que tomou coragem e se dispôs a caçar a onça, que a esta altura era o assunto do momento em Barreiras e em toda região.

Era uma manhã de quarta-feira quando Coipo abriu seu engenho de caldo de cana, que ficava nas imediações de onde hoje está localizada a sede da TV Oeste. Para sua surpresa, aparece seu cliente mais especial, Zé de Hermes. Os dois bateram muito papo, riam e contavam causos de gente viva e morta, pois não dispensavam ninguém, e no meio das prosas, eis que Coipo declama seu velho poema:

“O ovo tem duas claras,
uma é branca e a outra é amarela.
A galinha bota ovo,
e não tem duas moelas”

Terminando o feito em exaltação a si mesmo: “*Esta é minha poesia, eitha Coipo veio...*”

Coipo informa ao amigo Zé que vai fechar o seu comércio por um tempo, para dar cabo numa situação familiar: caçar a onça-parda que assustou sua sobrinha Santinha. O fato lhe foi contado em detalhes pelo amigo Jura. Diante da situação, Zé de Hermes, como era a “presepada” em pessoa, incentiva o amigo a demonstrar sua coragem e macheza.

Coipo chega em casa, avisa à mulher, Ormesina, que vai passar uma temporada fora na caçada de uma onça. A mulher, devota do Senhor dos Aflitos, corre para o altar improvisado no quarto do casal, e começa a rezar um terço.

Sabendo da “coragem” do marido, estava certa de que ele não voltaria sem uma solução, mas sua preocupação estava mais no sustento do lar que na caçada do bicho.

Enquanto isso, Coipo gritava:

— Eu volto, nem que seja com as orelhas da onça!

Chamou a mulher, e pediu para ela pegar a Lazarina — espingarda velha que só ele sabia usar. Partiu na madrugada do dia seguinte rumo ao último local onde a onça havia aparecido, conforme informações de Jura.

Coipo passou um dia inteiro seguindo o rastro da onça. Ao anoitecer, armou uma rede e ficou de tocaia. Lá pelas tantas, viu um clarão assustador: dois pares de olhos vermelhos, que pareciam faróis de FÊ NÊ MÊ (caminhão velho antigo). Pegou a Lazarina, apontou para cima de uma cerca de pedras, e deu um tiro certo. Foi aí que a onça deu um pio e se calou, e o caçador, receoso, permaneceu escondido até amanhecer o dia. De volta à Barreiras, Coipo abriu seu caldo de cana e os primeiros clientes foram chegando. Entre eles, os amigos Jura e Zé de Hermes.

Por insistência dos dois, Coipo conta a aventura: — Apontei a Lazarina pra riba da pilambeira de pedras. Os olhos da bicha brilharam e eu dei um tiro certo, e só ouvi o peneiro voar. Acertei a onça em cheio! Quando o dia raiou, fui pegar a caça e vi que era, na verdade, um enorme caburé.

Bastou isso — a verdade nua e crua — para Coipo ganhar a fama de melhor caçador de caburé em Barreiras e região, caso não contado por ele, mas por amigos como Jura e Zé de Hermes.

O SEGREDO DO LOBO-GUARÁ SOB O ENCANTO DE OXUM E A PROTEÇÃO DE OXÓSSI

Yasmin Correia Machado

No silêncio dourado do Cerrado, onde o sol queimava a terra vermelha e as árvores se curvavam sob o vento seco, residia um lobo-guará chamado Iroko. Entre os bichos, era conhecido como o guardião da natureza — entrelaçado entre raízes e estrelas, um fio invisível em dança, unindo o sagrado ao terreno.

Desde pequeno, Iroko sentia uma ligação forte com o natural — mas também com o invisível, com o que não se pode ver, e sim sentir: no vento, na fauna, no murmúrio das águas.

Sua pelagem refletia o dourado do iluminar do dia; pelas veredas, transmitia vida, força — uma bênção dos orixás.

Num entardecer quente, o coração incandescente do céu despedia-se em brasa, tingindo o mundo de silêncio e ouro. Nesse instante, Iroko sentiu uma presença acolhedora, leve e luminosa, que fez o Cerrado cintilar como o clarão do poente.

Ali, entre a vegetação, diante dele, apareceu Oxum — iabá das águas doces, do amor e da fertilidade. Ao seu lado, surgia Oxóssi — caçador sagrado, senhor das matas e dos mistérios.

Oxóssi falou com voz suave e poderosa:

— Iroko, filho do Cerrado, teu chamado é mais que um uivo. És um elo entre o mundo dos bichos e dos humanos. Carrega em ti a missão de proteger esta terra e seus segredos.

O lobo-guará ouviu, emocionado. Oxum prosseguiu:

— Filho, eu venho para te lembrar da força que corre nos corações do Cerrado.

E disseram, em uníssono, Oxum e Oxóssi:

— O Cerrado precisa da tua coragem e do teu encanto. Através do respeito, da sabedoria e da união, ensina os humanos a ouvir o silêncio da fauna e da flora, a respeitar cada vida. Mostra que tudo está conectado — O vento, as águas, a terra e o espírito. A vida sempre renasce, meu filho. Nasce da paciência, do cuidado, da doçura que carrega no peito. Por isso, és o mensageiro do amor que protege e sustenta o Cerrado.

Naquele dia, Iroko não descansou. Com o peito cheio de força, decidiu que levaria aquela mensagem para além da mata, para os humanos que viviam perto dali.

No dia seguinte, quando o sol começava a aquecer a terra, Iroko aproximou-se da vila próxima ao Cerrado. Ali, entre as casas de barro e as pessoas que a cultivavam, ele viu crianças brincando e mulheres cantando, enquanto os mais velhos contavam histórias.

Ele escutou os relatos sobre a seca, o desmatamento e a distância que muitos sentiam da natureza. Sentiu o medo e a angústia daquelas pessoas, mas também a esperança que brotava em seus olhos.

Iroko seguiu seu propósito: seria o guardião dessa esperança.

Nas semanas que se seguiram, o lobo-guará atravessou terreiros, rezas e rodas de conversa. As histórias de Iroko e de Oxóssi se entrelaçavam, mostrando que espiritualidade e natureza caminham juntas.

O lobo-guará tornou-se símbolo da proteção do Cerrado — uma ponte entre o mundo visível e o invisível — junto às rezas das mães de santo da Umbanda, que invocavam Oxum para abençoar as águas e proteger a vida.

Suas histórias começaram a se espalhar: a mensagem da importância da água, do cuidado e do respeito ao Cerrado. Iroko se tornou símbolo de resistência, união e amor — uma ponte entre o mundo dos bichos, dos humanos e da espiritualidade que protege aquele lugar sagrado.

Com o tempo, as águas voltaram a correr, as plantas floresceram e os bichos retornaram aos seus cantos. O Cerrado respirava protegido — não apenas pelo barulho dos pés na terra, mas pela força das preces, dos cantos e da memória viva que une o sagrado ao natural em um só abraço.

Naquele sopro de eternidade, ecoavam a força de Iroko, a proteção de Oxóssi e o encanto de Oxum, em plena harmonia.

Era o anúncio de que o Cerrado ainda pulsa, ainda vive, e ainda encanta.

AUTORES

Adilma Vilela

Alagoana, professora concursada da rede pública municipal de Barreiras – Bahia, mestranda do PPGE/UFOB. Tem graduação em Pedagogia - (UNEB-1992), Pós Graduação em Supervisão Educacional e psicologia Educacional, além de graduação em Direito (UNIDOM2016). Tem ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão de Unidades Escolares e Coordenação Pedagógica. É escritora, membro da Academia Barreirense de Letras, onde ocupa a cadeiras de nº 6. Publicou o livro “*Crônicas de Mima*”(Mondrongo, 2021) e *Novas Crônicas de Mima*, no prelo, além da participação em outras obras literárias, a convite dos autores locais e regionais.

Alberto Mariani

Alberto Silveira Passos Wanderley Mariani, natural de Cotegipe-BA (1951), é bacharel em Direito pela FASB – Faculdade São Francisco de Barreiras. Filho de Amphrísio Mariani Passos e Aydil Wanderley Silveira Mariani, cresceu ouvindo histórias familiares que despertaram sua vocação literária. Membro da Academia Barreirense de Letras, cadeira 26, é escritor, romancista, cordelista, cronista e sonetista. Possui diversos livros publicados, entre eles *A Cicatriz do Silêncio*, *O Tesouro de Lençóis* e *O Corrupto Confesso*, este último lançado na FLIB 2024. Tem romances inéditos aguardando publicação, como

Gramiá, *A Estrela Perdida* e *A Rosa da Roça*, além de livros de sonetos e obras em cordel e crônicas.

Aline Araújo

Aline Araújo é escritora e cristã, natural da Bahia. Dedicase à produção de reflexões e contos que abordam temas como fé, família e identidade, com o propósito de inspirar pessoas a florescerem em Deus por meio da palavra. Esposa e mãe, é autora do livro *Uma Questão de Tempo*.

Ana Cinthia Passos Bastos

Ana Cinthia Passos Bastos é mestre em Educação, graduada em Biologia e Pedagogia, com especializações em Gestão de Pessoas, Coordenação Pedagógica, Atendimento Educacional Especializado (AEE), ABA, TDAH, Psicopedagogia Clínica e Institucional, além de Psicologia Infantil e do Adulto.

Concursada pela Prefeitura Municipal de Barreiras-BA, atua também na Clínica CASM, realizando atendimentos psicopedagógicos voltados ao desenvolvimento cognitivo, emocional e educacional de crianças, adolescentes e adultos. Mãe de Ana Luísa, filha de Terezinha Odali e José Accioly, defende uma educação transformadora, inclusiva e fundamentada na ciência, sempre com um olhar sensível, humano e ético.

Ana Luíza Ferreira

Ana Luíza Ferreira, natural de Ibititá, região de Irecê, na Bahia, nasceu em 13 de agosto de 2009. Escritora em formação escolar, é autora de *O Melhor Amigo do Noivo* (ficção cristã), *Decifra-me* (poemas) e *A Tartaruga que se Chama Verdade* (literatura infantil). Estudante do Ensino Médio e de língua inglesa, atua como auxiliar pedagógica em uma ONG e participa de projetos voltados à educação e ao incentivo à leitura. Apaixonada por literatura e cultura pop, inspira-se em livros, animes e experiências do cotidiano, refletindo em seus textos imaginação e sensibilidade.

Ananda Lima

Professora e coordenadora pedagógica da Educação Básica em Barreiras e Riachão das Neves - BA. Atualmente cursa o mestrando em Ensino pela UFOB, graduada em Pedagogia pela UNEB. Membro da Academia Barreirense de Letras - ABL, desde 2016. Tem dois livros de literatura infantil publicados: *"Fred, uma aventura na floresta"* e *"Julia e Letícia, vivendo com as diferenças"*. É autora do livro de mensagens *'Bálsamos para a existência'* e do livro de memórias, *'Partindo para alto mar: um câncer e uma pandemia na rota'*. Foi uma das organizadoras de duas obras coletivas: *"Fraternidade em Movimento - 365 dias"* e *"Contos dos Cerrados"*.

Anne Sophia

Baiana, natural de Barreiras, nasceu em 14 de agosto de 2009. Gosta de ler e escrever contos e poemas, e atualmente está desenvolvendo um livro

de fantasia ainda não lançado. Cursa o 2º ano do Ensino Médio no Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa, onde conquistou a graduação de Aluna CPM Primeiro-Tenente — título que simboliza mérito e tenacidade nos estudos.

Antonia Prado

Licenciada em Letras Vernáculas com Literatura e Especialista em Técnicas de Leitura e Produção textual, pela Universidade do Estado da Bahia, Campus IX – Barreiras – Bahia. Professora emérita da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Participou de coletâneas *"Parem as Máquinas, Um Ecoar de Almas"*, *"Bardos Baianos, 50 Tons de Rosa"*; autora do livro *"A Tona: Páginas de Areia"*. Participa de projetos escolares, com poesias, faz revisão de artigos científicos e de livros de um modo geral. Confreira da Academia Barreirense Letras e representante da cadeira de Literatura no Conselho da Cultura e Turismo de Barreiras, Bahia.

Ariadne Godinho

Médica Pediatra, Hematologista pediátrica. Natural de Goiânia Goiás, Tocantinense de formação e Barreirense de coração. Docente no curso de medicina na UNINASSAU em Barreiras-BA. Coordenadora médica do Programa de Doença Falciforme- BA. Mãe interessada na saúde e na educação de crianças por isso autora de livros infantis, como *O Bloco de Notas* que Virou livro, *O Cebolôquio* e *O Caracol Colorido*.

Beatriz Peres

Beatriz Lima Peres é pedagoga formada pela UNEB – Campus IX, com ênfase em Coordenação e Elaboração de Projetos Pedagógicos. Pós-graduada em Gestão Escolar e em Ensino Superior, já atuou na rede pública municipal como professora, coordenadora, vice-diretora e diretora em diferentes modalidades: creche, pré-escola e fundamental. Ministrou a disciplina de Metodologia do Ensino na Faculdade Unhyhana, atendeu ao SEBRAE em cursos de Atendimento e Vendas e foi coordenadora da Rede Microlins. Mãe de Bibiana e avó de Beatriz, cultiva também o carinho por sua cachorra Belkiz.

Berê Brazil

Mestranda em História Ambiental pela UFOB. Coordenou recentemente o Projeto “Vozes”, o qual vem criando uma política de Educação Ambiental para a Bacia do rio Grande, causa em que a autora vem se empenhando desde que chegou a Barreiras pelos idos de 1986. Fez televisão, rádio, jornal, teatro, cinema, música, dança e poesia vezes com a caneta na mão vezes com o corpo e a voz. Adora menino.

Brígida Neta de Freitas

Licenciada em Pedagogia, Terapeuta Integrativa, com especialização em Avaliação, Gestão Escolar e Informática Educativa. Atua como terapeuta, tendo como eixos estruturantes a Literatura Infância Juvenil, as mandalas terapêuticas e artísticas, a escrita expressiva criativa, autêntica e poética.

Camilo Uzêda

Camilo Otávio Alonso Uzêda nasceu em Salvador, Bahia, em 19 de dezembro de 1966, filho de Alcione Lopes da Silveira Uzêda e Zulica Alonso Uzêda, ambos in memoriam. Estudou no Colégio da Polícia Militar da Bahia, na Vila Policial Militar do Bonfim, concluindo seus estudos em 1984. No ano seguinte, ingressou na Academia de Polícia Militar, tornando-se aspirante-a-oficial em 1987.

Ao longo da carreira, percorreu toda a escala hierárquica, sendo promovido até tenente-coronel, último posto antes de passar para a reserva remunerada. Possui diversas pós-graduações, entre elas: Especialização em Metodologia do Ensino Superior, Gestão Estratégica da Segurança Pública (CEGESp), Introdução à Técnica de Ensino, Capacitação para Pesquisa Científica, Metodologia do Ensino, Qualidade de Ensino e Extensão em Gerência Estratégica da Tecnologia da Informação, entre outras.

Carlos Humberto Spezia

Carlos Humberto Spezia é graduado em Letras, com especializações em Gestão Estratégica, Educação de Jovens e Adultos e Bioética. Mestre em Linguística e doutor em Pedagogia, possui ampla experiência em Gestão Educacional, Treinamento de Professores de Língua Inglesa e Portuguesa, Educação de Jovens e Adultos, Educação em Saúde, além de Educação Profissional e Tecnológica.

Celso Almeida de Lacerda

Celso Almeida de Lacerda, natural de Santo Amaro da Purificação-BA, é mestre em Educação e bacharel em Ciências Contábeis. Professor da UNEB, ocupa a cadeira 19 da Academia Barreirense de Letras. Autor de mais de 100 poemas divulgados nas redes sociais, publicou o livro *Educação, obrigado pelo meu falar* e prepara a obra *Reflexões Cotidianas, sentimentos da alma*, atualmente em fase de construção.

Dalviene Pereira de Souza

Licenciada em Letras vernáculas e pós-graduada em Estudos linguísticos: leitura e produções de texto pela Universidade Estadual da Bahia. Professora de Língua Portuguesa e Arte no Ensino Fundamental II da rede municipal de Ensino de Baianópolis. Nasceu no dia 18 de agosto de 1969, filha de Pedro Salustriano de Souza primo e Geneliza Pereira de Souza, ambos lavradores. Mãe de dois filhos, Ana Paula e João Victor. Sua escolarização começou aos sete anos de idade, numa escolinha da zona rural, que funcionava na casa da professora, apesar de trabalhar na zona urbana, tendo uma vida ligada ao campo. Gosta de escrever crônicas, memórias literárias e poemas. Encontra na escrita uma maneira de se comunicar com o mundo.

Daniella Taveira dos Prazeres

É poeta, contista, professora da Educação Básica, natural de Barreiras, Bahia. Apaixonada pela família e pela arte da palavra. Licenciada em Pedagogia e Letras, com especialização em Litera-

tura Contemporânea. Tem publicações em livros: “Memória de vida: poesia e prosa” (Paco Editorial, 2021). “Fraternidade em movimento: 365 dias” (ABL, 2022). “Poiesis: antologia poética” vol. 4” e “Mulher e Poesia” (Cogito Editora, 2023 e 2024). “A margem do rio que sonhei” foi o conto selecionado no Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB, 2023). Começou a escrever na adolescência como forma de refletir sobre a sociedade e para superar as inquietações da vida.

David Duarte

Estudante, natural de Barreiras, Bahia, cursa a terceira série do Ensino Médio no Colégio da Polícia Militar – CPM Professor Alexandre Leal Costa. Começou a escrever aos oito anos, mas foi aos quinze que descobriu sua verdadeira paixão pela literatura e passou a se aprimorar na arte da escrita. Autor de um livro ainda inédito, dedica-se à produção de contos e poemas marcados pela emoção, intensidade e sensibilidade, transformando sentimentos profundos em palavras que tocam a alma.

Participou de diversas atividades literárias em sua escola e, em 2025, teve um poema autoral finalista do TAL (Tempos de Arte Literária), além de vencer o primeiro concurso literário de poemas da Academia Barreirense de Letras, na categoria do 2º ano do Ensino Médio. Vê na literatura um espaço de expressão, resistência e criatividade, acreditando que cada palavra tem o poder de transformar experiências em memórias e inspirar novos leitores.

Denizar Nogueira

Denizar Nogueira Barbosa, baiano natural de Barreiras, é Bombeiro Militar da Bahia, tendo construído sua trajetória pautada no compromisso com a proteção da vida e o serviço à sociedade. Paralelamente à carreira pública, dedica-se à literatura, sendo membro da Academia Barreirense de Letras. Autor de contos e poemas, destaca-se pelas obras *A Tramóia e Bocapiu*, nas quais expressa sua sensibilidade poética e o olhar atento sobre a cultura e as experiências humanas de sua região.

Esther Moreira

Esther Moreira é psicanalista clínica, formada em Psicanálise pelo Instituto Alef Beit, com especialização em Linguagem Corporal. Atua no acompanhamento emocional de crianças e adolescentes, auxiliando em seu desenvolvimento por meio da terapia holística e de abordagens terapêuticas alternativas. Apaixonada por fotografia, artes e poesias, escreve há 10 anos, encontrando na poesia uma forma de expressão silenciosa, capaz de traduzir pensamentos e sentimentos em seu mundo particular.

Euclides Araújo

Euclides Araújo é escritor e cristão, natural de Cristópolis-BA. Dedicase à produção de reflexões e contos que abordam fé, família e identidade, com o propósito de inspirar pessoas por meio da Palavra de Deus. Marido, pai, empreendedor e pecuarista, une sua vivência pessoal e profissional à escrita, transformando experiências em narrativas de esperança e propósito.

Eva da Silva Pais

Eva da Silva Pais, natural de Brejolândia-BA, barreirense de coração e mãe de duas filhas. Profissional docente que atua na Rede municipal de ensino há mais de 25 anos, nas classes de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos; com experiência em gestão escolar e coordenação pedagógica. É licenciada em Letras Vernáculas e Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Especialista Gestão Escolar (Faculdade São Salvador); Especialista em Educação Profissional integrada à modalidade de Jovens e Adultos (IFBA); Especialista em Psicopedagogia (UNYAHNA). Tem publicação de contos nas coletâneas 'Contos dos Cerrados, Mistérios dos Cerrados e Brincadeiras dos Cerrados, organizados pela Academia Barreirense de Letras.

Evanilda Miranda da Silva

Natural de Crateús no estado do Ceará, tem formação nas áreas de Pedagogia e Teologia. Especialista em Neurociências e psicopedagogia. Mãe de quatro filhos. Autora de vários textos, contos e poemas. Atua como coordenadora pedagógica da Escola Municipal Antônio Matos de Oliveira, na cidade de Barreiras estado da Bahia.

Felipe Miranda da Silva

Estudante da Escola Estadual de Tempo Integral de Cristópolis, jovem sensível às expressões culturais do sertão baiano, encontrou na palavra escrita uma forma de identidade, resistência e pertencimento. Dedicase à criação de cordéis, poemas e poesias que re-

tratam a vivência, a memória e os valores de sua terra. Participou da obra coletiva *Vem comigo que eu te conto*, assinando o texto “O Sertão em Chamas: Um Milagre e Renascimento”, que revela seu compromisso com a literatura como instrumento de reflexão e transformação social. Também integrou os Projetos Estruturantes da Bahia, experiências que fortaleceram sua formação cultural e educacional.

Vindo de família humilde, acredita na educação como ferramenta de mudança de vida e construção de futuro. Em seus versos, resume essa visão:

“A educação é o significado de beleza e o caminho certo é o da caneta.

Franco Porto

Franco Porto dos Santos é bacharel e licenciado em Biologia, com especializações em PROEJA e em Gestão Sustentável de Recursos Naturais. Coursou Mestrado em Ciências do Ambiente e Doutorado em Ecologia. Atua como consultor ambiental e gestor de projetos de sustentabilidade. Além da carreira acadêmica e profissional, dedica-se à criação de poemas, músicas e contos infantis como forma de suavizar a vida. É criador do canal de músicas *Pococatitos*, disponível nas plataformas digitais, e membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Giovana Leite

Giovana Fernandes Leite é psicóloga e psicanalista, natural de Umuarama-PR e radicada em Barreiras-BA. Especialista em Saúde Mental, Psicanálise Clínica e Neurolinguística, também se dedica à dança, à poesia, à pesquisa e

ao estudo da Língua Brasileira de Sinais. Organizadora e autora da antologia *Universo Onírico – Prosa e Poesia do Sonhar*, recebeu o Prêmio Destaque Literário 2023 pela Academia Interamericana de Escritores, consolidando sua atuação no campo da literatura e da cultura.

Inácio Cordeiro

Natural de São Desidério – BA, morou por sete anos, década de 80, na capital goiana, onde aprimorou a arte da “Pintura Publicitária”, tornando-se empresário no ramo de Comunicação Visual em Barreiras – BA. É artista visual, também, escritor, poeta, autor dos livros “Textos & Telas” e “O Preto e Branco e a Poesia Colorida”, ambos ilustrados com obras de sua autoria, compreendendo desenhos, pinturas e esculturas. Ocupa a cadeira sete da Academia Barreirense de Letras.

Isa Márcia de Souza

Isa Márcia de Souza é professora de Língua Portuguesa formada pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus IX, 2002). Possui pós-graduação em Leitura e Estudos Linguísticos (UNEB, 2007) e diversas especializações pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, incluindo Gestão Escolar na Educação Básica (2008), Conselhos Escolares (2008) e Orientação e Supervisão Escolar (2020). Foi diretora do Colégio Estadual Antônio Geraldo por 11 anos e vice-diretora do Centro Juvenil de Ciências e Cultura (CJCC) de Barreiras por 4 anos. Sua formação complementar inclui estudos em gênero e feminismo (IFBA, 120h) e participação em grupos de leitura feminista.

Publicou artigos sobre rodas de leitura em feiras científicas da UNEB e ministrou oficinas de contação de histórias, leitura e música no CJCC Barreiras.

Ivone Marques

Ivone Marques, natural de Cristópolis-BA e residente em Barreiras-BA, é sobrinha de Dona Nanoca, uma das mais conceituadas contadoras de histórias da Ribeira, região de Cantinho-Cristópolis. Inspirada pela tia, segue a trilha da contação de histórias, prática que cultiva há muitos anos, encantando familiares e amigos. Participou do livro *Vem Comigo que Eu Te Conto*, de Antônio Prado, com o conto “O Papagaio da Minha Sogra”. Pretende ampliar sua atuação para novos públicos e prepara o lançamento do conto Dona Capivara, submetido à coletânea *Bichos dos Cerrados*, organizada pela Academia Barreirense de Letras.

Jenilza Rodrigues dos Santos

Jenilza Rodrigues dos Santos é mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia (2023). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2000) e em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2012), possui especialização em Gestão Escolar, Orientação Educacional e Coordenação Pedagógica.

João Pinheiro

João Paulo Pinheiro Lima Primeiro nasceu em 31 de julho de 1990, em Paulista-PE, mas foi criado no Recife. Ingressou no Exército Brasileiro em 8 de fevereiro de 2010, cumprin-

do a maior parte do serviço militar temporário no 4º BEC, onde firmou seu nome localmente como Tenente Pinheiro. Em seguida, assentou praça na PMBA, atuando como Soldado PM em Mansidão, Rosário e Barreiras, contribuindo nesta última para a formação da juventude no Colégio da Polícia Militar.

Em sua trajetória acadêmica, possui os diplomas de Tecnologia em Segurança Pública e Licenciatura em História, além das pós-graduações em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e em História Militar. Atualmente, dedica-se aos cursos de Museologia e Antropologia.

Historiador registrado nos órgãos competentes (nº 0000002/BA) e reconhecido no cenário regional, é autor dos livros *Entre o Malho e o Fuzil* (2012 e 2022) e *Tiro, Guerra e Mito* (2015 e 2019). Seu próximo título, *Guardiões do Oeste*, tem previsão de lançamento em 2026. É o mais jovem imortal da Academia Barreirense de Letras, ocupante da cadeira nº 16, cujo patrono é Chico Anysio, e preside a comissão organizadora da coletânea de contos *Bichos dos Cerrados*.

José Paes Landim

José Paes Landim, natural de Santa Rita de Cássia-BA e residente em Salvador-BA, é imortal da Academia de Letras Santarritense (ASL) e cronista colaborador do jornal A Tarde desde 2004. Autor dos livros *Resgate de um Débito* (2013), *Fragmentos do Tempo na Voz do Rio Preto* (2015) e *Um Olhar pela Janela* (2019/2022), todos editados pela Empresa Gráfica da Bahia,

também participa de coletâneas literárias. Com trajetória marcada pelo compromisso cultural, social e filantrópico, mantém viva a ligação afetiva com sua terra natal, Formosa do Rio Preto-BA, e celebra sua longevidade saudável e produtiva como parte de sua alegria de viver.

Kauã Wilton Barbosa da Rocha

Natural de Barreiras-BA, concluiu a 3ª série do Ensino Médio no Colégio Estadual Duque de Caxias. Aos 18 anos, além de se dedicar aos estudos, nutre grande paixão pelas artes, tendo representado sua instituição com produções em artes plásticas durante concurso promovido pela Secretaria Estadual de Educação, na culminância dos Projetos Artísticos e Culturais.

Inspirado por professores, decidiu se aventurar na literatura, produzindo poemas e contos. Esta é sua primeira publicação literária.

Laura Ferreira Amorim

Natural de Barreiras-BA, nasceu em 2 de outubro de 2008 e tem 17 anos. Estudante do 3º ano do Ensino Médio no Colégio Enigma, fortaleceu nessa fase sua paixão pela literatura e pela escrita, iniciada aos 10 anos com o contato com obras de ficção e fantasia infanto-juvenis.

Apaixonada por explorar a criatividade, pretende seguir a vida como escritora, transformando palavras em histórias que refletem sua imaginação e sensibilidade

Layla Nunes Pinheiro

Layla Fernandes Nunes Pinheiro nasceu em 10 de fevereiro de 2015, em Barreiras-BA. Estudante do sexto ano na Escola Espaço do Aprendiz, é apaixonada pelas artes, dedicando-se à música, dança, pintura, teatro, cinema e literatura. Filha do escritor João Pinheiro e da psicóloga Wanderlany Nunes, aos onze anos já escreve seu primeiro livro de ficção com a colaboração dos amigos Felipe, Valentina e Isabella. Nesta coletânea, torna-se a mais jovem autora a publicar um conto pela Academia Barreirense de Letras, inspirando outras pessoas a perceberem que a criatividade não tem limites e pode conduzir à realização de grandes objetivos.

Márcia Rasia

Márcia Rasia Figueirêdo é mestre em Ciências Humanas e Sociais pela UFOB (2023) e pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (2009). Coordenadora pedagógica concursada do município de Barreiras-BA, atua também como professora, poeta, escritora e coach. Membro efetivo da Academia Barreirense de Letras, possui cinco livros publicados, participação em quatro obras na área educacional e em diversas antologias poéticas, incluindo duas bilíngues.

Maria Augusta da Silva Serpa

Maria Augusta da Silva Serpa é mestra em Ensino pelo PPGE/UFOB, graduada em Pedagogia e Artes Visuais pela UNEB e especialista em Educação Profissional Integrada à Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

(IFBA), Educação Infantil e Letramento, Tecnologia Educacional e Arte e Educação (Faculdade Vale do Gorumtuba). Professora da Rede Municipal de Ensino de Barreiras-BA, atua também na formação de professores da Educação Básica e de contadores de histórias. Autora dos livros *Minha Fazenda* e *Mariana e o Planeta Matemático*, do conto *Mistérios do Cerrado* e de diversos poemas, é sócia efetiva da Associação Artística-Cultural Mãos que Tecem Histórias (AACMQTH/BRASIL).

Marilde Guedes

Marilde Queiroz Guedes é pós-doutora em Educação/Universidade de Lisboa/PT. Doutora em Educação: Currículo pela PUC São Paulo/Brasil. Professora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Pesquisa: Currículo, Formação de Professores e Políticas Educacionais. ORCID: 0000.0002-9722-7505. Atual Presidente da Academia Barreirense de Letras.

Marília Guedes

Marília Queiroz Guedes Figueiredo, filha de Fabrício Silva Figueiredo e Yonnayra Queiroz Guedes, concluiu o 3º ano do Ensino Médio no Colégio GAUSS e atualmente cursa o Bacharelado em Direito na Universidade Federal do Oeste Baiano (UFOB). Apaixonada pela leitura e pela escrita, também pratica esportes e se destaca pelo perfil de liderança.

Marília Rosa Matos

Marília Rosa Matos, natural de Brotas de Macaúbas-BA, é filha de Vanderlino Martins de Matos e Dilce Rosa Campos de Matos, e mãe de Luiz Flávio e Marina. Graduada em Direito pela Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (1996), possui pós-graduação em Gestão Pública (2017) e recebeu o título de Doutora Honoris Causa em 2023. Exerceu a advocacia em Brotas de Macaúbas entre 1997 e 2013. Atuou como Delegada Adjunta em Santa Maria da Vitória (2014–2019), Delegada Plantonista na 1ª DT de Barreiras (2020–2021) e, desde setembro de 2021, exerce a função de Delegada Titular da DEAM Barreiras.

Marleide de Araújo

Marleide de Araújo é licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Pós-graduada em Docência em História e Geografia, com ênfase em Educação Ambiental, pelo Instituto de Educação Superior UNYAHNA de Barreiras, atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Ensino em Baianópolis.

Apaixonada por contos, poemas e memórias literárias, encontrou na escrita de contos uma forma de viajar pelo mundo da imaginação, transformando experiências em narrativas sensíveis e criativas.

Marta Maria Silva de Faria Wanderley

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Educação pela Universidade Internacional de Lisboa em parceria com a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e graduada em Pedagogia e Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora adjunta da UNEB, foi coordenadora do curso de Letras (UNED DCH IX e PARFOR) e dos programas PIBID e Residência Pedagógica.

Possui ampla experiência na área de Educação, atuando como docente e coordenadora pedagógica, e na área de Letras, como professora e coordenadora de cursos e projetos. Seus principais temas de pesquisa e atuação incluem ensino, aprendizagem, universidade, educação básica, espaços não formais, projetos, estágio e trabalhos acadêmicos. É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem.

Marya Paixão da Cruz

Maria Paixão da Cruz, natural de Barreiras-BA, é graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes. Professora da Rede Estadual da Bahia, tem poemas publicados nas obras *Poieses* e *Mulher Poesia*, ambas organizadas por Ivan de Almeida e editadas pela Cogito.

Miriam Hermes

Natural do Rio Grande do Sul, cresceu no Paraná e, desde 1984, reside em Barreiras-BA, onde desempenhou diversas funções ligadas à comunicação social em jornais, revistas, emissoras de rádio e TV. Desde 1997, atua como repórter do jornal *A Tarde*. Autora dos livros-reportagem *O Homem Geraldo Rocha* e *A Saga de um Empreendedor*, também participa de diferentes coleções literárias. Associada da Academia Barreirense de Letras (ABL) desde 2009, já exerceu diversos cargos na instituição, incluindo os de presidente e vice-presidente em três mandatos.

Raimundo Corado

Natural de Santa Rita de Cássia, Bahia, fruto de escolas públicas. Em 1988, foi aprovado em concurso público para Oficial de Justiça em Barreiras, hoje aposentado. É Bacharel em Direito, escritor sonetista e cordelista autor da obra *Versos & Rimas* com duas edições e de alguns cordéis, como *Queima Raparigal*, *Se o braço do rio falasse* e *Calos de um roceiro*. Recentemente, decidiu compor contos, como **O OLHO QUE CHORA E FALA**, na obra *Contos dos Cerrados*, pela ABL. É membro fundador da Academia Santa-Ritense de Letras e membro efetivo da Academia Barreirense de Letras.

Ramon Adrian Salinas Franco

Ramon Adrian Salinas Franco, filho de camponeses colombianos e naturalizado brasileiro, traz em sua trajetória a mistura de culturas, saberes populares e vivências latino-americanas. Tem

forte ligação com a cozinha tradicional, aprendida no cotidiano como forma de cuidado, memória e identidade.

No Brasil, aproximou-se da capoeira como aprendiz, movido pela paixão, encontrando nela uma expressão cultural, corporal e comunitária. Entre sabores, ritmos e histórias, desenvolveu gosto pela palavra, pela dança, pela arte e pelo diálogo.

Apaixonado por anime, pelo espírito boêmio e pela educação como prática transformadora, acredita no aprender como experiência viva, coletiva e sensível. Atua como educador, unindo cultura, escuta, movimento e conhecimento para formar pessoas e fortalecer comunidades.

Raquelly dos Santos Lima

Raquelly dos Santos Lima está cursando o Ensino Médio e tem interesse em diversas áreas artísticas e culturais. Toca flauta transversal, realizou cursos de pintura e de inglês, e em 2024 participou do curso *Poesia para Adolescentes*, que resultou na publicação de um livro com três poemas de sua autoria.

Em 2025, foi premiada em primeiro lugar no concurso da Semana da Água, promovido pela Embasa, consolidando sua trajetória inicial como jovem escritora e artista em formação.

Rayssa Camara

Rayssa dos Santos Camara nasceu em 25 de maio de 2010, na cidade de Brasília-DF. Desde cedo, demonstrou dedicação e disciplina nos estudos — qualidades que a acompanham em toda a sua trajetória escolar. Atualmente, cursa o primeiro ano do Ensino Médio

no Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa, instituição reconhecida pela excelência acadêmica e pela formação cidadã. Com empenho e tenacidade, Rayssa conquistou a graduação de Aluna CPM Aspirante-a-Oficial, título que simboliza não apenas mérito acadêmico, mas também sua determinação em alcançar objetivos e superar desafios. Essa conquista reflete sua postura comprometida e sua busca constante pela excelência.

Roberto de Sena

Roberto de Sena nasceu em Barreiras-BA, no bairro Barreirinhas, em 1960. Estudou Letras na UNEB e construiu sólida trajetória na comunicação social, tendo sido chefe de reportagem da TV Oeste, afiliada da Rede Globo, responsável pela criação do primeiro telejornal de Barreiras (1992). Atuou como assessor parlamentar na Assembleia Legislativa da Bahia por 12 anos e é fundador e editor do portal Mural do Oeste, um dos mais acessados da região. Autor de 12 livros, entre eles *Por Incresça que Parivel*, *As Primeiras luzes*, *A Viagem dos Versos*, *Se Eu Me Calasse Seria Muito Pior*, *O Jegue que Virou Celebridade* e *Águas do Oeste Baiano*. Possui ainda outros seis prontos para publicação. Também dirigiu o documentário sobre o compositor barreirense Alcyvando Luz. Membro fundador da Academia Barreirense de Letras, já participou de festivais de música e de eventos literários, como a FLIB 2024. Ativista cultural, dedica-se há mais de quarenta anos à literatura, à memória de Barreiras e ao fortalecimento da identidade regional.

Robson Batista

Robson José Batista, 47 anos, nasceu em Brasília-DF e reside em Barreiras-BA desde a adolescência. Pai de quatro filhos e avô de três netos, atua nas áreas de Saúde Integrativa, Educação e Cultura, com trabalhos em Psicanálise Sistêmica, Medicina Tradicional Chinesa e Quiquiopraxia. Acadêmico de Letras pela UNEB, é membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), cordelista e músico compositor. Idealizou o Instituto Alef Beit Clínica Integrativa e é autor de cinco obras em e-book: *Almas Gêmeas*, *Os 22 Passos, Letra Beit do Alfabeto Hebraico*, *SOS Minha Alma e Saúde Integrativa no Século XXI*. Na literatura, destacou-se com o projeto bíblico *Escola de Profetas*, ministrado na Bahia e no Distrito Federal, e com diversos cordéis, entre eles *ABC de um Adolescente*, que alcançou projeção nacional com cerca de 30 mil exemplares vendidos. Atualmente, concilia sua atuação clínica com viagens para ministrar formações e treinamentos, reafirmando sua dedicação à cultura, à educação e à espiritualidade.

Simone dos Santos Laranjeira

Natural de Bom Jesus da Lapa-BA, é graduada em Letras Vernáculas pela UNEB e pós-graduada em Metodologia da Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras de Candeias. Dedicada à formação de leitores e escritores críticos, é apaixonada pela arte de escrever e atua diariamente para inspirar seus estudantes a descobrirem sua própria voz por meio da literatura e da linguagem.

Thaiane Araújo Leite

Thaiane Leite, natural de Bom Jesus da Lapa-BA e residente em Barreiras-BA, é servidora pública, escritora e apresentadora do podcast *Voz Literária*. Apaixonada por livros e pela escrita, possui quatro obras publicadas em diferentes gêneros e participação em diversas coletâneas.

Em 2024 lançou o livro de poesias *Quando o meu eu não me basta*, que alcançou o posto de obra mais baixada na Amazon no dia do lançamento. Em 2025, o título ficou em segundo lugar na categoria “Melhor Título” do prêmio *Ecos da Literatura*.

Théo Araújo

Pai, cientista, escritor, cantautor e professor universitário. No campo literário escreve em diferentes estilos, sendo os principais a literatura infantil e a poesia. Como destaques de sua produção, temos o conto “O Casamento do Nego D’Água com a Noiva da Mata”, premiado no 2º Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB), e a interpretação da música “Ponta Grossa”, finalista do 20º festival de música da Rádio Educadora FM Bahia. Em 2022, o escritor se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), ocupando a cadeira 02.

Tina Laura

Tina Laura é escritora baiana, natural de Santa Rita de Cássia, filha de Vicente e D. Laura, considerados pilares de sua formação humana, literária e profissional.

Professora e membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), funda-

dora da Academia Santa-ritense de Letras (ASL) e da Academia Estudantil Euridiana de Letras. Começou a escrever poesias aos quinze anos, registrando suas memórias. Autora de livros voltados para crianças e adolescentes, também participa de coletâneas, como *Contos do Cerrado*, *Brincadeiras do Cerrado* e *Fraternidade em Movimento*. Entre suas obras destacam-se o livro de poemas *Valores e Palavras e Não Bullying Comigo*. Com estilo literário eclético, transita entre contos, crônicas e poesias, tendo como hobbies prediletos ler, escrever e dialogar suas obras.

Ubiracy Lima

Historiador, advogado e antropólogo, é especialista em Educação Especial, mestre em Ciências da Educação e em Ciências Jurídicas, além de doutorando em Ciências da Educação. Atua como professor da Educação Básica e do Ensino Superior, conciliando sua experiência acadêmica com a prática profissional. Advogado criminalista, previdenciário e das causas humanitárias há mais de duas décadas, construiu uma trajetória marcada pelo compromisso com a justiça, a educação e a defesa dos direitos humanos.

V.S. Passos

Vandevan Silva dos Passos é graduando em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desenvolvendo pesquisas que integram literatura, linguística e psicanálise. Apaixonado pelas palavras e seus sentidos, dedica-se ao estudo da linguagem como forma de compreender o humano em sua complexidade. Seus interesses vão

da análise do discurso à história da língua, passando pela criação literária e pelas questões identitárias. Escreve contos, poemas e reflexões que dialogam com a dor, a memória e a resistência. Para ele, pensar é um ato de existência, e escrever, uma forma de permanecer.

Valdélia Bomfim Ramaccotte

Valdélia Bomfim Ramaccotte Miranda (Déa) é pedagoga, psicopedagoga, especialista em Planejamento e Gestão Educacional e escritora. Participou de diversos concursos literários de poesia e tem publicações em coletâneas como *Poetize 2021*, *Antologia Poética dos Bardos Baianos da Bacia do Rio Grande*, *Contos dos Cerrados*, *Mistérios dos Cerrados* e *Brincadeiras dos Cerrados*, organizadas pela Academia de Letras de Barreiras (ABL). Também integra as antologias *Poesis Vol. 04*, lançadas na Bienal do Livro em Salvador (2022 e 2024), e publicou os livros *Rima Cor*, *Rima Flor*, e *Formosa: menina, moça e mulher — 50 anos de história*. Associada à AJEB/BA – Associação de Jornalistas e Escritoras da Bahia, exerce o cargo de orientadora educacional no município de Formosa do Rio Preto-BA.

Valdiva Antunes

Valdiva Antunes Pignata é baiana, graduada pela Universidade Estadual da Bahia e pós-graduada em Língua e Literatura pela Universidade de Goiânia (UNIVEST), além de Gestão e Administração de Escolas em Amparo, SP. Atuou como professora da rede estadual, lecionando Língua e Literatura para o Ensino Médio em diversos colégios de Barreiras e Cristó-

polis, onde também exerceu a função de coordenadora pedagógica. Participou de vários cursos de formação em Barreiras, Barra e Salvador. Contribuiu como revisora no livro *Bardos e Cardos*, de Antônia Prado, e integrou a coletânea *Vem que te conto*, da mesma autora. Teve texto publicado no **Jornal do Oeste** e colaborou na obra *Dom Ricardo e sua Trajetória na Diocese de Barreiras*. Foi indicada ao título de **Cidadã das Letras** pela Academia Barreirense de Letras. Além da atuação literária, trabalhou como comunicadora na Rádio São Vicente FM de Cristópolis. Atualmente aposentada, reacendeu o gosto pela escrita, dedicando-se especialmente à poesia.

Vivaldo Motta

Vivaldo Cecílio da Motta Filho, natural de Barreiras-BA (1960), estudou no Colégio Padre Vieira na década de 1970 e concluiu o 2º grau em Salvador, onde participou ativamente do movimento secundarista e estudantil, engajando-se na luta pela redemocratização do país. Graduado em Economia pela UCSal, retornou a Barreiras em 1999 e integrou a primeira turma de Direito da FASB. Membro da Academia Barreirense de Letras desde 2007, ocupa a cadeira nº 13 como membro permanente. Poeta, escritor e compositor, construiu sua trajetória marcada pelo compromisso cultural e pela valorização da literatura regional

Yasmin Correia Machado

Yasmin Correia Machado, nascida em 24 de setembro de 2008 em Barreiras-BA, é uma jovem de personalidade forte e marcada pela sensibilidade.

Criada em suas raízes baianas, traz em sua essência a fé e os ensinamentos da Umbanda, que orientam sua caminhada espiritual e sua forma de ver o mundo. Com valores fundamentados no respeito, na espiritualidade e na força interior, constrói sua história com autenticidade e propósito, refletindo sua identidade e visão de vida.

PATROCINADORES



ACADEMIA BARREIRENSE DE LETRAS

1ª EDIÇÃO BRASILEIRA: 2026

R. Ruy Barbosa, 67
Centro, Barreiras-BA
CEP: 47806-136, Brasil

Visite o nosso site: <https://www.academiabarreirensedelettras.org>



SELO EDITORIAL INDEPENDENTE

Contate-nos & **PUBLIQUE-SE!**



(11) 96736-8598



@editorialindependentebr



seloeditorialindependente@gmail.com



www.seloeditorial.com



Pinheiros, São Paulo/SP



Desde 2015 Realizando Sonhos
CNPJ: 42.878.186/0001-26 LTDA



Pólen 80g
Fonte Minion Pro
Impressão São Paulo



A coletânea Bichos dos Cerrados reúne 60 escritores de todas as idades em contos inspirados na fauna do Oeste Baiano.

Idealizada e organizada pela Academia Barreirense de Letras, a obra nasceu das comemorações dos 20 anos da instituição em 2025 e chega agora, em 2026, como símbolo de inclusão e diversidade literária.

Dos narrativos aos líricos e memorialistas, cada voz compõe um mosaico único da nossa fauna e da nossa cultura. Uma obra imperdível, que inspira e emociona!



ABL
SELO
EDITORIAL



SELO
EDITORIAL
INDEPENDENTE



978-65-84057-05-0